JOHANN WOLFGANG

GOETHE

OS SOFRIMENTOS DO JOVEM

WERTHER

EDIÇÃO COMENTADA

L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JOHANN WOLFGANG GOETHE

Os Sofrimentos do Jovem
WERTHER

Edição comentada

TRADUÇÃO, ORGANIZAÇÃO, PREFÁCIO,
COMENTÁRIOS E NOTAS DE
MARCELO BACKES

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Prefácio

Marcelo Backes

A literatura alemã divide-se em antes e depois de *Werther*. Se na lírica a Alemanha setecentista tinha Klopstock e no drama tinha Lessing,*[1] no romance ainda não havia produzido nenhuma obra viva, moderna, verdadeiramente atual. Se Klopstock dignificava a literatura com seus versos nobres e bem talhados, no teatro Lessing tornara-se um nome universal, conduzindo a dramaturgia alemã a alturas jamais vistas. No romance, contudo, ainda faltava o grande autor e, com ele, a grande obra. Antes de *Werther*, de Goethe...

Ao escrever *Werther*, em 1774, Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) alcançava sua primeira obra de sucesso e, de quebra, dava início à prosa moderna na Alemanha e antecipava a entrada da Europa no romance oitocentista e burguês. Foi logo depois do *Werther*, também, que os alemães deram à Literatura Universal algumas de suas maiores obras, talvez o maior número delas, tornando-se uma das literaturas mais imponentes do mundo.

Werther não é, simplesmente, um romance em cartas assim como *A nova Heloísa* de Rousseau ou *Pamela* de Richardson, modelos deste tipo de romance antes da empreitada goetheana. Nessas obras, embora haja uma personagem principal nítida, são as missivas de vários correspondentes que forjam a narrativa. A obra de Goethe é – no entanto e muito antes – o romance de uma alma, uma história interior, que antecipa, inclusive, a opulência psicológica de *Afinidades eletivas*, uma das obras-primas do autor. O "eu" mostra-se tão forte, o sujeito se evidencia tão vigoroso no romance, que não permite a aparição escrita dos correspondentes e se assegura tão somente na sua própria opinião. Em *Werther* todas as cartas são escritas pelo herói e apenas emendadas por um suposto editor.

Guilherme, o destinatário das cartas, faz o papel do leitor, e Goethe conduz o romance de maneira magistral. Se Werther se dirige de maneira indireta ao leitor através de Guilherme, o editor-personagem – que intervém no início do livro para explicar a compilação das cartas, um punhado de vezes nas notas de rodapé e ao final, para arredondar a história – o faz de maneira direta. Ele interrompe para estipular fatos, esclarecer dúvidas e o faz de maneira objetiva – embora ame o personagem –, opondo-se à subjetividade fogosa da narração de Werther.

Tudo no romance é construído para afirmar o sujeito. As cartas de Werther o fazem – desta vez – de maneira direta. O amor do "editor" ao personagem, assim como a natureza em todo seu fulgor – a natureza ajusta-se, em sua beleza e fúria, à alma de Werther – o fazem de maneira indireta. E *Werther* torna-se, assim, o primeiro romance da História da Literatura Univeral em que um personagem vai em busca do absoluto através de suas próprias experiências e vivências íntimas neste mundo,

através do amor ao próximo e do amor à natureza.

Em *Os sofrimentos do jovem Werther* há muito de autobiografia e uma boa dose de estranhas relações entre o romance e a vida real de seu autor e um círculo de amigos de Wetzlar, cidade alemã que Goethe habitava à época em que escreveu o livro. Goethe estava de fato apaixonado por Carlota (Charlotte) Buff, mulher de Johann Kestner. O autor manteve correspondência assídua com o casal, mesmo depois de publicado o livro, e chegava a afrontar a união dos dois com declarações – nem tão sutis – de amor, endereçadas a Charlotte. A primeira parte do romance é a história dessa paixão, o que é reconhecido pelo próprio Kestner *(ver Adendo, ao final)*.

A segunda parte – e o desenlace – é a história e a tragédia de Karl Wilhelm Jerusalem. O moço também fazia parte do círculo de amigos e, apaixonado pela mulher dum outro membro do grupo (secretário Herd), teve a mesma sorte – sem tirar nem pôr quase nada – do Werther de Goethe. O interessante é que Goethe ficou sabendo da história do desgraçado através de uma carta do próprio Kestner – o marido de sua Charlotte –, que, por fatalidade, emprestara as pistolas a Jerusalem, a quem só tinha visto um par de vezes. Assim, Werther, que era Goethe, incorporou Jerusalem, para morrer como este e deixar o autor – também em transe de paixão – vivo. As pistolas, na realidade e na ficção, foram dadas por Kestner-Alberto. A história é intrincada e o escritor Theodor Fontane, um dos maiores romancistas alemães do século XIX, manifestou seu pasmo e sua admiração pelo fato de Goethe ter alcançado, com a junção de tantos elementos diferentes – da vida e da arte –, uma obra com tanta unidade e vigor.

Werther foi um testemunho de como a literatura tinha poder de agir na sociedade. Não foram poucos os suicídios atribuídos ao romance. O bispo, Lorde Bristol, chegou a acusar *Werther* de ser uma obra imoral, que levava os jovens a se suicidarem. Goethe respondeu-lhe, na lata, que se ele falava nesse tom do seu pobre *Werther*, com que tom deveria falar dos poderosos da terra. Com um traço de sua pena, eles mandam milhares de pessoas à guerra – onde estas se matam e se trucidam –, enquanto a própria Igreja agradece aos céus por isso e lhes entoa um *Te Deum* em louvor.

Goethe escreveu o romance em quatro semanas. Sempre se gabou de que Napoleão havia lido "seu livrinho" sete vezes e o carregava consigo em sua Biblioteca de Campanha. Quando o imperador francês encontrou o grande escritor alemão em 02 de outubro de 1808, disse: "Eis um homem" e o louvou por seus escritos, ao que Goethe, meio descontente pela invasão exitosa da França na Alemanha, respondeu de maneira lacônica, desconversando. Ao fim do colóquio, Napoleão convidou-o para visitá-lo em Paris. O reencontro jamais aconteceu.

O romance de Goethe é inusitadamente curto para os padrões da época – *A nova Heloísa*, por exemplo, tem oitocentas páginas. *Werther* é um fulgor, um raio atravessando o horizonte da Literatura Universal. Construído sobre um arcabouço quase dramático, os acontecimentos sucedem-se num *crescendo* quase martirizante, anunciando e preparando a catástrofe. Todos os acontecimentos que rodeiam o núcleo do romance entre Werther e Carlota – caracterizado pela sua unilateralidade trágica – são simbólicos e antecipam ou indiciam o comportamento do próprio Werther,

justificando seu passo final. Altissonante na forma e dolorido na exposição de sua tragédia, o personagem ata o nó da nossa garganta por várias vezes, dói fundo no peito e invoca a solidariedade do sofrimento.

De sobra no romance, a beleza sintética de uma metáfora, que fez de um personagem secundário a "pedra de Bolonha", o fulcro irradiante de um amor que toca mesmo sem estar presente. O trecho é aquele em que Werther manda seu criado à casa da amada Carlota apenas para, diz: "ter junto de mim alguém que tivesse estado em sua presença". E continua: "Com que impaciência o esperei, com que alegria tornei a vê-lo! Não tivesse vergonha e teria me atirado ao seu pescoço e coberto seu rosto de beijos". Logo vem a metáfora e a beleza é muita: "Falam que a pedra de Bolonha, quando exposta ao sol, absorve os seus raios e reluz por algum tempo durante a noite. Dava-se o mesmo comigo e aquele rapaz. A lembrança de que os olhos de Carlota haviam pousado em seu rosto, em suas faces, nos botões de sua casaca e na gola de seu sobretudo, tornava-no tão querido, tão sagrado para mim! Naquele momento não daria aquele rapaz nem por mil táleres! Me sentia tão bem em sua presença..."

Em sua intensidade plena de dor, o *Werther* jamais deixará de fazer-nos sentir o sobressalto diante daquilo que é irremediável. Exatamente como a "pedra de Bolonha", *Werther* parece ter absorvido a paixão do mundo na dor criativa de um gênio, voltando a refleti-la, de novo e sempre, no instante da leitura. A obra corresponde, em sublime plenitude, ao mesmo amor que todos – pelo menos os que de fato o entendem: amor e *Werther* – um dia sentiram, sentem e sentirão.

Para terminar conforme o trecho de Goethe – que a altissonância reverente nesses assuntos vai bem, o ceticismo claudica e a literatura, ademais, é boa –, "Deus te livre de rir disso", leitor!

Os Sofrimentos do Jovem

Werther

Tudo aquilo que me foi dado encontrar na história do pobre Werther, eu ajuntei com diligência e agora deposito à vossa frente, sabendo que havereis de me agradecer por isso. Não podereis negar vossa admiração e vosso amor ao seu espírito e ao seu caráter, nem esconder vossas lágrimas ao seu destino.

E tu, boa alma, que sentes o Ímpeto da mesma forma que ele o sentiu, busca consolo em seu sofrimento e deixa que o livreto seja teu amigo se, por fado ou culpa própria, não puderes achar outro mais próximo do que ele.

Primeira Parte

Aos 04 de maio de 1771.

Como estou contente de ter partido! Ah, meu amigo, o que é o coração humano! Deixar-te, a ti que eu tanto amo, de quem eu era inseparável, e estar contente! Sei que me perdoarás. Não estavam todas as minhas demais relações como que escolhidas pelo destino a fim de afligir um coração como o meu? A pobre Leonor! E contudo eu era inocente! Podia eu fazer algo se, enquanto o encanto teimoso de sua irmã me proporcionava tão agradável companhia, uma paixão se acendia em meu pobre coração? E todavia... serei eu totalmente inocente?[2] Não alimentei seus sentimentos? Não me deleitei com as sinceras expressões daquela criatura, expressões que tantas vezes nos fizeram rir, embora na realidade fossem tão pouco dignas de riso? Não fiz eu... Oh, o que é o homem, para se atrever a lamentar-se sobre si mesmo! Eu quero, dileto amigo, eu te prometo que quero corrigir-me, nunca mais haverei de, como sempre fiz, beber até a última gota os males que o destino nos reserva. Quero gozar o presente e o passado será passado para mim. É claro, caríssimo, que tu tens razão. As dores dos homens seriam menos agudas se eles não... Deus sabe por que eles são feitos assim! Se ocupar com tanta assiduidade da fantasia, chamar de volta a lembrança dos males passados, ao invés de tornar o presente suportável...

Tu és tão bom para comigo que, com certeza, não verás problema em dizer a minha mãe que estou tentando me ocupar da melhor forma possível dos negócios dela e que, em breve, haverei de lhe dar notícias a respeito de seu andamento. Falei com minha tia e nem de longe encontrei a mulher má que as pessoas tentam fazer dela. Ela é viva e impetuosa, dona do melhor dos corações. Expus-lhe as queixas de minha mãe sobre o fato de ficar com parte da herança, ela me deu suas razões, seus motivos e as condições segundo as quais está pronta a entregar-nos tudo, e inclusive mais do que nós reclamamos... Resumindo, não me agrada continuar escrevendo acerca disso; diga a minha mãe que tudo haverá de acabar bem. Neste insignificante negócio só fiz comprovar mais uma vez, meu caro, que os mal-entendidos e a indolência talvez causem mais enganos no mundo do que a esperteza e a maldade. De qualquer modo as duas últimas são, por certo, mais raras.

De resto estou me sentindo muito bem por aqui. A solidão destas campinas paradisíacas é um bálsamo delicioso para o meu peito, e essa época de juventude aquenta com toda plenitude meu coração tantas vezes tiritante. Cada árvore, cada moita é um ramo de flores, e a gente faria gosto em se transformar num besouro para esvoaçar nesse mar de perfumes e poder sugar todos os seus alimentos.

A cidade em si é desagradável, mas nos arrabaldes a natureza é de uma beleza indizível. Foi o que levou o falecido Conde de M... a plantar um jardim sobre uma daquelas colinas, que se sucedem umas às outras com tanta variedade, formando vales plenos de delícia. O jardim é simples, e logo à entrada a gente sente que o seu esboço não foi elaborado por um jardineiro que domina a ciência, mas por um coração sensível,[3] que ali queria deleitar-se e gozar-se a si mesmo. Alguma lágrima já consagrei a sua memória, num pavilhão arruinado que foi o seu lugarejo favorito e hoje é também o meu. Em breve serei o senhor do jardim; o jardineiro já simpatiza comigo tão-só pela convivência destes poucos dias e não achará mal se eu ficar por ali em definitivo.

10 de maio

Uma serenidade admirável domina minha alma inteira, semelhante à doce manhã primaveril que eu gozo de todo o coração. Estou tão só e minha vida é feita de alegrias por viver numa região que parece ter sido criada para almas como a minha. Estou tão feliz, meu amigo, tão mergulhado na sensação de minha calma existência, que a minha arte sofre com isso. Não poderia desenhar nada agora, nem sequer um traço, embora jamais tenha sido tão grande pintor quanto neste instante. Quando a bruma do vale se levanta a minha volta,[4] e o sol altaneiro descansa sobre a abóbada escura e impenetrável da minha floresta, e apenas alguns escassos raios deslizam até o fundo do santuário, ao passo em que eu, deitado no chão entre a relva alta, na encosta de um riacho, descubro no chão mil plantinhas desconhecidas... Quando sinto mais perto de meu coração a existência desse minúsculo mundo que formiga por entre a relva, essa incontável multidão de ínfimos vermes e insetinhos de todas as formas e imagino a presença do Todo-poderoso, que nos criou a sua imagem e semelhança, e o hálito do Todo-amado que nos leva consigo e nos ampara a pairar em eternas delícias... Ah, meu amigo, quando o mundo infinito começa a despontar assim ante meus olhos e o céu se reflete todo ele em minha alma, como a imagem de uma amada... Então suspiro profundamente e penso: Ah! pudesses tu voltar a expressá-lo, pudesses tu exalar o sentimento e fixar no papel aquilo que vive em ti com tanta abundância e tanto calor, de maneira que o mesmo papel pudesse se fazer o espelho de tua alma, como tua alma é o espelho do Deus infinito! Meu amigo! Mas vou ao chão ante isso, sucumbo ante o poder e a majestade dessas aparições.[5]

12 de maio

Não sei se erram por esta região espíritos da ilusão, ou se é a quente e celestial fantasia que se apossa do meu peito, fazendo com que tudo pareça tão paradisíaco ao meu redor. Logo ali, à entrada do lugar, há uma fonte, uma fonte à qual estou preso como Melusina[6] e suas irmãs. Ao desceres uma pequena colina e te achares diante de uma gruta, que desce por cerca de vinte degraus, verás a mais límpida das águas jorrar através do mármore. O pequeno muro, que faz a proteção pela parte de cima, as grandes árvores, que fazem sombra envolvendo o espaço, o frescor do lugar... tudo tem algo tão insinuante, tão estremecedor. Não passa um dia sem que eu descanse ali

por uma hora. É ali que as moças da vila vêm buscar água, ocupação das mais inocentes e das mais necessárias, que outrora não era desdenhada nem pelas filhas dos reis.

Quando estou sentado ali a idéia do patriarcalismo vive de maneira tão intensa em mim, que fico a pensar como eles todos, os senhores de antanho, ali se conheciam e ali arranjavam casamento, numa época em que os espíritos benfazejos erravam em volta das grutas e fontes. Oh, jamais se refrescou à beira de uma fonte depois de uma penosa caminhada sob um sol ardente aquele que não é capaz de sentir o que estou sentindo!

13 de maio

Tu perguntas se deves enviar-me os meus livros... Meu caro, te peço pelo amor de Deus, deixa-os longe do meu pescoço. Não quero mais ser guiado, animado e afogueado... Este coração já fermenta o bastante por si próprio. Necessito muito antes de canções que embalem, e essas eu achei à suficiência em meu Homero. Quantas vezes tenho de ninar o meu sangue revolto até acalmá-lo... Tu sabes que não existe no mundo nada tão instável, tão inquieto quanto o meu coração. Se é que tenho necessidade de dizê-lo a quem tantas vezes carregou o fardo de me ver passar da aflição à digressão, da doce melancolia à paixão furiosa, meu caro! É por isso que trato meu coraçãozinho como uma criança doente, satisfazendo-lhe todas as vontades. [7] Não diga isso adiante, há pessoas que poderiam usá-lo contra mim.

15 de maio

As pessoas simples do lugar já me conhecem e gostam de mim, sobretudo as crianças. Fiz uma triste constatação. Quando eu, de começo, me aproximava delas e lhes perguntava, em tom amistoso, sobre isso e aquilo, algumas creram que eu queria fazer troça com elas e me ignoraram com bastante rudeza. Não deixei que isso me aborrecesse, apenas senti com mais vivacidade algo que já havia observado há tempo: Pessoas de uma certa categoria conservam-se sempre a uma calculada distância do povaréu comum, como se acreditassem perder algo através da aproximação. E há passantes e brincalhões daninhos, que só aparentam descer ao pobre povo para magoá-lo ainda mais com sua alegria doida.

Eu sei muito bem que não somos todos iguais, que não podemos sê-lo, mas sustento que aquele que acredita ser necessário permanecer longe do chamado populacho para manter a dignidade, é tão censurável quanto um covarde, quanto alguém que se esconde de seus inimigos com medo de sucumbir ao final.

Há pouco fui à fonte e encontrei uma jovem criada que pousara a bilha no último degrau das escadas e olhava a sua volta, a ver se não vinha uma de suas companheiras para lhe ajudar a pôr a vasilha sobre a cabeça. Desci e olhei para ela, perguntando: “Quereis que vos ajude, donzela?” Ela fez-se rubra como fogo. “Oh, não, senhor!”, respondeu, “não quero causar transtornos!” Endireitou o apoio almofadado sobre a cabeça, e eu ajudei-a. Ela agradeceu e subiu logo depois.

17 de maio

Estabeleci relações de toda espécie, mas ainda não achei companhia efetiva. Não sei o que tenho de atraente aos olhos das pessoas, há tantos que se agradam de mim e a mim se prendem, que chega a me doer ter de abandoná-los, depois de os acompanhar por trechos que às vezes se mostram tão curtos. Se me perguntares como são as pessoas por aqui tenho de te responder: como em todo lugar! É uma coisa bastante uniforme a espécie humana. Boa parte dela passa seus dias trabalhando para viver, e o poucochinho de tempo livre que lhe resta pesa-lhe tanto que busca todos os meios possíveis para livrar-se dele. Oh, destino dos homens!

Mas é um belo tipo de povo! Se por vezes me esqueço do mundo e gozo, junto de outras pessoas, os prazeres que ainda são permitidos aos homens, como o de se entreter a conversar aberta e cordialmente ao redor de uma mesa bem servida, o de realizar um passeio de carruagem ou o de arranjar uma dança na hora certa, tudo isso produz em mim um efeito bastante agradável. Apenas não me agrada lembrar que há tantas outras faculdades descansando em mim, que bem podem enferrujar se não forem usadas, e por ora tenho de ocultar com cuidado. Ah, como isso confrange o coração! E, todavia, ser incompreendido, é esse o destino da gente!

Ah, por que a amiga da minha juventude ficou para trás?! E por que eu a conheci?! Eu deveria proclamar: és um louco, procuras o que já não está mais aqui embaixo... Mas foi minha, essa amiga, senti esse coração, essa grande alma, em cuja presença eu julgava ser mais do que era, porque era tudo o que podia ser. Meu bom Deus! Ficou inativa sequer uma de minhas faculdades naquela época? Não podia eu expandir por completo diante dela aquele admirável sentimento com o qual meu coração abraça a natureza? Não foi o nosso convívio um eterno tecer das mais finas sensações, dos mais afiados gracejos? E mesmo as mudanças de humor, que chegavam à indelicadeza de quando em vez, não eram desenhadas com o selo da genialidade? E agora... Ah, os anos que ela tinha a mais do que eu a atiraram à cova antes de mim. Jamais a esquecerei, jamais esquecerei sua retidão de alma e sua divina indulgência.[8]

Há alguns dias encontrei o jovem V..., um rapaz franco e aberto, com uma feição até bastante feliz. Ele acaba de sair da Universidade, não se julga exatamente um sábio, mas acredita, de qualquer forma, saber mais do que os outros. Também era diligente, coisa que percebi logo. Em resumo, possuía um certo conhecimento. Como ouvira que eu desenho e conheço o grego, dois meteoros nestas terras, se agarrou a mim, desentulhou todo o seu saber, de Batteux a Wood, de De Piles a Winckelmann, me garantiu que leu de cabo a rabo o primeiro volume da Teoria de Sulzer e que possuía um manuscrito de Heyne[9] sobre o estudo da antigüidade. Deixei a coisa correr.

Tive o prazer de conhecer ainda um outro homem de mérito. É o bailio do príncipe,[10] um homem franco e leal. Diz-se que alegra a alma vê-lo em meio aos filhos, e ele tem nove. Fala-se sobretudo de sua filha mais velha. Convidou-me a ir visitá-lo e eu irei logo que puder. Mora num pavilhão de caça do príncipe, há cerca de meia hora daqui. Permitiram-lhe retirar-se para lá depois da morte da esposa, por lhe ser demasiado penoso viver alternadamente na cidade e em sua casa.

Além disso, tenho encontrado em meu caminho alguns originais bem desfigurados, nos quais tudo é insuportável, sobretudo as provas de amizade.

Adeus! Haverás de gostar da carta. É bastante histórica.[11]

22 de maio

Que a vida humana é apenas um sonho outros já disseram, mas também a mim esta idéia persegue por toda a parte. Quando penso nos limites[12] que circunscrevem as ativas e investigativas faculdades humanas; quando vejo que esgotamos todas as nossas forças em satisfazer nossas necessidades, que apenas tendem a prolongar uma existência miserável; quando constato que a tranqüilidade a respeito de certas questões não passa de uma resignação sonhadora, como se a gente tivesse pintado as paredes entre as quais jazemos presos com feições coloridas e perspectivas risonhas – tudo isso, Guilherme, me deixa mudo. Meto-me dentro de mim mesmo e acho aí um mundo! Mas antes em pressentimentos e obscuros desejos que em realidade e ações vivas. E então tudo paira a minha volta, sorrio e sigo a sonhar, penetrando adiante no universo.

Que as crianças não sabem o porquê de desejarem algo, todos os pedagogos estão de acordo. Mas que também homens feitos se arrastem como crianças, titubeando sobre a face da terra, e, exatamente como elas, não saibam de onde vêm e para onde vão, até mesmo que não têm um fim determinado para suas ações, igualmente governados por biscoitos, balas e chibatas, ninguém faz gosto em acreditar. Quanto a mim, parece-me que não há realidade mais palpável do que essa.

Concordo de boa vontade, até porque sei o que vais me dizer a respeito disso, que são exatamente essas as pessoas mais felizes. Essas mesmas que, como as crianças, vivem o dia-a-dia sem pensar no futuro, arrastam suas bonecas por aí, vestem-nas, despem-nas, e volteiam cheias de respeito diante da gaveta onde mamã chaveia os bombons, e quando logram êxito, enfim, fazendo com que ela os dê, devoram-nos estufando a boca e gritando: Mais!... Sim, estas é que são criaturas felizes! A coisa também vai bem para aqueles que dão um título imponente para seus trabalhos vagabundos, ou até para os seus sofrimentos, e os descrevem como obras gigantescas feitas em prol da salvação e da prosperidade do gênero humano... Feliz daquele que consegue proceder assim! Mas aquele que reconhece em sua humildade onde tudo isso vai parar, quem vê quão gentil é o burguês ao ornamentar seu jardinzinho e elevá-lo à categoria de paraíso; quem tem noção de como o infeliz se arrasta infatigável pelo caminho, sob seu fardo, interessado apenas em contemplar por um minuto a mais a luz do sol – este, asseguro, também é tranqüilo e, ao construir um mundo dentro de si, é feliz do mesmo jeito por ser humano. E então, por mais limitado que esteja em seus movimentos, ele mantém no coração a doce sensação da liberdade, sabendo que poderá deixar o seu cárcere quando quiser.

26 de maio

Conheces há muito meu modo de viver. Sabes como, quando encontro um lugar que me convenha, faço ares de dono e construo nele a cabaninha[13] onde passo a

morar com toda a frugalidade. Também aqui acabo de encontrar um cantinho que me atraiu e me prendeu.

A cerca de uma hora da cidade, encontra-se um lugar que chamam de Wahlheim.[14] A situação numa colina é muito interessante, e quando se sobe pelo atalho que conduz até lá, abraça-se o vale inteiro num olhar. Uma boa senhora, ainda esperta para sua idade, mantém ali uma taverna onde vende vinho, café e cerveja. Mas o que há de melhor são as duas tílias cujos galhos espessos cobrem a pracinha em frente à igreja, cercada toda ela por herdades, pátios e choupanas. Jamais achei um lugar tão sossegado, tão íntimo; e é ali que mando pôr minha mesa, tirada da pousada, e minha cadeira, bebo meu café e leio meu Homero. A primeira vez em que a sorte de um acaso me levou para baixo das tílias, num belo meio-dia, achei aquele lugar tão solitário. Todo mundo havia ido para o campo. Só um rapagote de cerca de quatro anos estava sentado no chão segurando outro, de mais ou menos meio ano, acolhido entre suas pernas, com os dois bracinhos encostados a seu peito, de forma a lhe servir como uma espécie de poltrona. E apesar da vivacidade com que seus olhos negros giravam à volta, estava bem tranqüilo. Me causou prazer aquele espetáculo: sentei-me sobre um arado que jazia ali perto, e desenhei com gosto aquela fraterna atitude. Acrescentei ao desenho a cerca próxima, a porta de um celeiro e umas rodas de carroça quebradas, tudo exatamente como se apresentava; depois de ter passado uma hora achei que havia terminado um desenho interessante, bem ordenado, sem pôr nele absolutamente nada de minha própria lavra mental. Isso só fez fortalecer meu propósito de doravante me prender apenas à natureza. Só ela é infinitamente rica e só ela é que forma os grandes artistas. Pode-se dizer muito a favor das regras, mais ou menos tanto quanto se pode dizer para louvar as etiquetas da sociedade burguesa. Um homem que se forme seguindo-as, jamais produzirá algo falto de gosto e ruim. Da mesma forma que alguém que se molda segundo as leis e as boas maneiras jamais será um vizinho insuportável, ou um malvado digno de nota. Mas, em compensação, as regras, por mais que se diga algo em favor delas, destroem o verdadeiro sentimento da natureza e sua genuína expressão! Tu dirás com certeza que isso é por demais duro, que a regra indica apenas um limite, só faz podar os galhos parasitas, etcétera...

Meu bom amigo, queres que eu faça uma comparação? Com esse tipo de coisa ocorre a mesma coisa que com o amor. Um coração juvenil pende inteira e unicamente de uma moça, passa a seu lado todas as horas do dia, oferece-lhe todas as suas forças, tudo o que possui para lhe deixar claro a todo instante que se entregou a ela por inteiro. E eis que vem um filisteu, um homem de boa posição, com cargo público, e lhe diz: “Meu bom rapaz! Isso de amar é próprio do homem; porém tendes de amar como homem! Dividi bem o vosso tempo, dedicando parte dele ao trabalho, e as horas de folga à vossa namorada. Calculai vossa fortuna e, com o que sobrar depois de atendidas vossas necessidades, não vos proíbo de dar a ela de vez em quando, mas não com muita freqüência – talvez no aniversário e no dia do seu santo –, um presentinho...” Se o nosso rapaz seguir esses conselhos, se tornará uma pessoa bastante útil, e eu até mesmo o recomendaria a qualquer príncipe, a fim de lhe dar um emprego em sua chancelaria; mas quanto ao amor, adeus... E se for artista, adeus talento. Ó meus amigos! Por que é que a torrente do gênio transborda tão poucas vezes e tão poucas vezes chega a ferver, em encrespadas ondas, sacudindo vossas

almas letárgicas? Queridos amigos... É que além, nas duas margens, habitam homens graves e ponderados, cujas casinhas ajardinadas, prateleiras de tulipas e campos de hortaliças seriam levados pela torrente se os mesmos não houvessem sabido defender suas propriedades do perigo iminente a tempo, construindo diques e desvios.

27 de maio

Perdi-me, pelo que vejo, no entusiasmo, nas comparações, na declamação e por isso acabei esquecendo de te contar o que foi feito das duas crianças.

Estava eu sentado por cerca de duas horas em meu arado, absorto em sensações artísticas, que vieram a dar na carta bastante desconchavada de ontem. Foi então que, ao cair da tarde, veio em direção aos meninos – que permaneceram imóveis durante todo esse tempo – uma jovem mulher com um cestinho no braço, e chamou de longe: "Felipe, tu és de fato um bom rapaz!" Saudou-me e eu correspondi à saudação. Levantei-me e, aproximando-me dela, perguntei se era a mãe daquelas crianças. Ela confirmou e, dando ao mais velho a metade de um pãozinho, tomou o outro em seus braços e o beijou com o mais intenso amor maternal. "Encarreguei o meu Felipe", disse ela, "de cuidar do pequeno e fui com o meu filho mais velho à cidade, a fim de buscar pão branco, açúcar e uma frigideira de barro." Vi que trazia tudo aquilo no cestinho, cuja tampa havia caído. "Quero fazer uma sopinha para o meu Joãozinho (era este o nome do mais novo) à noite. Ontem o mais velho, que é um avoado, quebrou a frigideira ao disputar com Felipe a raspa da papa que eu havia preparado." Perguntei pelo mais velho e ela mal conseguiu me responder que ele andava a correr atrás dos gansos no pasto, quando o próprio apareceu, saltando e trazendo ao segundo um galho de avelãs. Continuei a conversar com a mulher e soube que era filha do mestre-escola, e que seu marido havia viajado à Suíça em busca da herança de um primo... "Quiseram enganá-lo", disse ela, "e não responderam a suas cartas, de modo que teve de ir para lá pessoalmente. Deus queira que não tenha lhe acontecido nada, pois não tenho nenhuma notícia a respeito dele." Foi custoso para mim separar-me daquela mulher; dei um cruzado a cada uma das duas crianças, outro à mãe, a fim de que comprasse um pãozinho para a sopa do menor quando fosse à cidade, e assim nos separamos.

Te digo, meu amigo, que quando estou a ponto de perder o juízo, todo o tumulto interior se me apazigua com a visão de uma criatura como aquela, que percorre o círculo estreito de sua existência em ditoso abandono e encontra cada dia o necessário; e vê cair as folhas sem pensar em mais nada senão em que o Inverno está chegando.

Desde então vou para lá com freqüência. As crianças estão habituadas a mim por completo. Quando tomo café, dou-lhes açúcar, e elas compartilham comigo o pão com manteiga e o requeijão ao entardecer. Aos domingos não lhes deixo faltar seu cruzado, e se não estou ali à hora da missa, a taverneira tem ordens de distribuí-lo.

Elas já confiam em mim e contam-me todo tipo de histórias. O que mais me diverte são seus ciúmes e os ingênuos arrebates de possessividade quando se reúnem ali outras crianças da aldeia.

Custou-me muito sossegar a mãe, sempre preocupada com o fato de eles

“estarem incomodando aquele senhor!”

30 de maio

Aquilo que eu te dizia há pouco da pintura pode, por certo, aplicar-se à poesia. Trata-se apenas de sentir o que é primoroso e ousar exprimi-lo, e isto é, para ser exato, dizer muito em poucas palavras. Testemunhei hoje uma cena que, reproduzida, daria o mais belo idílio deste mundo. Mas o que têm a ver poesia, cena e idílio? Por que temos de andar sempre manietados e embornalados quando queremos tomar parte num fenômeno da natureza?

Se, depois dessa introdução, esperas qualquer coisa grandiosa e magnífica, ficarás mais uma vez desiludido. Foi um simples campônio que suscitou toda a minha emoção... Haverei de, segundo meu costume, contar mal; e tu haverás de, segundo o teu, achar que exagerei. É Wahlheim mais uma vez, sempre Wahlheim, que engendra estas maravilhas.

Um grupo havia se reunido à sombra das tílias para tomar café. Como a companhia não me agradava, encontrei pretexto para ficar afastado dele. Um jovem camponês saiu de uma casa vizinha e foi consertar qualquer coisa no arado que eu acabara de desenhar. Agradou-me a sua figura e travei conversa, perguntando-lhe sobre sua situação pessoal. Acabávamos de nos conhecer e, como sói acontecer com esse tipo de gente, não tardou em me abrir seu coração. Contou-me que estava a serviço de uma viúva que o tratava com bondade. Falou-me tanto dela, elogiou-a tanto, que logo percebi que se dedicava a ela de corpo e alma. Já não é nenhuma jovem, ele disse, e como as lembranças de seu primeiro marido não eram nem um pouco agradáveis, desistira de voltar a se casar. Tudo o que ele contava, deixava claro o quanto ela era bela a seus olhos, encantadora, a que ponto desejava que ela o escolhesse para apagar a lembrança dos malefícios de seu primeiro esposo. Eu teria de repetir palavra por palavra tudo o que ele disse para conseguir pintar com clareza a pura inclinação, o amor e a fidelidade daquele homem. Sim, seria preciso possuir o talento do maior poeta para traduzir a expressão dos seus gestos, a harmonia da sua voz e o fogo secreto do seu olhar. Não, nenhuma linguagem seria capaz de exprimir a ternura que animava seus olhos e suas atitudes. Tudo o que eu pudesse dizer seria grosseiro e rudimentar. Comoveu-me, sobretudo, o receio que ele demonstrava de que eu chegasse a interpretar mal suas relações com ela, ou duvidar de sua boa conduta. Que encanto ouvi-lo falar das feições dela, de seu corpo que, mesmo carecendo de atrativos juvenis, atraía-o com violência e a ela o encadeava! Só no mais fundo de minha alma é que posso reproduzir o prazer que senti. Jamais em minha vida toda vi desejos tão ardentes e afãs tão obsessivos e calorosos desenhados com tanta pureza. Não me ralhes se eu te confesso que, ao lembrar de tanta inocência e amor verdadeiro, minha alma queima, que a imagem daquele afeto e daquela ternura me seguem por toda parte e que, como se abrasado pelo mesmo ardor, me esfalfo e enlanguesço em busca dele.

Eu mesmo vou procurá-la, quero vê-la o quanto antes, ou, melhor dito e depois de pensar um pouco, vou tentar evitá-la. Melhor será vê-la através dos olhos de seu

amante; talvez ante o meu próprio olhar ela não se mostre da maneira como a vejo agora diante de mim; e por que haveria eu de querer estragar essa bela imagem?

16 de junho

"Por que não te escrevo?", perguntas-me, logo tu que és tão sábio? Deverias adivinhar que me sinto bem, e até que... Curto e grosso, conheci alguém que me tocou o coração bem de perto. É... Não sei se...

Contar-te, respeitando a ordem dos acontecimentos, como cheguei a conhecer uma das criaturas mais adoráveis deste mundo, seria muito difícil. Estou feliz e satisfeito, logo, incapaz de ser um bom historiador.

Um anjo! Arre! Mas isso qualquer um diz da sua, não é verdade? De qualquer forma, não sou capaz de dizer o quanto ela é perfeita, nem de onde vem sua perfeição. Basta dizer que ela dominou completamente o meu ser.

Tanta candura com tanto espírito, tanta bondade com tanta firmeza! E paz de alma em meio a tanta vida real e tanta atividade!

Tudo o que aqui digo a respeito dela não passa de palavreado inútil, vaga abstração, que não expressa sequer um só dos traços de seu semblante. Em outra ocasião, talvez... Não, nada de outra ocasião, vou contar-te tudo agora mesmo. Se não o fizer agora, nunca mais será feito. Pois, cá entre nós, desde que comecei a escrever esta carta, por três vezes estive a ponto de deitar a pena e mandar arrear o cavalo para sair. Isso que jurei para mim mesmo hoje cedo não cavalgar até lá, mas a cada pouco me aproximo da janela a ver se o sol ainda vai alto...

Não pude resistir, tive de ir até ela. E aqui estou de novo, Guilherme,[15] para comer meu pão com manteiga de todas as noites e seguir te escrevendo. Que deleite para a minha alma contemplá-la em meio a seus oito queridos e amáveis irmãozinhos!

Mas se continuo desse jeito, no fim estarás tão alheio a tudo quanto no início. Ouve, então, que vou me forçar aos pormenores.

Há dias te escrevi que havia travado relações com o bailio S..., e de como ele me convidou a ir visitá-lo em seu eremitério ou, muito antes, em seu pequeno reino. Fui adiando a visita e talvez jamais fosse para lá, não tivesse o acaso me descoberto o tesouro que repousa escondido naquele retiro tranqüilo.

Os rapazes de nossa aldeia haviam organizado um baile no campo, no qual de bom grado aceitei tomar parte. Ofereci o braço a uma boa e afável moça das redondezas. Era bela, ainda que não tivesse nada de extraordinário, e ficou combinado que eu pegaria um coche, e acompanharia meu par de dança e sua prima ao lugar onde aconteceria a festa, levando junto Carlota S..., a quem encontraríamos no caminho. "Conhecereis uma bela moça", disse-me minha acompanhante, quando atravessávamos a larga floresta desmatada em direção ao pavilhão de caça. "Ficai atento, e não vos apaixoneis por ela", acrescentou a prima. "Mas por quê?", perguntei. "Já está destinada", respondeu, "a um galante rapaz, a quem a morte do pai obrigou a viajar para pôr em ordem seus negócios e tomar posse de uma herança bastante significativa." O informe deixou-me quase indiferente.

O sol estava a quinze minutos das colinas quando chegamos à porta do pátio. O ar estava pesado e as senhoras manifestaram seu receio de uma borrasca, que parecia

estar se formando nas nuvenzinhas cinzentas e vaporosas que se ajuntavam no horizonte. Fiz com que a preocupação delas se dissipasse, afetando grandes conhecimentos de meteorologia, ao passo que começava a crer eu mesmo que uma tempestade poderia aguar o caldo de nossa festa.

Apeei do coche, e uma criada chegou ao portão pedindo-nos que esperássemos um instante. A senhorita Carlota viria logo. Atravessei o pátio, dirigindo-me àquela bem-construída casa, e quando eu havia subido a escada e adentrava a porta, dei de cara com o mais encantador dos espetáculos que jamais presenciei. Seis crianças, de dois a onze anos, apinhavam-se na ante-sala à volta de uma moça de bela feição, estatura mediana, que usava um vestido branco simples, com laços de um vermelho pálido nos braços e no peito... Ela segurava um pão preto e o dividia entre os pequenos à sua volta, dando a cada um seu pedaço, na proporção da idade e do apetite. E dava-os com tanta doçura...[16] E cada qual dizia com tanta candura seu "muito obrigado!", ao pegar a fatia, que, já antes de ser cortada, era esperada pelas mãozinhas esticadas ao alto. E logo se iam tão contentes com sua merenda, aos pulos ou silentes, conformes ao seu caráter, em direção à porta do pátio ver as damas desconhecidas e o coche em que a sua Carlota partiria... "Peço mil perdões", disse ela, "por fazer-vos vir até aqui e obrigar as moças a esperarem. Arrumar-me e dar conta de todas as tarefas da casa, deixando-as dispostas enquanto estiver fora, fez-me esquecer de dar a merenda aos pequenos, e eles não querem que ninguém a não ser eu lhes corte o pão."

Fiz-lhe uma vênia sem maior importância; toda minha alma estava presa em sua feição, sua voz, seu aspecto. Mal tive tempo de repor-me da surpresa, quando ela correu à sala para buscar as luvas e o leque. Os pequenos olhavam para mim assim meio de lado e manifestando certa distância, quando eu cheguei-me ao mais novo, que mostrava um rosto sumamente feliz. Ele recuou e naquele momento Carlota chegou, entrou e lhe disse: "Luís, dê a mão ao senhor seu primo". O mocinho deu-ma com ar sossegado e eu não pude me conter, beijei-o cheio de cordialidade apesar de seu narizinho mucoso. "Primo?", disse eu estendendo a mão a ela. "Acreditais que eu seja digno da ventura de ser vosso parente?"

"Oh", respondeu ela, com um sorriso ladino, "a nossa parentela é assaz vasta, e seria muito duro para mim experimentar que sois o pior dentre eles." Ao partir, encarregou Sofia, a mais velha depois dela, uma menina de cerca de onze anos, de vigiar as crianças e cumprimentar papai quando ele regressasse do passeio. E disse aos pequenos que deveriam obedecer à mana Sofia como se fosse ela mesma que ali estivesse, coisa que alguns dos pequenos prometeram formalmente. Mas uma loirinha de mais ou menos seis anos, algo impertinente, disse: "Sim, mas de qualquer forma não és tu, Carlotinha, e gostaríamos mais se fosses tu". Os dois rapazes mais velhos estavam trepados à traseira do coche e, ao meu pedido, ela permitiu que fossem junto até a entrada da mata se prometessem não fazer diabruras e segurar-se com firmeza.

Mal havíamos nos acomodado, trocando as mulheres os cumprimentos devidos, dizendo o que pensavam das vestimentas uma da outra, dando atenção especial aos chapéus, e de passar em revista a sociedade que em breve encontraríamos, quando Carlota ordenou ao cocheiro que parasse e mandou seus irmãos descerem. Estes pediram-lhe mais uma vez que lhes desse a mão para beijar. O mais velho pôs no ato toda a ternura de que um moço de quinze anos é capaz, já o segundo fê-lo com muito

estouvamento e vivacidade. Ela deixou que os rapazes a cumprimentassem mais uma vez e nós seguimos adiante.

A prima perguntou se já terminara o livro que havia lhe mandado há poucos dias. “Não”, disse Carlota, “ele não me agradou; podeis levá-lo de volta. O anterior também não era melhor.” Fiquei pasmo quando perguntei que livros eram aqueles e ela me respondeu...[17] Achava tanto bom senso em tudo que ela dizia e a cada palavra descobria novos encantos, novos fulgores de espírito relampejarem em suas feições, o que fazia expandir ainda mais o seu contentamento à medida que ela sentia que eu a estava compreendendo.

“Quando eu era mais nova”, disse ela, “nada me agradava a não ser romances. Sabe Deus o quanto me aprazia retirar-me aos domingos a um cantinho a fim de partilhar, com todo meu coração, das ditas e desditas de uma tal Miss Jenny.[18] Também não nego que esse gênero ainda tenha para mim alguns encantos mas, como hoje me resta tão pouco tempo para chegar aos livros, o que eu ler tem de se adequar inteiramente ao meu gosto. E o autor que prefiro é sempre aquele que reflete de modo mais exato o meu mundo, e em cujas obras sucedem as mesmas coisas que vejo ao meu redor, aquele cujas histórias interessam e tocam o meu coração como minha própria vida caseira, que, se não é um paraíso, é, em todo caso, uma fonte de indizível felicidade.

Esforçava-me por ocultar as emoções que aquelas palavras me infundiam. Mas não consegui ir longe com isso, pois quando a ouvi falar, assim de passagem, com tanta sinceridade sobre *O vigário de Wakefiel*, de ...[19],[20] saí fora de mim, e pus-me a dizer-lhe tudo que pensava a respeito, e só ao cabo de certo tempo, quando Carlota já havia dirigido a conversa para as outras, pude perceber que elas estavam ali, de olhos abertos, como se ali não tivessem estado. A prima olhou-me por mais de uma vez com um arzinho irônico, mas eu não lhe dei a menor pelota.

A conversa recaiu no prazer da dança. “Se essa paixão é ou não um defeito, eu não sei”, disse Carlota, “mas confesso-vos com franqueza que não conheço nada superior à dança. E quando tenho alguma coisa que me aflige, basta sentar ao piano, desafinando uma contradança, que logo me ponho de bem com a vida.”

Como eu me deleitava na contemplação de seus negros olhos durante esta conversa! Como seus lábios vermelhos e suas faces frescas e vivas cativavam minha alma inteira! Como, mergulhado no som esplendoroso de sua fala, às vezes nem sequer ouvia as palavras que ela proferia! Poderás ter idéia disso, tu que me conheces. Resumindo, quando paramos em frente à casa onde sucederia a festa, desci do coche como se estivesse sonhando... E tão perdido em sonhos eu estava no mundo crepuscular à minha volta, que mal percebia a música que chegava do salão iluminado ao nosso encontro.

O senhor Audran e um certo N. N. – quem consegue guardar todos os nomes! –, que eram os parceiros de Carlota e da prima, receberam-nos à portinhola do coche, tomaram as suas damas pela mão e eu subi com a minha.

Volteamos por aí, dançando minuetos; eu convidava uma dama atrás da outra, e justamente as menos agraciadas eram as que não se resolviam se davam ou não sua mão para dançar comigo. Carlota e seu par começaram por uma contradança inglesa, e já podes compreender como me senti bem quando ela veio à nossa fila, dançar junto de nós. Era preciso vê-la bailar! Punha na dança todo seu coração, toda sua alma; seu

corpo era uma harmonia só! Ela estava tão descontraída, tão livre, como se aquilo fosse tudo, como se não pensasse em mais nada, não sentisse mais nada. Naquele momento, com certeza, o universo se esfumava ante seus olhos.

Convidei-a para a segunda contradança, e ela me aceitou para a terceira, afirmando com a franqueza mais amável desse mundo que gostava muito de dançar a alemã.[21] "É costume por aqui", prosseguiu ela, "que cada par ajustado permaneça junto durante a alemã, mas o meu *chapeau[22]* valsa mal e agradecer-me-á se o dispensar. A dama que faz par convosco também não dança melhor, e por isso não se importará. Reparei, nas inglesas, que valsais bem; e se desejais ser meu durante a alemã, ide pedir-me ao meu cavalheiro, que eu vou fazer o mesmo a vossa dama." Dei-lhe a mão depois disso, e convimos que o par de Carlota conversaria com o meu durante a valsa.

E assim começou! Entretivemo-nos a princípio com mil passagens de braços. Com que graça, com que agilidade ela fazia seus movimentos! E quando chegamos à valsa e começamos a girar uns ao redor dos outros como esferas celestes, houve, a princípio, certa confusão, pois poucos pares sabiam dançá-la. Fomos bastante prudentes e esperamos que eles se soltassem, e quando os menos conhecedores deixaram a pista, tomamos conta do salão e, juntando-nos a outro par, formado por Audran e sua companheira, recomeçamos com entusiasmo redobrado. Nunca me senti tão solto. Já nem mais humano era. Ter nos braços a mais encantadora das criaturas, voar com ela como um furacão até perder a noção de tudo que nos circundava, vendo tudo se desvanecer... Guilherme, para ser franco, foi naquele momento que fiz o juramento de que a moça que eu amasse, aquela que eu pretendesse, jamais valsaria senão comigo, ainda que isso me custasse tudo o que há neste mundo. Tu me compreendes!

Demos algumas voltas pela sala para tomar ar. Depois ela sentou-se, e as laranjas que eu pusera de lado, as únicas que ainda restavam, surtiram excelente efeito. Mas a cada gomo que a vizinha pegava da tigela, aproveitando-se da minha e da cortesia de Carlota, uma flecha trespassava meu coração.

À terceira contradança inglesa, éramos o segundo par. Ao passar dançando por entre as filas – só Deus sabe com quanto deleite eu segurava seu braço e fitava seus olhos, nos quais brilhava o mais puro e mais inocente prazer –, eis que vejo aparecer diante de nós uma mulher que me impressionou por sua fisionomia agradável, ainda que já não estivesse no verdor dos anos. Ela olha para Carlota a sorrir, levanta um dedo ameaçador e pronuncia duas vezes o nome de Alberto ao cruzar conosco, em tom mui significativo.

"Quem é esse Alberto", disse eu a Carlota, "se não é muita indiscrição perguntar?" Ela estava a ponto de me responder quando tivemos de nos separar para formar o grande oito.[23] Ao tornar a passar diante dela, pareceu-me notar uma ruga de preocupação em sua testa. "Para que deveria negá-lo?", disse-me ela, oferecendo-me o braço para passearmos. "Alberto é um bom homem, com o qual estou, poder-se-ia dizer, comprometida." Com efeito, aquilo não era novidade para mim, pois as moças já mo haviam dito no caminho, e contudo me pareceu tão absolutamente novo de repente... É que até aquele momento eu ainda não havia estabelecido uma relação direta entre aquilo que me fora contado e a bela jovem, que em tão breves instantes se me tornara tão querida. Foi o que bastou, eu me desconcertei, me esqueci de tudo e

me meti entre o par errado, atrapalhando a todos aqui e acolá, de sorte que Carlota precisou de toda sua presença de espírito para, puxando daqui e dali, conseguir restabelecer a ordem.[24]

Não havia ainda terminado a dança, quando os relâmpagos que já há muito víamos brilhar no horizonte, e que eu seguia empenhado em não levar a sério, começaram a tornar-se mais fortes, até que os trovões dominaram a música. Três damas saíram das filas e os seus cavalheiros seguiram-nas; a desordem generalizou-se e a orquestra parou. É natural que, quando um acidente ou um terror súbito nos surpreende no meio do divertimento, a impressão causada seja maior do que em qualquer outra ocasião, um pouco por causa do contraste, outro tanto – e esse viés é mais significativo – por estarem todos os nossos sentidos vivamente excitados e suscetíveis a receber tanto mais rápido uma impressão.[25] É a isso que atribuo as estranhas caretas que vi desabrocharem no rosto de muitas damas. A mais prudente foi refugiar-se num canto, de costas para a janela e tapando os ouvidos. Outra, de joelhos diante dela, escondia a cabeça no colo da primeira. Uma terceira se meteu entre as duas e envolveu sua irmãzinha num mar de lágrimas. Algumas queriam voltar para casa; outras, que sabiam ainda menos o que fazer, já nem sequer tinham forças para reprimir os atrevimentos de nossos jovens estouvados, bastante ocupados em interceptar, nos lábios das belas aflitas, as ardentes súplicas que faziam ao céu. Uma parte dos homens havia descido para fumar com tranqüilidade o seu cachimbo. Já a parte restante dos convivas andava indecisa, quando ocorreu à nossa anfitriã a sábia idéia de indicar-nos um quarto onde as janelas eram protegidas por cortinas. Mal havíamos chegado lá, e Carlota já se pôs a formar um círculo de cadeiras. Depois de todos se sentarem a seu pedido, propôs um jogo.

Vi mais de um que, na esperança de alguma saborosa prenda, lambeu os beicinhos e se empertigou na cadeira. “Vamos jogar com os números”, disse ela. “Atenção! Vou andar à volta no círculo da direita para a esquerda, e vós ireis cantando, cada qual o número que lhe tocar; mas isso tem de ser rápido como um rastilho de pólvora e quem hesitar ou se enganar receberá uma bofetada, e assim até mil.” Era um encanto ver aquilo. Ela andava à roda com o braço estendido. Um, disse o primeiro; dois, o vizinho; três, o seguinte, e assim os demais, por sua ordem. Ela logo apertou o passo, cada vez mais depressa. Até que um errou e páf!, uma bofetada, e, à risada do seguinte, também páf! E assim cada vez mais rápido. Eu mesmo recebi dois tabefes, e pareceu-me notar, com secreto prazer, que mos dava com mais força que a qualquer outro. Gargalhadas e uma barulheira geral puseram fim ao jogo antes de se ter contado até mil. Os mais chegados se reuniram em grupos, a tempestade passara, e eu segui Carlota à sala. “As bofetadas”, disse-me ela no caminho, “fizeram com que esquecessem trovoadas e tudo!” Não pude responder-lhe nada. “Eu era”, prosseguiu ela, “uma das mais medrosas. Mas, afetando coragem para a dar aos outros, fiz-me eu mesma corajosa.” Chegamos à janela. Ainda trovejava ao longe e uma chuva esplêndida caía sobre a terra em doces murmúrios, o ar refrescara-se e trazia-nos em haustos o perfume que as plantas exalavam. Ela estava parada, apoiando os cotovelos ao parapeito; seu olhar passeou pela paisagem, elevou-se ao céu e dirigiu-se a mim, e vi os seus olhos cheios de lágrimas quando pôs sua mão sobre a minha e disse: “Klopstock!” Lembrei-me logo da ode sublime[26] que lhe ocupava o pensamento e mergulhei na torrente de sentimentos que ela derramava

sobre mim naquele momento. Não pude suportá-lo, inclinei-me para a sua mão e beijei-a sob o impulso de lágrimas deleitosas, voltando a contemplar os seus olhos em seguida... Nobre poeta! Oh, se tivesses visto tua apoteose naquele olhar! E se eu pudesse não voltar a ouvir jamais teu nome tantas vezes profanado em outros lábios!

19 de junho

Já não sei mais por onde fiquei em minha narrativa. Tudo o que sei é que eram duas horas da madrugada quando me deitei à cama, e que se pudesse conversar contigo ao invés de escrever, teria talvez te mantido acordado até de manhã.

O que se passou durante o regresso do baile ainda não te contei e nem tenho tempo de fazê-lo hoje.

Era a mais esplêndida das alvoradas! O bosque coalhado de rocio e o campo tão fresco à nossa volta... Nossas vizinhas dormitavam. Ela perguntou-me se eu não queria fazer o mesmo, já que por ela eu não precisava me preocupar. “Enquanto eu vir esses olhos abertos”, disse eu, e olhei-a fixamente, “não posso fechar os meus.” Assim permanecemos até a porta de sua casa e ali nos detivemos. A criada abriu-a em silêncio e ela, com algumas perguntas, certificou-se de que seu pai e as crianças estavam bem e continuavam dormindo. Deixei-a pedindo licença para tornar a vê-la nesse mesmo dia; ela consentiu e eu fui. Desde esse momento, sol, lua, estrelas podem seguir tranqüilas a sua órbita, que para mim já não há mais dia nem noite, e o mundo inteiro dissipou-se à minha volta.

21 de junho

Vivo dias tão felizes como só são aqueles que Deus reserva a seus eleitos. Aconteça o que acontecer, jamais poderei dizer que não experimentei a felicidade, a felicidade mais pura da vida! Tu conheces o meu Wahlheim. Ali estou estabelecido a gosto; e dali a Carlota é apenas meia hora... Ali sinto-me eu próprio... e gozo toda a felicidade que é concedida ao homem.

Como poderia eu ter imaginado, quando elegi esse mesmo Wahlheim para fazer os meus passeios, que ele estava tão perto do céu! Quantas vezes, nas minhas longas caminhadas, ora do alto da montanha, ora da planície do outro lado do rio, descortinei esse pavilhão que encerra hoje todos os meus sonhos e desejos!

Caro Guilherme, fiz toda sorte de reflexões sobre a ânsia inata do homem de se expandir, de fazer novas descobertas, de errar aqui e acolá; e também sobre esse íntimo pendor de se entregar à limitação voluntariamente, de seguir deslizando pelos trilhos costumeiros, seguindo o ramerrão do hábito, sem voltar a vista para a direita ou para a esquerda.

É singular! Como me sentia atraído por tudo que jazia em derredor quando aqui vinha, e da colina contemplava aquele belo vale! Ali o bosquezinho! Oh, se um dia tu pudesses mergulhar em sua sombra! E mais além o cume de uma montanha! Oh, se pudesses contemplar dali toda essa vasta região! Essa cadeia de colinas e esses pacíficos vales! Ah, se eu pudesse me perder neles... Voava para ali! E regressava sem ter encontrado aquilo que procurava. Dá-se com a distância o mesmo que com o

futuro. Um horizonte imenso, misterioso, repousa diante de nossa alma; o sentimento nele mergulha como o nosso olhar, e desejamos, ah! como desejamos, entregar todo o nosso ser para nos consubstanciarmos num só, grande e magnífico sentimento... Mas, ah!, corremos, voamos e quando lá chegamos, quando o longe se faz perto, nada se alterou, e nós encontramo-nos com nossas mesmas misérias, com os mesmos e estreitos limites, e de novo a nossa alma suspira pelo mesmo bálsamo que acabou de se esvair.

Assim o mais turbulento dos vagamundos suspira afinal por sua própria pátria, e acha na sua cabana, no regaço de sua esposa e em meio a seus filhos, nos cuidados que tem para ganhar seu pão, o deleite que em vão procurava pelo vasto mundo.

Quando, pela manhã, logo que nasce o sol, vou para o meu querido Wahlheim, quando eu próprio colho as ervilhas no quintal de minha hospedeira, quando me sento para as descascar e de passagem ler Homero... E depois, quando vou escolher uma panela na pequena cozinha, quando me sirvo da manteiga, ponho as ervilhas ao fogo, tapo o cozido e me sento ao pé do fogão para as mexer de vez em vez... Ah, é então que sinto com intensidade como os magníficos e atrevidos amantes de Penélope sacrificam, retalham e fazem assar bois e porcos![27] Não há nada que me encha de uma sensação mais plácida e verdadeira do que esses quadros da vida patriarcal, com os quais eu posso, sem afetação graças a Deus!, pintar o meu modo de viver atual.

Como me sinto feliz por ter um coração feito para sentir as alegrias simples e inocentes do homem que põe na sua mesa a cabeça de repolho que ele mesmo cultivou. E não apenas o repolho, mas também os bons dias, as belas manhãs em que o plantou, as deliciosas tardes em que o regou, e de novo volta a gozar em um momento todas aquelas alegrias que experimentou ao ver o paulatino crescimento da planta!

29 de junho

Anteontem o médico da cidade veio ver o bailio e encontrou-me no chão, cercado pelos irmãozinhos de Carlota. Alguns deles engatinhavam sobre mim, outros me beliscavam, enquanto eu lhes fazia cócegas e todos juntos aprontávamos um grande alvoroço. O doutor, que é uma marionete sumamente dogmática e, em seus discursos, está sempre ocupado em arranjar as pregas dos punhos e estufar o peito como um galo de quintal, achou aquilo abaixo da dignidade de um homem sensato. Notei-o em seu nariz empinado. Mas eu não me desconcertei, deixei-o palrar a respeito das coisas mais profundas, e levantei o castelo de cartas que as crianças haviam destruído. E assim, de regresso à cidade, ele com certeza não deixou de contar, a quem quisesse ouvi-lo, que as crianças do bailio, já de per si tão mal-educadas, as acabava de estragar por completo esse tal Werther.

Sim, meu caro, é pelas crianças que meu coração mais se interessa neste mundo. Quando me ponho a examiná-las, e vejo nessas criaturinhas o gérmen de todas as virtudes, de todas as energias que logo haverão de lhes ser tão necessárias; quando descubro na sua pertinácia a futura inteireza e solidez de caráter; quando verifico na sua petulância, e até nas suas astúcias, o humor jovial e a agilidade para saltar por cima dos perigos do mundo, e tudo isto de modo tão incorrupto, tão íntegro... ah,

então acabo sempre, mas sempre mesmo, repetindo as áureas palavras do Mestre dos homens: “Se não fordes como um destes pequeninos”...[28] E pensar que, caríssimo, logo a eles, que são nossos iguais, a quem deveríamos tomar por modelos, tratamos como se fossem nossos vassalos. Não, eles não devem ter vontades! Não temos nós as nossas? E onde reside nosso privilégio? No fato de sermos mais velhos e sensatos?!

Bom Deus que estás no céu! Vês crianças velhas e crianças novas, e nada mais, e há muito que o teu Filho nos deu a conhecer aqueles que mais te aprazem. Mas os homens crêem nele e não o ouvem – e isto também é coisa velha! – e formam os seus filhos segundo eles próprios e... Adeus, Guilherme, não quero seguir batendo na mesma tecla.

1o de julho

O que Carlota deve ser para um enfermo, sinto-o no meu próprio e pobre coração, que anda pior que o de alguém a definhar em seu leito de tísico. Ela vai passar alguns dias na cidade, na casa de uma boa mulher que, segundo a opinião dos médicos, se aproxima do fim e, nestes últimos momentos, quer ter Carlota junto de si.

Fui, na semana passada, visitar com ela o pastor de Santo..., um lugarejo situado na montanha, há sessenta minutos daqui. Chegamos pelas quatro horas. Carlota levou consigo a irmã mais velha, aquela que vem depois dela em idade. Assim que entramos no pátio do presbitério, sombreado por duas corpulentas nogueiras, achamos o bom velho sentado num banco em frente à porta. Logo que viu Carlota pareceu recobrar nova vida, esqueceu de seu bordão nodoso, levantou-se e arriscou ir ao encontro dela. Ela correu para ele, obrigou-o a sentar-se de novo e, sentando-se ao seu lado, externou-lhe os cumprimentos de seu pai e acarinhou o estropiado e sujo filho mais novo do pastor, o mimalho de sua velhice. Tu tinhas de ver como ela se ocupava do velho, como levantava a voz para que ele a ouvisse, posto que era meio surdo. Como lhe falava de pessoas que, jovens e robustas, morreram quando menos se esperava; como gabava as virtudes das águas de Karlsbad, aprovando a resolução que ele havia tomado de ir para lá no próximo verão; como achava que ele mostrava melhor cara e um ar mais animado desde a última vez em que o vira... Enquanto isso, eu havia apresentado meus respeitos à senhora do pastor. O velho estava radiante, e como eu não pude me conter no elogio daquelas formosas nogueiras que nos davam uma sombra tão agradável, pôs-se, ainda que com certa dificuldade, a contar-nos a história das árvores. “Quanto à mais velha”, disse ele, “não sabemos quem a plantou. Uns falam que foi um pastor, outros que foi outro. Mas a mais nova tem a idade da minha mulher, completa cinqüenta anos no mês de outubro. Foi plantada pelo pai dela na manhã do dia em cuja tarde ela veio a nascer. Era o meu predecessor, e não há palavras suficientes para dizer o quanto ele amava esta árvore. É verdade que a mim mesmo ela não é menos querida. À sombra dela é que estava sentada minha mulher, sobre uma trave, tecendo, quando eu, então um pobre estudante, vim aqui pela primeira vez, há vinte e sete anos.” Carlota perguntou-lhe pela filha: ele respondeu que ela havia ido ao campo com o senhor Schmidt ver os trabalhadores. E o velho prosseguiu sua narrativa, contando-nos como o seu predecessor se tinha afeiçoado a ele, como ele agradou à menina, e como começara sendo seu ajudante para acabar

sucedendo-o no posto. A história mal tinha terminado, quando a filha, acompanhada pelo referido senhor Schmidt, voltou pelo jardim. Ela deu as boas-vindas à Carlota, cordial e acaloradamente, e eu devo dizer que não me desagradou; era uma morena desenvolta e bem-feita, que faria a gente passar de modo mui agradável o curto tempo no campo. O seu namorado, logo percebemos que era este o título que o senhor Schmidt merecia, era um homem fino, mas taciturno, e não quis se meter na nossa conversa, por mais que Carlota o atraísse a ela.

O que mais me intrigou foi crer advertir em seu rosto que era antes por birra e mau humor do que por falta de espírito que ele fugia a tomar parte na conversa. Logo depois isso lamentavelmente veio a se tornar ainda mais claro, pois, tendo Frederica se juntado a Carlota, e de quando em quando também a mim, o semblante do senhor Schmidt – que já de si era bastante escuro – obscureceu-se tanto que Carlota não tardou em me puxar pela manga, dando-me a entender que estava me excedendo nas atenções que dava a Frederica. Pois bem: nada me incomoda tanto como ver os homens se atormentarem mutuamente, sobretudo quando são jovens e estão à flor da idade e, ao invés de gozar com a maior franqueza as alegrias que a vida proporciona, ficam a deteriorar os poucos dias agradáveis que lhes são reservados com tolices, para só perceberem demasiado tarde como é irreparável tudo o que perderam sem desfrutar. Aquilo me mortificou e quando, ao anoitecer, já de volta ao presbitério, tomávamos leite à uma mesa, tendo a conversa recaído sobre as mágoas e os prazeres da vida, não pude impedir-me de agarrar a ocasião pelos cabelos e falar fervorosamente contra o mau humor.

"Queixamo-nos muitas vezes", principiei eu, "de que temos tão poucos dias bons e tantos dias maus, e parece-me que na maior parte delas nos queixamos sem razão. Se o nosso coração estivesse sempre aberto para gozar o bem que Deus nos manda todos os dias, teríamos força mais do que suficiente para suportar o mal quando ele aparece."

"Mas nós não somos senhores de nosso temperamento", observou a mulher do pastor. "Quanto não depende do estado de nosso corpo! Quando não estamos bem de saúde, tudo anda mal conosco."

Eu dei-lhe razão. "Pois consideremo-lo", prossegui eu, "como se fosse uma doença, e procuremos um remédio para ela."

"Assim está bem", disse Carlota; "eu creio, pelo menos, que muito depende de nós, da posição que adotamos em relação aos momentos de tristeza. Sei-o por mim mesma. Quando algo me aflige e quer me fazer sentir molestada, me ponho a saltitar, canto duas ou três modinhas de dança, subindo e descendo pelo jardim, e logo tudo se dissipa."

"Era o que eu queria dizer", repliquei eu, "dá-se com o mau humor o mesmo que com a preguiça. Ele é, inclusive, uma espécie de preguiça. Nossa natureza é propensa à indolência, mas quando fazemos um esforço para livrar-nos dela, o trabalho fica mole e encontramos no labor um verdadeiro prazer."

Frederica estava assaz atenta e o moço objetou-me que não somos senhores de nós mesmos, e ainda menos estava em nossas mãos comandar os nossos sentimentos.

"Trata-se aqui", objetei eu, "de uma sensação desagradável, da qual cada um de nós gostaria de se ver livre; e ninguém conhece a extensão de nossas forças sem tê-las

posto à prova. Por certo um doente consultará todos os médicos e não recusará o regime mais austero, os remédios mais amargos, para recobrar a sua desejada saúde."

Vi que o bom velho tentava tomar parte em nossa discussão e ergui a voz dirigindo-lhe a palavra. "Prega-se contra tantos vícios", disse-lhe eu, "mas não me consta que alguém se tenha ocupado do mau humor no púlpito."[29]

"Isso os pregadores da cidade têm de fazer", respondeu ele, "a gente do campo não conhece o mau humor; mas também não faria nenhum mal dizer qualquer coisa a respeito disso de tempos em tempos; seria uma lição para as nossas mulheres, pelo menos, e para o senhor bailio."

Todos os convivas riram, ele mesmo o fez de bom grado, até lhe sobrevir um acesso de tosse que interrompeu por algum tempo a nossa conversa. Depois disso, o moço retomou a palavra e disse: "Dissestes que o mau humor é um vício; e isso me parece ser um exagero".

"Nada disso", repliquei. "E olha que sou ameno e não sei se merece tal nome algo com o que causamos tanto dano a nós mesmos e ao próximo. Não basta o fato de não podermos nos tornar mutuamente felizes? Temos ainda de nos privar um ao outro do prazer que cada qual pode gozar no íntimo do seu coração? Citai-me um só homem que, adoecendo de mau humor, seja, não obstante, bravo o suficiente para dissimulá-lo, guardá-lo só para si, sem acabar com a festa dos que o rodeiam! Não será o mau humor muito antes uma insatisfação íntima com a nossa própria indignidade, um descontentamento com nós mesmos, que sempre vem atado a uma inveja, fomentada por uma vaidade insana? Vemos homens felizes cuja felicidade não é obra nossa e isso nos resulta insuportável."

Carlota pôs-se a rir, pois viu a emoção com que eu falava; e uma lágrima nos olhos de Frederica serviu-me de acicate para continuar. "Desgraçados aqueles", exclamei eu, "que se servem do poder que têm sobre um coração para lhe roubar as inocentes alegrias que brotam dele espontaneamente! Não há presente nem atenção no mundo que bastem para compensar um momento de prazer em si mesmo, envenenado pelo despeito invejoso de um tirano!"

Todo meu coração transbordava, inundado, nesse instante; mil recordações oprimiam a minha alma e lágrimas assomavam aos meus olhos.

"Oh, se cada um de nós", exclamei, "fosse capaz de dizer todos os dias: tu não tens nada melhor a fazer por teus amigos do que respeitar suas alegrias e acrescer à sua felicidade, participando dela! Poderás tu, acaso, quando uma angustiosa paixão atormenta o mais íntimo de suas almas, brindar-lhes uma gota de consolo? Ai de ti quando a derradeira e mais sinistra enfermidade vier cevar-se na criatura que, na flor da idade, conduziste ao sepulcro, e que jaz agora em prostração lastimosa, com os olhos voltados ao céu insensível e os mortais suores secando em sua fronte lívida; ai de ti quando em pé diante do seu leito, como um condenado, sentires que nada podes fazer com todo o teu poder, e estiveres lacerado de angústias por dentro, de sorte que de bom grado darias tudo para infundir àquela moribunda uma gota de conforto, um raio de coragem!"

A recordação de uma cena semelhante, de que eu fui testemunha, assaltou-me com todo o seu poder ao proferir essas palavras. Levei o lenço aos olhos e deixei o grupo, e só a voz de Carlota, chamando-me para regressarmos juntos, fez-me voltar a

mim. Como ela me ralhou no caminho por botar tanto fogo nas coisas das quais tomava parte, fazendo-me ver que isso acabaria comigo! Que eu me poupasse!... Oh, meu anjo! E é por ti que devo viver!

06 de julho

Ela continua junto de sua amiga moribunda, e é sempre a mesma, sempre a mesma criatura solícita e benfazeja que, para onde olha, acalma as dores e traz felicidade. Ontem à tarde saiu a passeio com Mariana e a pequena Amélia; eu sabia, fui encontrá-las e caminhamos juntos. Depois de passear por uma hora e meia, voltamos para a cidade e chegamos àquela fonte que já me era tão querida e daquele momento em diante seria mil vezes mais querida. Carlota sentou-se sobre o murinho e nós ficamos de pé diante dela. Olhei em volta e, ah!, os tempos em que meu coração estava tão solitário voltaram a viver em mim de repente. "Querida fonte", disse eu, "de há muito não descanso em teu frescor, e por vezes, ao passar rapidamente perto de ti, nem sequer te olhei!" Lancei os olhos para baixo e vi subir a pequena Amélia, muito atarefada, trazendo um copo de água... Contemplei Carlota e senti nela tudo aquilo que eu lhe dedicava.

Neste momento, Amelinha chegou com o copo, Mariana quis pegá-lo: "Não", exclamou a pequena com a mais doce das expressões, "não, Lotinha, tu é que deves beber primeiro". Fiquei tão encantado com a convicção, com a bondade com que ela dizia aquilo, que não pude manifestar o que sentia senão pegando a pequena e beijando-a com tanta força que ela pôs-se a chorar e a gritar.

"Vós fizestes mal", disse Carlota. Eu estava consternado. "Vem, Amelinha!", continuou ela, pegando-lhe na mão para descer os degraus, "lava-te na água fresca. Rápido, rápido. Não é nada." Fiquei a olhar com que cuidado a pequena esfregava as bochechas com suas mãozinhas molhadas, e com que boa fé ela acreditava que aquela fonte maravilhosa tirava toda a nódoa de cima de si e evitava a vergonha de lhe nascer uma barba assaz horrível. Por mais que Carlota dissesse basta, a pequena continuava a esfregar-se, como se muita água resolvesse mais do que pouca... Em verdade eu te afirmo, Guilherme, nunca assisti com tanto fervor a um batismo, e quando Carlota subiu, ter-me-ia de boa vontade prostrado diante dela como diante de um profeta que acaba de apagar as iniqüidades todas de uma nação inteira.

À noite, não pude conter-me e contei, com o coração cheio de alegria, aquela cena a um homem que eu supunha sensível porque tem inteligência... Mas a quem eu me dirigi! Ele disse que Carlota tinha feito muito mal, que nunca se devia iludir as crianças, pois isso significava dar origem a uma infinidade de enganos e abrir caminho à superstição, contra a qual era preciso precavê-las desde o começo... Lembrei-me que ele tinha batizado um dos seus filhos há oito dias, deixei-o falando sozinho e mantive-me fiel à verdade: devemos fazer com as crianças como Deus faz conosco, Ele que nunca nos deixa tão felizes como quando nos permite vaguear em nossas doces ilusões.

08 de julho

Como a gente é criança! Quanto não creditamos a um simples olhar! Como a gente é criança!

Tínhamos ido a Wahlheim. As senhoras saíram na frente e, durante o nosso passeio, pareceu-me ver nos olhos negros de Carlota... Eu sou um doido, perdoa-me... Tinhas de vê-los, esses olhos! Para ser breve, pois estou caindo de sono, observe que quando as mulheres subiram ao coche estavam em volta dele o jovem W..., Selstadt, Audran e eu. Junto ao estribo elas palravam com os rapagões que, por certo, se mostravam bastante levianos e alegres. Busquei os olhos de Carlota... Ah, eles passeavam de um rosto a outro! Mas a mim, a mim... A mim, o único que estava ali só por causa dela, eles não se dirigiam! Meu coração dizia a ela milhares de adeuses! E ela não me olhava! O coche arrancou e uma lágrima brincou em meus olhos. Segui-a com o olhar! E eis que vi assomar na portinhola o penteado de Carlota, que se voltava para me ver... Ah! Seria para mim? Meu caro! Debato-me nessa incerteza! E ela é o meu consolo. Talvez tenha se voltado para me olhar! Talvez... Boa-noite! Oh, como eu sou criança!

10 de julho

Devias ver o papel de bobo que eu faço quando me falam dela em alguma reunião. E quando perguntam se ela me agrada, então... Agradar! Odeio esta palavra até a morte! Qual seria o homem a quem Carlota faria tão-somente agradar? Que não se deixaria dominar e encher em todos os sentidos e sentimentos por sua pessoa? Agradar! Não faz muito alguém me perguntou se Ossian[30] me agradava!

11 de julho

A senhora M... está muito mal. Rezo por sua vida, porque sofro com Carlota. De quando em quando vou vê-la junto com minha amiga, e hoje ela me contou um episódio singular... O velho M... é um tipo mofino e avaro que atormentou a mulher a vida toda, mantendo-a enclausurada e restringindo sua liberdade; mas ela sempre soube, apesar de tudo, livrar-se da prisão muito bem. Há poucos dias, quando o médico a declarou condenada, mandou chamar seu marido – Carlota estava no quarto – e falou-lhe o seguinte: “Tenho de confessar-te uma coisa que depois de minha morte poderia vir a causar confusão e mágoa. Governei a casa até agora com tanta ordem e economia quanto me foi possível, mas tens de me perdoar por ter te enganado durante trinta anos. No começo de nosso casamento fixaste uma soma demasiado módica para a mesa e as outras despesas da casa. A nossa vida melhorou, nossos gastos aumentaram e eu nunca pude conseguir que tu aumentasses a soma fixada no começo... Para ser breve, tu sabes que nos tempos em que nossas despesas eram maiores, exigias que elas fossem satisfeitas com sete florins por semana. Submeti-me, mas a cada sete dias tirava o que faltava da gaveta, sem recear que as suspeitas do furto caíssem sobre a própria dona da casa. Nada dissipei e, mesmo que não tivesse feito a confissão, iria tranqüila ao encontro da eternidade se não temesse que aquela que cuidar da casa depois de mim não saiba arranjar-se com o pouco que lhe darias, e de quebra te defenderias afirmando sempre que tua primeira mulher não

havia necessitado de mais do que isso.”

Conversei com Carlota sobre a inacreditável cegueira da alma humana, de como um homem não chega a desconfiar que há alguma coisa por trás do fato de alguém conseguir sustentar com sete florins uma despesa que não custaria pelo menos o dobro do dinheiro. Mas, que fazer, eu mesmo conheci pessoas capazes de acreditar que tinham em sua casa a bilha de azeite inesgotável do profeta.[31]

13 de julho

Não, não me engano! Leio em seus olhos negros o sincero interesse que tem por mim e por meu destino. Sim, sinto, e nisso posso apelar ao meu coração, sinto que ela... Oh, devo, ou melhor, sequer posso fazer o céu inteiro caber nessas palavras... e dizer que ela me ama?

Me ama! E tanto mais me estimo por isso! Quanto eu me... A ti eu posso dizê-lo sem perigo, tu compreendes bem essas coisas... Sim, quanto eu me adoro desde que ela me ama!

Perguntarás se isso é presunção ou apenas o sentimento das verdadeiras circunstâncias em que me encontro? Não conheço o homem que eu temia encontrar no coração de Carlota e, todavia... quando ela fala de seu noivo com tanto calor, com tanto amor... acontece comigo o que acontece àquele do qual arrancam todos os títulos e todas as honras, para ao fim obrigá-lo a entregar a espada.

16 de julho

Oh, como o sangue corre quente em minhas veias quando os meus dedos tocam os dela por acaso, quando os nossos pés se encontram debaixo da mesa! Puxo-os de volta como se tivesse tocado o fogo, mas uma força secreta os atrai de novo... e meus sentidos se turvam tanto! Ah! E sua inocência, sua pureza de alma não lhe permitem perceber o quanto suas mais fugazes confianças me fazem sofrer! Quando está falando e põe sua mão na minha, quando se aproxima de mim no ânimo da conversa a ponto de me fazer sentir o divino hálito de sua boca em meus lábios... creio que serei arrojado à terra como se ferido por um raio... E, Guilherme, meu caro! Se eu alguma vez me atrevesse àquele céu, àquela confiança... Tu me entendes. Não, meu coração não está deteriorado a esse ponto! Mas fraco... Fraco ele está! Mas e a fraqueza já não é uma espécie de corrupção?

Ela é sagrada para mim. Todo meu desejo emudece em sua presença. Não sei jamais o que se passa comigo quando estou a seu lado; parece que a minha alma se revolve em todos os meus nervos... Há uma melodia que ela toca ao piano com a força de um anjo, tão sensível e tão espirituosa! É sua ária favorita! E ela livra-me de todas as mágoas, de todas as confusões, de todas as manias, apenas ouço a primeira nota.

Estimo não ser inverossímil nada do que dizem a respeito do poder mágico da música antiga.[32] Como me prende a mais simples das canções! E como ela sabe me fazer ouvi-la tantas vezes, justo nos momentos em que sinto vontade de meter-me uma bala na cabeça! Então a turvação e as trevas da minha alma se dissipam e volto a

respirar com mais liberdade.

18 de julho

Guilherme, o que é o mundo para o nosso coração sem amor? O mesmo que uma lanterna mágica[33] sem luz! Mal colocas dentro dela a lamparina e já se projetam imagens das mais coloridas na parede branca! E mesmo que todas não sejam mais do que efêmeros fantasmas, elas nos fazem felizes enquanto permanecemos ali, acordados, e como crianças nos extasiamos com suas aparições maravilhosas. Hoje não pude ir ver Carlota, uma visita inesperada me segurou em casa. Que havia a fazer? Mandei o meu criado ao encontro dela, só para ter junto de mim alguém que tivesse estado em sua presença. Com que impaciência o esperei, com que alegria tornei a vê-lo! Não tivesse vergonha e teria me atirado ao seu pescoço e coberto seu rosto de beijos.

Falam que a pedra de Bolonha,[34] quando exposta ao sol, absorve os seus raios e reluz por algum tempo durante a noite. Dava-se o mesmo comigo e aquele rapaz. A lembrança de que os olhos de Carlota haviam pousado em seu rosto, em suas faces, nos botões de sua casaca e na gola de seu sobretudo, tornava-o tão querido, tão sagrado para mim! Naquele momento não daria aquele rapaz nem por mil táleres! Me sentia tão bem em sua presença... Deus te livre de rir disso, Guilherme! Serão sempre fantasmas os responsáveis por nos sentirmos bem?

19 de julho

Vou vê-la!, exclamo pela manhã quando desperto e olho com serenidade em direção ao sol nascente. Vou vê-la! E já não tenho qualquer outro desejo para todo aquele dia! Tudo, tudo se afoga nessa perspectiva.

20 de julho

A vossa idéia de que eu partisse com o embaixador para ... não corresponde, pelo menos desta vez, aos meus planos mais íntimos. Não me agrada o fato de estar subordinado a alguém, e ademais todos sabemos que esse homem é um sujeito insuportável. Minha mãe gostaria de me ver em atividade, dizes tu; isso me faz rir. Não estou ativo agora por acaso? E não vem a ser igual, no final das contas, contar ervilhas ou lentilhas? Tudo nessa vida acaba em bagatela e aquele que, para agradar aos outros se mata trabalhando por dinheiro, honras ou o que for, sem que a isso o mova sua própria paixão ou necessidade, é, com certeza, um tolo.

24 de julho

Visto teres tanto empenho em que eu não deixe o desenho, faria melhor em calar-me sobre este ponto do que confessar-te que já há muito não me ocupo dele.

Nunca fui mais feliz, nunca a minha sensibilidade pela natureza, inclusive pela

mais mísera das pedrinhas ou pelo fiozinho de erva mais insignificante, foi mais plena e mais viva do que agora. Todavia... não sei como me expressar... a minha imaginação tornou-se tão fraca; tudo ondula e vacila de tal maneira diante de minha alma que não consigo apanhar um simples contorno. Por vezes me parece que, se eu tivesse argila ou cera, poderia moldá-lo muito bem e, se isto se prolonga, pego na argila e amasso-a... ainda que de tudo não saia mais que um bolo disforme.

Já comecei por três vezes o retrato de Carlota, e três vezes me envergonhei; o que me magoa tanto mais, tendo em vista o fato de que há pouco conseguia dominar bem a semelhança. Limitei-me a fazer um esboço e tenho de me contentar com ele.

Sim, querida Carlota, cuidarei de tudo e tudo farei; bem que poderias me dar alguns encargos por mais vezes, muito mais vezes. Peço-vos uma coisa: nada de areia nas cartas que me escreverdes! A de hoje eu levei aos lábios e logo os meus dentes rangiam.

26 de julho

Mais de uma vez fiz o propósito de não vê-la tão amiúde. Sim, mas quem poderia cumprir sua palavra? Sucumbo todos os dias à tentação e todas as noites volto a repetir solenemente a jura: amanhã não irás, e quando chega a manhã sempre encontro uma razão irresistível para ir vê-la e, antes de me dar por conta, estou ao pé dela. Ora é ela quem me diz à noite: "Amanhã virás, não é verdade?" Quem seria capaz de resistir... Ora me encarrega de um recado e acho conveniente ir eu mesmo dar-lhe a resposta. Ou então o dia está assim tão belo que eu vou a Wahlheim, e quando eu estou lá, é apenas mais meia hora até a casa dela... Estou demasiado perto da sua atmosfera... A sua vizinhança me atrai e num vu estou junto a ela! A minha avó contava-me a história de uma montanha de imã:[35] os navios que se aproximavam por demais, perdiam de repente suas ferragens, os pregos voavam para a montanha e os pobres marinheiros naufragavam entre as tábuas do navio, que desabavam sob seus pés.

30 de julho

Alberto chegou e eu vou partir. Ainda que fosse o melhor, o mais generoso dos mortais, cuja superioridade sobre mim em todos os sentidos eu estivesse pronto a reconhecer, e com todo o respeito, ser-me-ia insuportável vê-lo dono de tanta perfeição ante minhas próprias barbas. Dono! Basta, Guilherme, o noivo chegou! É um homem honesto e bom, que merece toda a simpatia.

Felizmente eu não estava presente a sua chegada. Meu coração se despedaçaria. E olha que Alberto é muito comedido e ainda não beijou Carlota uma só vez em minha presença. Deus lhe pague! Basta o respeito que ele manifesta por aquela moça para me forçar a gostar dele. Ele parece me olhar com bons olhos, se bem que isso pode ser muito antes obra de Carlota do que resultado de suas próprias disposições, pois nestas coisas as mulheres são muito espertas, e fazem bem, já que sempre redunda em seu proveito manter dois galanteadores em boas relações, por mais estranho que isso possa parecer.

De resto, não posso recusar minha atenção a Alberto. Seu porte fleumático contrasta vivamente com a inquietude de meu gênio, que não consegue permanecer oculta. É homem sensível e reconhece o valor de Carlota. Parece pouco sujeito a maus humores, e tu sabes que este é, entre todos os defeitos do homem, o que eu mais detesto.

Ele tem-me por pessoa de bom senso; e meu apego por Carlota, o vivo interesse que tenho por tudo que lhe diz respeito, aumenta seu triunfo e faz com que a ame ainda mais. Se ele a aflige alguma vez com ligeiros acessos de ciumeira eu não sei; eu, pelo menos, não me consideraria de todo salvo deste demônio se estivesse em seu lugar.

De qualquer forma e seja como for, a alegria que eu sentia em estar junto de Carlota se foi! Devo chamar isso de loucura ou de cegueira? Que importa o nome! A coisa fala por si mesma... Eu sabia de tudo que agora sei antes de Alberto chegar; sabia que não podia abrigar pretensões em relação a ela, e não abrigava nenhuma... Ou seja, enquanto não é possível abrigá-las à vista de tanta coisa amável... E agora o palhaço arregala os olhos porque o outro de fato vem e lhe arrebata a dama...

Ranjo os dentes e faço troça de minha própria miséria, e faria dupla, e até tripla troça, daqueles que dizem que eu deveria ter me resignado, já que as coisas sabidamente não seriam diferentes... Livrai-me destes espantalhos grudados ao meu pescoço!...

Corro por aí nas matas e quando chego a Carlota e encontro Alberto sentado junto a ela no jardim sob o caramanchão, e já não posso seguir adiante, fico doido varrido e começo a soltar mil disparates e inconveniências...

"Pelo amor de Deus!", disse-me Carlota ainda hoje, "eu vos peço, nada de cenas como a de ontem à noite! Sois terrível quando estais tão alvoroçado!" Cá entre nós, fico à espera dos momentos em que ele tem o que fazer e vai embora. É zás!, e eu corro para lá. Que alegria quando a encontro só!

08 de agosto

Rogo-te, caro Guilherme! Não falava de ti quando tratava de insuportáveis os homens que exigem de nós resignação ante os males inevitáveis. Na verdade, eu não pensava que pudesses ser dessa opinião. Mesmo que, no fundo, tenhas razão. Mas só uma coisa, meu caro! Raras são as vezes neste mundo em que as opções se mostram claras entre o isto e o aquilo. Há nos sentimentos e nas maneiras de proceder tantas gradações quantas há entre o nariz adunco e o chato.

Não levarás a mal, tampouco, que eu invalide toda tua argumentação e trate, de qualquer forma, de fugir ao dilema do isto ou aquilo.

"Ou tens alguma esperança em relação à Carlota, ou não tens," dizes tu. "Bem! No primeiro caso procura realizá-la, alcançando êxito em relação a teus desejos; no segundo, faz das tripas coração e livra-te de um sentimento que acabará por consumir as tuas forças..." Mui amigo! Isso é fácil dizer... fazer é que são elas...

Podes tu exigir deste desgraçado, cuja vida se apaga minada por um lento e incurável mal, que ponha fim aos seus tormentos com uma punhalada? E esse mal que lhe devora as forças não lhe roubará, ao mesmo tempo, a força para se libertar dele?

É certo que poderias replicar-me com uma comparação análoga: quem não preferirá amputar seu braço a arriscar a vida através de seus medos e dúvidas?[36] Não sei... Mas também chega de morder-nos com comparações. Basta... Sim, Guilherme, sinto às vezes um acesso de coragem exaltada, selvagem, e então... se eu ao menos soubesse para onde... iria com gosto.

À noite

Meu diário, que abandonei há algum tempo, voltou a cair-me em mãos hoje e fiquei surpreso ao ver quão conscientemente, e passo a passo, vim a parar no estado em que estou; com quanta clareza sempre vi a minha situação e, de qualquer forma, segui procedendo como uma criança; agora mesmo sigo vendo tudo tão claro e não vislumbro indício algum de emenda!

10 de agosto

Poderia levar a vida mais sossegada e mais feliz do mundo se não fosse um doido. Circunstâncias tão favoráveis como aquelas em que me encontro raramente se reúnem para tornar um homem feliz. Oh! Tanto é verdade que é o nosso coração, ele só, o artífice de sua própria sorte... Ser membro da família mais respeitável, ver-me estimado pelo velho como um filho, pelos pequenos como um pai, e por Carlota!... E o honrado Alberto, então, que não perturba minha felicidade com nenhuma nota de mau humor, que me acolhe tão cordialmente, para quem eu sou, depois de Carlota, o que ele mais estima no mundo!... Guilherme, é uma alegria ouvir-nos quando passeamos juntos e não fazemos mais do que falar de Carlota; nada pode ser mais cômico neste mundo do que a nossa situação, e todavia mais de uma vez as lágrimas brotam de meus olhos.

Quando me fala da respeitável mãe de Carlota, quando me conta como ela, em seu leito de morte, entregou sua filha, a casa e as crianças, recomendando Carlota a ele próprio... Como, desde então, Carlota parece animada por um novo espírito e como, no cuidado de sua casa e na seriedade, parece ser uma verdadeira mãe... Como nem um só momento passa debalde para ela, sem solicitude amorosa e sem labor... E tudo isso sem perder um tiquinho de sua vivacidade, de sua jovialidade...

E eu sigo sem mais nem menos ao seu lado, e vou colhendo flores pelo caminho, junto-as com cuidado num ramalhete... e jogo-as à torrente, seguindo-as com os olhos para ver submergi-las pouco a pouco... Não sei se te escrevi que Alberto vai ficar aqui, e que vai obter da Corte, onde é muito bem visto, um emprego cujo rendimento é bastante razoável. Encontrei poucas pessoas que se possam comparar a ele em ordem e aptidão para os negócios.

12 de agosto

Não há dúvida de que Alberto é o melhor homem da face da terra. Vivi com ele uma cena singular no dia de ontem. Havia ido vê-lo para me despedir dele, porque me veio à telha o desejo de dar uma volta a cavalo pelos montes, donde agora te escrevo,

e tanto andei pelo quarto que suas pistolas me caíram aos olhos. “Empreste-me as pistolas para a viagem”, disse eu. “Por mim”, respondeu ele, “se quiseres te dar ao trabalho de carregá-las. Estão penduradas aí apenas pro forma.” Peguei uma delas e ele prosseguiu: “Desde que a minha previdência me pregou uma peça, não quero mais contatos com essas coisas”. Eu estava curioso para saber da história.

“Havia eu ido”, continuou ele, “passar três meses no campo, na casa de um de meus amigos. Tinha comigo um par de tercerolas[37] descarregadas e dormia tranqüilamente. Numa tardinha, estando o tempo chuvoso e eu sem nada a fazer, não sei como me veio a idéia de que poderíamos ser assaltados, que poderíamos precisar das tercerolas e que necessitaríamos... Tu sabes como são as coisas.... Dei-as ao criado para as limpar e carregar. Ele pôs-se a chacotear com as criadas querendo pregar-lhes um susto e, sabe Deus como, a pistola que tinha nas mãos disparou. A vareta, que ainda estava no cano, foi acertar na mão direita de uma das criadas, esmagando-lhe o polegar. Tive de agüentar as lamentações e ainda por cima pagar o tratamento, e desde então deixo as minhas pistolas descarregadas. Querido amigo, de que serve a previdência? O perigo está sempre à espreita! Todavia...”

Tu sabes o quanto gosto desse homem, inclusive dos seus todavias... Mas não é, por acaso, evidente que toda regra tem sua exceção? Pois esse homem é tão reto que quando julga ter afirmado algo de maneira muito genérica e apenas parcialmente precisa, não se cansa de atenuar, de modificar, acrescentar ou suprimir, até que nada mais reste de sua proposição inicial! E nessa ocasião mergulhou demais no texto; logo eu já não escutava mais o que ele dizia e caí em devaneios, empunhando a pistola com gesto solene e apertando a boca do cano contra a testa, sobre o olho direito. “Arre!”, exclamou Alberto, arrancando-me a arma. “Que significa isso?”

“Não está carregada”, disse eu.

“Mesmo assim, que significa isso?”, acrescentou ele, com impaciência.“Não posso compreender como um homem poderá ser tão louco a ponto de se estourar os miolos; só o ato de pensar nisso me excita a repugnância.”

“É lamentável que vós, os homens”, exclamei, “não podeis falar de nada sem dizer primeiro: Isto é louco, aquilo é prudente, isto é bom, aquilo é mau! E o que significa tudo isso? Por acaso buscastes alguma vez, antes disso, as íntimas circunstâncias de um ato? Sabeis precisar com certeza as razões por que ele ocorreu, por que ele teve de ocorrer? Se tivésseis feito isso não seríeis tão prontos em vossos juízos.”

“Concordarás comigo”, disse Alberto, “que certos atos são e continuarão sendo criminosos, sejam quais forem os motivos.”

Dei de ombros e concordei. “Mas, meu caro”, prossegui, “mesmo aí há algumas exceções. É verdade que o roubo é um crime; mas e o homem que, para livrar a si e aos seus de morrer de fome, vai e comete um roubo; merece compaixão ou castigo? Quem lançará a primeira pedra ao marido ultrajado que, com justa cólera, abate uma mulher infiel e seu vil sedutor? E a essa moça que num momento de delírio se abandona às alegrias arrebatadoras do amor? Até mesmo as nossas leis, essas senhoras pedantes com sangue de lagarto, se deixam comover e contêm suas sanções.”

“Isso é bem outra coisa”, replicou Alberto, “porque um homem que se deixa arrastar por uma paixão violenta perde a faculdade de refletir e deve ser considerado

como um ébrio, como um demente."

"Oh, aí estais vós, os razoáveis!", exclamei, terminando num sorriso. "Paixão! Embriaguez! Demência! E permaneceis tão impassíveis, tão indiferentes, vós, os homens morais! Censurais o bêbado, detestais o insensato, passais ao largo como o padre e agradeceis a Deus como o fariseu[38] por não vos ter feito semelhantes nem a um nem a outro. Mais de uma vez me embebedei, minhas paixões nunca estiveram longe da demência, e não me arrependi de nenhuma das coisas que fiz, pois graças a elas pude compreender, por experiência própria, como todos os homens extraordinários que levaram a cabo alguma coisa grande, alguma coisa reputada impossível, desde sempre foram declarados ébrios e dementes... Mas também na vida cotidiana resulta algo intolerável ouvir todo mundo gritar, sempre que alguém pratica um ato um tantinho mais livre, honrado, inesperado: 'Aquele homem está bêbado, está louco!' Tende vergonha na cara, vós, os pacatos! Tende vergonha na cara, vós, os discretos!"

"Essas são mais algumas das tuas extravagâncias", disse Alberto. "Exageras tudo e, por certo, cometes pelo menos o erro de aceitar o suicídio, que é do que estamos falando agora, como se fosse uma grande ação, quando não é nada mais do que simplesmente fraqueza. Pois, para ser sincero, é mais fácil morrer do que suportar com firmeza uma vida de tormentos."

Estava a ponto de terminar com a conversa, pois nada me faz perder tanto as estribeiras como ver alguém me espicaçando com lugares-comuns dos mais insignificantes quando estou falando do fundo de meu coração. Mas contive-me, já ouvira aquilo tantas vezes e tantas vezes me irritara, que repliquei com certa vivacidade: "Chamais a isto de fraqueza? Peço-te que não te deixes enganar pelas aparências. Um povo que geme sob o jugo insuportável de um tirano, ousareis taxá-lo de fraco quando enfim se levanta e rompe os grilhões? Um homem que, no susto de ver as labaredas consumindo sua casa, distende os músculos e levanta com facilidade fardos que a sangue-frio mal poderia mexer; um outro que, encolerizado por um ultraje, ataca seis homens e os subjuga, seríeis capaz de chamá-lo de fraco? E, meu caro, se o esforço é força, porque a energia extrema seria o contrário?"

Alberto olhou para mim e disse: "Não me leve a mal, mas os exemplos que acabais de citar não me parecem aplicáveis a este caso".

"É possível!", disse eu. "Já por várias vezes me acusaram de que meu modo de discorrer beira o despropósito. Vejamos então se não podemos representar de maneira diferente o que tem de ocorrer na alma do homem que se determina a arriar o fardo da vida, em outros casos tão querido. Porque só quando nos pomos na pele de alguém assim é que podemos ter a honra de falar de uma coisa dessas."

"A natureza humana", prossegui, depois de breve pausa, "tem seus limites; pode suportar até certo ponto a alegria, a mágoa, a dor, mas passando deste ponto ela sucumbe. A questão não é, pois, saber se um homem é fraco ou forte, mas se pode suportar o peso dos seus sofrimentos, quer morais, quer físicos. E eu acho tão espantoso que se chame de covarde ou de desgraçado àquele que se priva da vida, como acharia impertinente tachar de covarde ao que sucumbe a uma febre maligna."

"Paradoxo! Aí há um grande paradoxo!", exclamou Alberto.

"Não tão grande quanto tu imaginas", repliquei eu. "Hás de convir comigo que

qualificamos de doença mortal[39] a todas aquelas que atacam com tanta violência as forças da Natureza a ponto de ou consumir as energias dessa mesma Natureza ou pô-la fora de ação, de maneira que uma revolução salutar já não possa mais restabelecer o curso ordinário da vida. Pois bem, meu caro, apliquemos isso ao espírito. Olha para o homem em sua limitação e vê como as impressões atuam nele, como as idéias se fixam nele, até que enfim a paixão sempre crescente o priva de toda a força de vontade e o lança ao solo. Em vão o homem ajuizado e razoável contemplará o estado do infeliz, em vão lhe dará seus conselhos! Da mesma forma que um homem saudável, parado junto ao leito do enfermo, jamais poderá transmitir-lhe a parte mais insignificante de suas energias."

Para Alberto isso parecia demasiado genérico. Lembrei-lhe o caso de uma moça que encontraram afogada havia algum tempo e contei sua história. Era uma boa criatura, toda entregue a suas ocupações domésticas, trabalhando a semana inteira, sem outro prazer além de se enfeitar aos domingos com os poucos trapos que ia arranjando a custo e ir passear com as companheiras pelos arrabaldes da cidade ou dançar, de quando em vez, nas festas jubilares, além de passar as horas de folga conversando, com toda a veemência e o mais cordial interesse, a propósito de uma rusga ou de uma discussão com a vizinha... Eis que com tempo essa natureza fogosa começa a sentir necessidades mais íntimas, que crescem com os galanteios dos homens... Todas as suas alegrias de antes tornam-se pouco a pouco insípidas, até que enfim ela encontra um homem, para o qual um desconhecido sentimento a arrasta irremediavelmente, no qual funda todas as suas esperanças, pelo qual esquece o mundo que a rodeia. Ela nada escuta, nada vê, nada sente a não ser ele, o único, e só por ele, o único, é que anseia. Como não está corrompida pelos prazeres frívolos da vaidade e dos galanteios, os seus desejos vão direto ao alvo, quer ser sua, quer gozar em eterna união toda a felicidade que lhe falta, os prazeres a que aspira. Promessas repetidas que selam a certeza de todas suas esperanças, carinhos temerários que lhe aumentam os desejos, apoderam-se de toda a sua alma. Ela está suspensa em uma surda consciência, no antegozo de todos os prazeres subiu ao cume, e estende enfim os braços para cingir todos os seus desejos... e o seu amante a abandona... Ei-la em transe, privada dos sentidos, à beira do abismo; tudo é escuridão a sua volta, nenhuma perspectiva, nenhum consolo, nenhum vislumbre de esperança, porque a abandonou o único por quem e em quem ela sentia viver! Não vê o vasto mundo que diante dela se estende, e o número daqueles que poderiam substituir a perda que sofreu. Ela sente-se sozinha, abandonada por todos... e cega, oprimida pelo horrível aperto de seu coração, arroja-se ao abismo para sufocar todos os seus tormentos na morte que tudo abarca... Vê, Alberto, essa é a história de tantas pessoas! E não é esse o mesmo caso da enfermidade? A Natureza não encontra nenhuma saída desse labirinto de forças intrincadas e antagônicas, e o homem tem de morrer. Ai daquele que, à vista disso, fosse capaz de dizer: 'Que louca! Se tivesse esperado, se houvesse deixado o tempo correr, o seu desespero ter-se-ia acalmado e em breve encontraria um outro que a consolasse'. É exatamente como se alguém dissesse: 'O louco vai morrer de febre! Se tivesse esperado até que suas forças voltassem, até que se houvessem corrigido seus humores e apaziguado o tumulto de seu sangue, tudo se restabeleceria e estaria vivendo até hoje'."

Alberto, que ainda não achava convincente a comparação, fez-me objeções, entre outras a de que eu acabava de contar a história de uma moça ingênua; não podia conceber como desculpar a um homem de bom senso, não tão limitado, e capaz de ver mais longe.

"Meu amigo!", exclamei. "O homem é sempre homem, e a pequena dose de bom senso que este tem a mais do que aquela pouco pesa na balança quando as paixões fervilham e os limites do humano nos sufocam. Ou, muito antes... Em outra oportunidade falaremos disso", disse eu pegando o chapéu. Oh, meu coração estava tão cheio... e nós nos separamos sem ter-nos entendido um ao outro. É tão raro duas pessoas se entenderem neste mundo!

15 de agosto

É certo, em todo caso, que neste mundo não há coisa mais necessária ao homem do que o amor. Sinto-o em Carlota, ela lamentaria muito me perder; e também nas crianças, que não têm outro pensamento que não o de me ver voltar todos os dias pela manhã. Hoje fui até lá para afinar o piano de Carlota, mas não pude fazê-lo porque os pequenos não me deixavam em paz, pedindo-me que lhes contasse uma historinha; até mesmo Carlota achou melhor satisfazer-lhes a vontade. Dividi-lhes o pão, que eles aceitaram quase com tanto gosto como se fosse distribuído por Carlota, e contei a história da princesa servida por mãos encantadas.[40] Aprendo muito com isso, posso te garantir, e estou pasmo com as impressões que a fábula lhes causa. Se me acontece de inventar um incidente, e esquecê-lo quando repito a história, exclamam logo que da primeira vez contei de outro jeito, de maneira que me esforço para contá-la toda num só fôlego, sem variar nada, com as mesmas cadências e inflexões de voz. Daí, aprendi que um autor que faz alterações em segunda edição, mesmo que com o fito de melhorar a obra poeticamente, fatalmente a prejudica. A primeira impressão encontra-nos dóceis, e o homem é de tal modo constituído que podem persuadi-lo das coisas mais extraordinárias; mas logo em seguida isso fica arraigado de maneira tão sólida que, ai daquele que pretenda apagá-lo ou extirpá-lo!

18 de agosto

Por que é que as coisas têm de ser assim, e o que faz a felicidade do homem se transformar também na fonte de sua desgraça...

A plena e cálida sensibilidade do meu coração para com a Natureza viva, que me inundava de tantos deleites a ponto de fazer com que o mundo ao meu redor se tornasse um paraíso, transformou-se agora para mim num insuportável carrasco, num gênio torturador que me persegue por toda parte. Quando outrora contemplava, do alto do rochedo para além do rio, a fértil campina que se estende até aquela cordilheira; quando via tudo germinar e rebentar em volta de mim; quando olhava para as montanhas cobertas de espesso arvoredo da base ao topo, para os vales cheios de sombra em todos os seus recôncavos de bosquezinhos aprazíveis, e via como o manso riacho deslizava por entre os juncos oscilantes e refletia as amáveis nuvens que o vento leve da tarde espalhava pelo céu na forma de ondulações suaves; quando

ouvia as aves animar a floresta a minha volta e os milhões de enxames de mosquitos dançarem alegres no último raio rubro do sol, cuja luz moribunda libertava das ervas o besouro zumbidor; quando o estridor e o bulício ao meu redor me faziam fixar a vista na terra e no musgo que arranca seu sustento da dura rocha e na giesta que cresce ao longo da árida duna de areia... Ah, aí então a vida interior e misteriosa que anima a Natureza, sempre ativa e potente, se desvelava inteira para mim... Como eu abraçava tudo aquilo no meu cálido coração e me sentia deificado por aquela torrente que me trespassava, enquanto as majestosas formas do mundo viviam e moviam-se em minha alma! Montanhas ingentes me rodeavam, abismos profundos estendiam-se a meus pés, as torrentes despenhavam-se para baixo, os rios fluíam sob meus olhos, mata e montanha troavam; e eu as via, todas essas forças inescrutáveis, atuarem e criarem-se mutuamente, uma dentro da outra, nas profundezas da terra; e logo, por cima da terra e debaixo do céu, formigavam as inumeráveis raças dos seres vivos; tudo, tudo povoado de mil formas diferentes; e depois os homens, recolhidos em suas casinholas, confortando-se e iludindo-se uns aos outros, reinando segundo seus princípios sobre o vasto universo![41] Pobre insensato, que julgas tudo tão insignificante por seres tão pequeno! Desde as montanhas inacessíveis do deserto, que nenhum pé humano logrou pisar, até ao extremo do oceano desconhecido, respira o espírito do eterno criador e o seu hálito deleita todo o grão de pó que o sente e que o vive... Ah, por quantas vezes desejei então ter as asas do grou que passava acima da minha cabeça, voar às praias do mar imenso, beber a vida na taça espumante do infinito e apenas por um instante sentir na estreita capacidade do meu seio uma gota da beatitude desse ser que tudo cria, em si e por si!

Meu irmão, tão só a recordação destes momentos me faz feliz. Mesmo os esforços que empreendo para me lembrar e traduzir esses inexprimíveis sentimentos elevam a minha alma acima de si própria e fazem-me sentir em dobro os tormentos da situação em que me encontro agora.

É como se alguém tivesse arrancado a cortina que tapava a visão de minha alma... O espetáculo da vida infinita metamorfoseou-se ante mim num túmulo eternamente aberto. Tu poderás dizer: É assim! Mas e quando tudo passa... E quando tudo roda com a celeridade do raio e não conseguimos segurar-nos com a plenitude de nossa energia vital, vendo tudo ser arrebatado pela corrente, e ai!, ser submerso e esmagado contra os rochedos... Então não há instante que não te devore, a ti e aos teus, não há instante em que não sejas, em que não devas ser um destruidor. O mais inocente dos teus passos custa a vida de milhares de pobres insetos, uma pisada tua destrói o penoso trabalho das formigas e impele um pequeno mundo à tumba ignominiosa. Ah, não são as vossas grandes e raras catástrofes, essas inundações que arrastam vossos vilarejos, esses tremores de terra que submergem vossas cidades, que me impressionam! O que me consome o coração é essa força dominadora que se oculta sob a totalidade da Natureza, e que nada produz que não destrua o que a rodeia, e por fim a si mesmo... E assim vagueio atormentado por aí. Céu, terra e suas forças ativas em volta de mim! Nada vejo senão um monstro que engole eternamente e eternamente volta a mastigar e a engolir.

21 de agosto

Em vão estendo meus braços para ela, de manhã, ao despertar de um penoso sonho; em vão a procuro à noite em minha cama, quando um devaneio feliz e puro me iludiu, quando julgava estar sentado ao lado dela na relva, e lhe pegava na mão cobrindo-a de mil beijos.

Ah, quando, ainda meio tonto de sono, a procuro e a seguir desperto, uma torrente de lágrimas brota do meu coração e choro, desolado com o futuro sombrio a minha frente!

22 de agosto

É tanta a desdita, Guilherme! Minhas forças ativas degringolaram em inquieta indolência, não posso estar ocioso, mas também não consigo fazer nada. Não tenho nenhuma idéia, nenhuma sensibilidade pelas coisas e os livros me causam tédio. Quando faltamos a nós mesmos, tudo nos falta.[42] Juro-te, cem vezes desejei ser um operário para ter, ao levantar pela manhã, uma perspectiva, um trabalho, uma esperança. Muitas vezes invejo a sorte de Alberto, que eu vejo enterrado em pergaminhos até os olhos, e penso que me sentiria feliz se estivesse em seu lugar! Mais de uma vez tive a idéia de te escrever e escrever ao ministro, solicitando-lhe aquele lugar na embaixada, lugar que, em tua opinião, ele não iria recusar-me. Também creio que assim seria. O ministro há muito manifesta afeto por mim, e muitas vezes me aconselhou a ocupar-me em qualquer emprego. Em certos momentos chego a dispor-me a isso, mas logo a seguir reflito e lembro-me da fábula do cavalo que, cansado da liberdade, deixa que coloquem sobre ele sela e bridão, e ao final é condenado à desonra de ser montado...[43] Não sei o que devo fazer... E, querido amigo, esse desejo de mudar de situação não virá de uma inquietação íntima e importuna que há de me perseguir por toda a parte?

28 de agosto

Na verdade, se o meu mal tivesse cura essas pessoas o curariam. Hoje é o dia do meu aniversário[44] e logo de manhã recebi um presentinho de Alberto. Ao abri-lo, eis que a primeira coisa que me salta aos olhos é um laço vermelho-pálido que Carlota trazia ao peito quanto a conheci, e que eu mais de uma vez lhe pedi desde então.[45] Havia também dois livretes *in 12* junto.[46] Era o pequeno Homero de Wetstein, numa edição que eu havia procurado muito para não carregar a de Ernesti em meus passeios.[47] Bem vês como eles vão ao encontro de meus desejos, como tratam de me proporcionar as pequenas atenções da amizade, mil vezes mais preciosas do que os presentes magníficos com os quais a vaidade daquele que os dá nos humilha. Beijo este laço mil vezes, e em cada beijo aspiro e saboreio a lembrança das delícias que me cumularam nesses dias tão curtos, tão rápidos e tão irreparáveis! Guilherme, assim é, e eu não resmungo. As flores da vida não passam de fantasmas. Quantas murcham sem deixar vestígio! Quão poucas dão frutos e quão poucas deixam esse fruto amadurecer! E, contudo, ainda há bastante, e até... Oh, meu irmão! E como podemos nós relegar, desprezar, deixar apodrecer sem provar esses frutos maduros?

Adeus! O verão está magnífico. Sento-me às vezes debaixo das árvores do pomar de Carlota e, armado de uma comprida vara com forquilha na ponta, busco as pêras da copa. Ela está de pé embaixo da árvore e vai colhendo as que derrubo.

30 de agosto

Desgraçado! Não serás um louco? Não te enganarás a ti próprio? O que é que esperas dessa paixão frenética e infinita? Não tenho mais outro culto que não ela; a minha imaginação apenas me mostra a sua fisionomia e, de tudo o que me rodeia no mundo, apenas distingo aquilo que com ela se relaciona. E isso me causa algumas horas de felicidade... até que de novo sou forçado a fugir dela. Oh, Guilherme! Até onde o coração me leva! Depois de passar sentado a seu lado duas ou três horas e saciar-me de sua figura, das suas maneiras, da expressão celeste das suas palavras, quando pouco a pouco todos os meus sentidos se incendeiam e os meus olhos obscurecem, eu até passo a escutar mal e sinto um nó na garganta, como se ali estivesse a mão de um assassino. É então que o meu coração procura, em rápidas palpitações, dar ação aos meus sentidos sufocados e não faz mais que aumentar a sua turvação... Guilherme, muitas vezes nem sei mais se ainda estou vivo! E... quando a melancolia volta a me vencer, e Carlota me permite o mesquinho consolo de desafogar, chorando sobre suas mãos, minha opressão... tenho de me afastar dali, tenho de ir embora... e vago sem rumo por campos e vales! Subir uma montanha escarpada é o meu prazer nessas horas, abrir caminho por uma floresta densa através das sebes que me machucam, através dos espinhos que me laceram! Então passo a me sentir um pouco melhor! Um pouco! E quando, vencido pela fadiga e pela sede, me deixo cair no caminho, com freqüência já é caída a noite e a lua cheia brilha alta sobre a minha cabeça. Me sento então sobre um tronco nodoso para aliviar um pouco meus pés esfolados e adormeço na penumbra, cedendo ao cansaço! Oh, Guilherme! A morada solitária de uma cela, a vestimenta de cilício e o cinturão de pregos seriam os bálsamos aos quais minha alma aspira.[48] Adeus! Não vejo outro fim para esta desgraça que não o túmulo.

03 de setembro

Tenho de partir! Eu te agradeço, Guilherme, por teres aprovado minha resolução vacilante. Há duas semanas medito no projeto de a deixar. Tenho de partir. Ela está mais uma vez na cidade em casa de uma amiga. E Alberto... e... tenho de partir!

10 de setembro

Que noite, Guilherme, que noite! E eu superei tudo. Não voltarei mais a vê-la! Oh, não poder voar ao teu pescoço, meu bom amigo, e exprimir-te com toda a minha comoção e torrentes de lágrimas os sentimentos que agitam meu coração! Eis-me sentado aqui, buscando com dificuldade o ar que me falta ao peito. Procuro me acalmar, espero a manhã, e ao nascer do sol os cavalos já estarão prontos à minha

porta.

Ah, ela dorme sossegada e nem pensa que jamais voltará a me ver! Libertei-me dela e fui forte o suficiente para não revelar minhas intenções em duas horas de conversa. E, meu Deus, que conversa!

Alberto prometera estar no jardim com Carlota logo depois de cear. Eu estava no terraço, à sombra dos altos castanheiros, e olhava para o Sol que eu via pôr-se para além do belo vale pela derradeira vez, e agora refulgia no curso de um rio que seguia seu rumo tranqüilamente. Estive tantas vezes naquele lugar com ela!

Tantas vezes havíamos contemplado juntos aquele magnífico espetáculo e agora... Ia e vinha pela alameda que eu tanto amava; um quê de secreta simpatia tinha me levado para ali tantas vezes, antes mesmo de conhecer Carlota, e como nos alegramos quando descobrimos nosso afeto comum àquele lugarzinho, que realmente é um dos mais românticos que eu já vi ser pintados pela arte!

Primeiro tens a ampla perspectiva entre os castanheiros... Ah tá, agora me lembro que, pelo menos assim creio, já te escrevi longas páginas acerca disso, contando-te como as paredes de faias escurecem cada vez mais a alameda, até tudo terminar, ao final, num lugarzinho fechado que encerra todo o tremor da solidão. Sinto ainda a sensação de mistério que tomou conta de mim quando, sol a pino, entrei ali pela primeira vez; no fundo de minha alma já pressentia vagamente que cenário de felicidade e de dor ele haveria de ser um dia.

Já estava entregue há cerca de meia hora aos doces e cruéis pensamentos do instante da separação, que ia voltar a nos reunir, quando senti que os dois subiam para o terraço. Corri ao encontro dela, peguei-lhe a mão a tremer e beijei-a. Apenas havíamos subido, quando a lua assomou por detrás das moitas da colina; sempre a conversar, aproximávamo-nos irremediavelmente do gabinete escuro. Carlota entrou ali e sentou-se, Alberto ao lado dela e eu também; mas meu desassossego não me deixou ficar sentado por muito tempo, levantei-me e pus-me diante dela, dei algumas voltas e tornei a me sentar; aquela era uma situação angustiante. Ela chamou nossa atenção para o belo efeito da luz da lua que, na extremidade das paredes de faia, iluminava todo o terraço diante de nós; soberbo espetáculo, e tanto mais impressionante por que em volta de nós reinava profunda escuridão. Permanecemos quietos algum tempo, mas Carlota interrompeu o silêncio dizendo: “Nunca saio a passear à luz da lua, nunca, sem que a lembrança de meus parentes mortos me acompanhe e a idéia do fim e do futuro me deixe abalada”.

“Existiremos!”, prosseguiu ela, na voz do mais magnífico dos sentimentos. “Mas, Werther, tornaremos a nos encontrar? A nos reconhecer? Que pensais disso?”

“Carlota”, disse eu, enquanto pegava sua mão e sentia meus olhos cheios de lágrimas, “nós haveremos de nos reencontrar! Aqui e lá, nós haveremos de nos reencontrar!...” Não pude prosseguir... Guilherme! Tinha ela de me fazer semelhante pergunta no momento em que eu abrigava em mim a idéia de uma separação tão cruel!?

“E saberão nossos mortos queridos”, continuou ela, “sentirão se estamos bem nesse mundo, que nos lembramos deles com carinho afetuoso? Oh, o semblante de minha mãe está sempre diante de meus olhos quando, à noite, estou sentada e bem tranqüila no meio de seus filhos, que ali estão ao redor de mim como estavam ao redor dela. Ergo ao céu com ardor os meus olhos molhados de lágrimas e desejo que

do alto ela possa ver num instante como cumpro a promessa que lhe fiz em sua derradeira hora: ser a mãe de seus filhos! Com que emoção exclamo: perdoa-me, mãe amantíssima, se não sou para eles o que tu eras! Ah, eu faço tudo o que posso: andam vestidos, alimentados e, mais que tudo isso, cuidados e queridos. Pudesses tu ver a nossa união, minha santa! Que ações de graças darias a Deus, a quem pediste, derramando tuas derradeiras e amargas lágrimas, a felicidade para teus filhos...” Ela disse isso, oh, Guilherme! Quem pode repetir o que ela disse? Como é que letras frias e mortas lograrão alcançar e refletir essa celestial floração do espírito?

Alberto a interrompeu com doçura: “Isso vos impressiona em demasia, querida Carlota! Já sei que vossa alma pende inteira dessa idéia, mas peço-vos que...”

“Oh, Alberto!”, exclamou ela. “Sei que não esqueceste aquelas noites em que estávamos sentados juntos em volta da mesinha redonda, quando meu pai andava em viagem, depois de mandarmos as crianças irem se deitar. Trazias às vezes um bom livro, mas era raro chegares a ler algo... Não valia mais que tudo a relação com aquela alma magnífica, com aquela bela, jovial, carinhosa e sempre ativa mulher? Deus sabe das lágrimas que eu derramo às vezes no meu leito, humilhando-me perante Ele para que me faça igual a minha mãe...”

“Carlota!”, exclamei, lançando-me aos seus pés, colhendo-lhe a mão e salpicando-a com miles de lágrimas. “Carlota! A bendição e o espírito de tua mãe pairam sobre ti!”

“Se vós a tivésseis conhecido!”, disse-me ela, apertando-me a mão. “Era digna de que a conhecêsseis.” Julguei que iria desmaiar. Nunca, jamais falaram em relação a mim palavras tão monumentais e elogiosas... e ela prosseguiu: “E aquela mulher viu a morte arrebatá-la na flor da vida, quando o último dos seus filhos tinha apenas seis meses! A sua doença não foi longa; ela estava tranqüila, resignada, só os seus filhos lhe causavam pena, sobretudo o menor. Quando sentiu o fim se aproximando, disse-me: ‘Traga-os até mim’ e assim que acabei de levá-los até ela – os mais pequenos ainda não sabiam de nada, os maiores estavam consternados e tampouco sabiam direito o que se passava –, ela alçou as mãos e rezou por eles e beijou-os, um após outro. Depois disso mandou que se retirassem e disse a mim: ‘Sê a mãe deles!’ Eu apertei sua mão em juramento. ‘Prometes muito, minha filha’, disse ela. ‘O coração de uma mãe e os olhos de uma mãe. Mais de uma vez pude ver em tuas lágrimas de gratidão que sentes bem o que isso significa. Sê mãe para os teus filhos e com o teu pai tem a fidelidade e a obediência de uma esposa. Tu o consolarás.’ Ela perguntou por ele, mas ele havia saído, para poupar-nos da dor insuportável que sentia. O pobre tinha o coração em pedaços... Tu estavas no quarto, Alberto. Ela ouviu os passos de alguém, perguntou quem era e pediu que vos aproximásseis dela; e como ela olhou para ti e para mim, com que olhos tão consolados e tão serenos! Como se estivesse segura de que seríamos felizes, completamente felizes, juntos os dois...”

Alberto atirou-se ao seu pescoço, beijou-a e exclamou: “E nós somos! Nós haveremos de ser felizes!” O fleumático Alberto estava fora de si e também eu havia perdido a noção de mim mesmo.

“Werther”, recomeçou ela, “uma mulher dessas Deus deveria deixar conosco! Meu Deus! Quando penso como deixamos escapar de nossas mãos o que há de mais querido na nossa vida me entristeço; mas os que mais sentem a perda são as crianças,

que ainda muito tempo depois de sua morte choravam, dizendo que os homens negros haviam levado sua mãe!"

Ela levantou-se e eu me emocionei e estremeci; permaneci em meu assento e peguei sua mão: "Vamos para dentro", disse ela, "que já são horas."

Ela quis retirar a mão, mas eu segurei-a com firmeza. "Tornaremos a ver-nos", exclamei, "tornaremos a ver-nos. Qualquer que seja a forma que tivermos, nos reconheceremos. Vou-me embora", prossegui, "vou-me embora espontaneamente, mas se eu prometesse que era para sempre, não cumpriria a promessa. Adeus, Carlota! Adeus, Alberto! Tornaremos a ver-nos!"

"Amanhã, é claro!", replicou ela, brincando. Eu senti fundo aquele amanhã! Ah, ela não sabia de nada quando retirou sua mão da minha... Desceram a alameda, eu fiquei parado. Segui-os com os olhos ao fulgor da lua e logo me arrojei ao chão soluçando, levantando-me em seguida; e, correndo ao terraço, olhei para baixo e vi ainda, à porta do jardim, o seu vestido branquejar à sombra das tílias altaneiras; estendi meus braços à frente, e tudo sumiu.

Segunda Parte

Aos 20 de outubro de 1771.

Chegamos aqui ontem. O embaixador está indisposto e quer ficar por alguns dias. Se ele não fosse tão intratável, tudo estaria bem. Bem vejo, bem vejo que o destino me reservou rudes provações. Em todo caso, ânimo! Um senso leviano tudo suporta! Um senso leviano? Chega a me fazer rir o fato de essas palavras terem chegado ao bico de minha pena! Oh, um tiquinho de leviandade no sangue me faria o mais feliz dos mortais. O quê! Ali onde outros, apresentando pouca força e talento, pavoneiam-se diante de mim, cheios de uma doce complacência para consigo mesmos, duvido eu mesmo de minhas forças e aptidões? Bom Deus que me concedeste todos esses dons, porque não ficaste com a metade deles para me dares em seu lugar a confiança própria e a auto-satisfação!

Paciência! Paciência! Tudo haverá de melhorar, pois te asseguro, meu amigo, tu tens razão. Desde que ando para cá e para lá entre o povo e vejo o que fazem e como o fazem, fico mais satisfeito comigo mesmo. Com certeza – visto que somos feitos de tal maneira que comparamos tudo conosco, e daí segue-se que a felicidade ou a desgraça jazem nos objetos com os quais nos relacionamos –, não há nada mais perigoso do que a solidão. A nossa imaginação, levada por natureza a sublevar-se e nutrida pelos fantásticos quadros da poesia, cria uma série de seres cuja superioridade nos esmaga, e quando lançamos o olhar para o mundo real qualquer outro nos parece mais perfeito do que nós mesmos. E isso é até bem natural. Sentimos tantas vezes que nos faltam algumas coisas, e por vezes nos parece que o que nos falta um outro possui. Quando isso acontece, a ele concedemos de bom grado tudo aquilo que temos, e ainda por cima um certo bem-estar ideal. E assim imaginamos nós mesmos as perfeições que criam o nosso suplício.

Pelo contrário, quando com toda a nossa fraqueza, com toda a nossa lástima caminhamos decididos e direitos a um fim, sentimos muitas vezes que, mesmo com nossos tombos e deslizes, vamos bem além do que os outros vão à força de suas velas e seus remos... E, ah, disso eu tenho certeza... O fato de caminhar tão ligeiro, ou até de ultrapassar os que andam conosco, proporciona tanta autoconfiança!

26 de novembro

Começo a me sentir, na medida do possível, razoavelmente bem por aqui. O melhor de tudo é que há muita coisa a fazer, e essa grande variedade de pessoas e as novas caras que encontro brindam minha alma com um espetáculo multicolorido.

Conheci o conde C..., um homem que, a cada dia que passa, me inspira maior apreço; tem uma cabeça aberta e é homem de larga visão, sem ser frio pelo fato de enxergar longe. Quantos sentimentos de amor e de amizade não fulguram em seu trato com as pessoas! Simpatizou comigo quando o consultei sobre certo aspecto de ordem prática, e já às primeiras palavras notou que havíamos nos entendido bem e que poderia falar comigo como não se fala com qualquer um.

Tampouco poderia eu gabar o suficiente a franqueza que ele adotou em relação a mim. E não há alegria mais verdadeira e cálida neste mundo do que ver uma grande alma que se abre inteira para nós.

24 de dezembro

O embaixador causa-me muitos dissabores, eu já o previra.[49] É o tolo mais metódico que se pode imaginar; quer tudo passo a passo e é minucioso como uma comadre. É um homem que nunca está contente consigo mesmo e do qual ninguém é capaz de colher palavras de gratidão. Trabalho sempre apressado e não gosto de retocar as coisas, e isso lhe dá ocasião para devolver-me qualquer escrito e dizer: "Não está mal, mas reveja-o, encontra-se sempre um termo melhor, uma partícula mais castiça". Nesses momentos, de bom grado mandaria tudo ao diabo. Nem um "e", nem a mínima conjunçãozinha pode ser omitida, e é inimigo mortal de toda ordem inversa, que às vezes me escapa.[50] Se um período não for construído segundo a velha musiquinha de costume, ele não entende e não aceita nada. É um martírio ter de trabalhar com um homem assim.

A confiança do conde C... é a única coisa que compensa meu desagrado. Não faz muito, ele me disse francamente o quanto estava descontente com a lentidão, as minúcias e a irresolução do meu embaixador. "Pessoas assim são insuportáveis a si mesmas e aos outros, mas, de qualquer forma", referiu ele, "há que resignar-se a esse tipo de coisa como o caminhante que tem de subir a montanha; claro que se a montanha não estivesse ali, o caminho resultaria mais cômodo e mais curto, mas ela está ali e nós temos de subi-la."

Meu velho[51] percebeu bem a preferência que o conde me dava em relação a ele, o que o incomoda ainda mais, e aproveita todas as ocasiões para falar mal dele diante de mim. Como é natural, eu não fecho os ouvidos ao que ele diz, defendo o conde e a coisa fica cada vez pior. Ontem ele veio com uma indireta de que o conde até era bastante bom em questões mundanas, pois tinha facilidade para trabalhar e uma letra muito boa; mas carecia, como todos os juristas, de uma cultura básica. E acompanhava estas palavras com uma cara de quem estava dizendo: "Sentiu o golpe?" Mas aquilo não causou em mim o menor efeito e só fiz desprezar o homem, por ser capaz de pensar e proceder assim. Fiz-lhe frente, e respondi-lhe com boa dose de violência. Disse que o conde merecia toda a consideração não só pelo seu caráter, mas também pelos seus conhecimentos. "Não conheço ninguém", disse eu, "a quem foi concedido alargar tanto seu espírito, abarcar tal infinidade de questões, e conservar, não obstante, o mesmo caráter ativo para as coisas simples da vida cotidiana." Isso era grego puro para ele, e eu me despedi para não ter de engolir ainda mais bílis ouvindo declarações ainda mais irracionais e espalhafatosas.

E disto sois todos vós culpados, vós que me cantastes o ar benfazejo daquela canga e me gabastes tanto a atividade. A atividade! Se o camponês que planta batatas e cavalga à cidade para vender seus cereais não é mais útil do que eu, quero seguir remando mais dez anos nesta galera à qual estou preso.

E que dizer desta brilhante miséria, o tédio que reina entre este povo sensaborão que se vê por aqui?! E a mania das categorias, que faz com que se observem e se espiem para se adiantarem aos outros ao mínimo passo em falso que derem! Nem procuram ocultar sob a saia do fingimento as paixões mais miseráveis e lamentáveis. Há uma mulher, por exemplo, que ocupa toda a gente com sua nobreza e seu país, de forma que faz qualquer forasteiro pensar: "Essa tia é uma louca, que por uma dose de nobreza e a fama de seu país se imagina possuidora de bens de outro mundo..." Mas a coisa é ainda muito pior: a tal senhorita é apenas a filha de um escrivão da vizinhança... Vê, não consigo compreender a espécie humana, que tem tão pouco bom senso a ponto de se prostituir de maneira tão baixa.

De resto, meu caro, dia a dia vejo com mais clareza quão estúpido é o ato de julgar os outros pelas nossas próprias faculdades. E como eu tenho muito o que fazer comigo mesmo, e este coração é tão tempestuoso, ah, de bom grado deixo os outros seguirem seu caminho, contanto que me deixem seguir o meu.

O que mais me vexa são essas fatais relações burguesas. Sei bem, como qualquer outro, que é necessária a distinção de classes e conheço as vantagens que ela traz para mim mesmo; mas não gostaria que essa mesma distinção atravancasse o meu caminho quando poderia conduzir-me a alcançar um pouco de alegria, ou fazer-me gozar um vislumbre da felicidade deste mundo.[52] Quando andava a passeio há dias atrás, conheci uma certa senhorita de B..., uma criatura encantadora, que soube conservar muita naturalidade em meio aos ares empertigados daqueles com os quais vive.

A simpatia foi mútua durante a conversa e, ao despedirmo-nos, pedi permissão para visitá-la. Ela concedeu-me a visita com tanta cordialidade que esperei cheio de impaciência a hora aprazada para ir vê-la. Ela não é desta cidade e vive em casa de uma tia. A fisionomia da velha carcaça desde logo não me agradou. Mas dediquei-lhe todas as atenções deste mundo e por várias vezes lhe dirigi a palavra. Em menos de meia hora percebi o que a amável sobrinha me confessou depois. Que a querida tia estava, no fim de seus dias, na mais completa miséria; que apenas tinha, em matéria de espírito e bens, a imponente série de seus avós como recurso; como único abrigo, a categoria social atrás da qual ela se entrincheira; e como único recreio, o prazer de olhar com altivez para os cidadãos que passam sob a sacada de seu primeiro andar. Teria sido bela na juventude, e desperdiçou sua vida atormentando a mais de um pobre rapaz com seus caprichos. Já adulta, vergou humildemente a cabeça sob o jugo de um velho oficial que, em troca de sua absoluta submissão e de uma pensão mesquinha, passou com ela a idade de bronze até passar enfim desta para melhor. Agora ela se vê sozinha na idade de ferro[53] e ninguém olharia por ela se sua sobrinha não fosse tão amável.

Aos 08 de janeiro de 1772.

Que homens são aqueles, cuja alma pende inteira do cerimonial e durante longos anos encaminham todos seus esforços no fito de poderem ocupar um lugar mais perto da cabeceira da mesa! Não quer dizer que não tenham ocupações, longe disso... Esses fúteis embates dão-lhes muitas tarefas, impedindo-os de dar cabo a coisas bem mais importantes. Foi o que sucedeu semana passada numa partida de trenós e acabou estragando todo o prazer da festa.

Loucos que são! Se mostram incapazes de ver que o lugar é a coisa menos importante e que aquele que ocupa o primeiro, raras vezes desempenha o papel principal! Quantos reis são governados por seus ministros e quantos ministros são governados por seus secretários! E qual deles é, ao fim das contas, o primeiro? Aquele que, penso eu, tiver mais conhecimentos sobre os outros e suficiente caráter ou finura para poder empregar suas forças e suas paixões na execução dos seus planos.

20 de janeiro

Tenho de vos escrever, querida Carlota, e da sala de uma taverna miserável onde acabo de me refugiar de um temporal. Enquanto eu permaneci no ninho triste de D..., entre estranhos, com meu coração vagando junto a um povo desconhecido, não tive sequer um momento, sequer um momento, em que meu coração tenha se dirigido a mim pedindo que vos escrevesse. E agora, recolhido a esta palhoça, bebendo desta solidão, deste confrangimento, enquanto neve e granizo voltam a bater com fúria à janelinha, vós fostes o meu primeiro pensamento. Quando adentrei a porta, vossa feição se apossou de mim, vossa lembrança... Oh, Carlota! Tão santa, tão cálida! Bom Deus! Traz de volta aquele momento feliz.

E se vós me vísseis, caríssima, nesta torrente de dispersão! Como meus sentidos secam pouco a pouco! Em nenhum momento a plenitude do coração,[54] nenhuma hora de bem-aventurança! Nada! Nada! Estou como que parado ante um caixote de excentricidades,[55] vejo homenzinhos e cavalinhos patear diante de mim e não canso de me perguntar se não sou vítima de uma ilusão ótica. Eu participo da brincadeira ou, muito antes, brincam comigo como se eu fosse uma marionete. Por vezes chego a agarrar meu vizinho pela mão de madeira e volto a estremecer. À noite, decido que vou gozar o nascer do sol no dia seguinte, mas não consigo levantar da cama. De dia espero ficar alegre com o luar, mas à noite fico trancado em meu quarto. Já não sei mais por que levanto, já não sei mais por que vou dormir.

O fermento que pôs minha vida em movimento, falta; o estímulo que me encorajava à noite já não existe, aquele que me despertava pela manhã se foi.

Uma única criatura feminina digna de menção eu encontrei por aqui. É uma certa senhorita de B..., e ela parece convosco, querida Carlota, se é que alguém pode parecer convosco. “Opa!”, havereis de dizer. “Eis que o homem se joga à graça dos cumprimentos!” Isso não é de todo falso. De uns tempos para cá ando bastante cortês, até porque não consigo agir diferente. Faço uso do gracejo e as camareiras dizem que ninguém sabe elogiar de modo tão fino quanto eu (e mentir, elas declaram, pois caso contrário a coisa não anda, vós me compreendeis?). Desejava falar-vos da senhorita de B.... Ela tem uma grande alma e essa alma transparece inteira através de seus olhos azuis. A sua categoria pesa-lhe, não satisfaz nenhum dos desejos do seu coração.

Aspira a ver-se fora do tumulto e passamos às vezes horas inteiras a imaginar uma ventura sem máculas, no meio de cenas campestres, e Carlota sempre conosco. Ah, quantas vezes ela não se vê obrigada a prestar-vos homenagem! Fá-lo de tão boa vontade, tem tanto prazer em ouvir falar de vós! Sim, ela tem-vos amor.

Oh, estivesse eu sentado a vossos pés, em vosso amável aposento favorito, vendo as crianças saltarem ao redor de nós! Quando visse que faziam demasiado barulho a ponto de vos incomodar, juntava-os eu sossegados em volta de mim contando um terrível conto da carochinha.

O sol põe-se majestoso por detrás daquelas colinas resplandecentes de neve. A tempestade amainou. E eu... tenho de me recolher à gaiola. Adeus! Alberto está junto de vós? E de que maneira?... Deus me perdoe esta pergunta.

08 de fevereiro

Há oito dias que faz um tempo medonho e isso me causa regozijo. Pois, desde que estou aqui, não se passou um só dia bonito sem que um importuno não viesse envenená-lo e deteriorá-lo. Pelo menos, visto que chove e faz vento e gela e o gelo derrete-se, não pode estar, digo a mim mesmo, pior em casa do que lá fora, nem melhor no campo do que na cidade, e fico contente... Se o sol nascente promete um belo dia, não posso deixar de exclamar: "Ora aí está um favor do céu que eles não podem arrebatar um ao outro!" Não há nada neste mundo que não se arrebatem uns aos outros: saúde, auto-estima, alegria, repouso! E na maior parte das vezes por imbecilidade, desinformação e estreiteza e – a gente o percebe quando os ouve atentos – apresentando a melhor das intenções. Tenho vontade às vezes de lhes pedir de joelhos que sejam piedosos uns com os outros e não se rasguem as entranhas com tanta fúria.

17 de fevereiro

Receio que o embaixador e eu não fiquemos por muito tempo de acordo. Esse homem é absolutamente insuportável. A sua maneira de trabalhar e dirigir os negócios é tão ridícula que não posso deixar de o contrariar resolvendo as coisas do meu modo e segundo me dá na telha, o que naturalmente não lhe agrada nem um pouquinho. Há pouco queixou-se disso na Corte, inclusive. O ministro deu-me uma reprimenda, branda em verdade, mas em todo caso uma reprimenda, e eu estava a ponto de pedir minha demissão, quando recebi uma carta particular*[56] da parte dele, uma carta perante a qual me pus de joelhos para adorar o senso reto, firme e elevado que a ditou.

Nela, ele louvava as minhas idéias exasperadas de ação, de influência sobre todos os outros, de penetração nos negócios, coisa que ele considera um nobre ardor da mocidade; pedia para eu procurar não destruir esse ardor, mas moderá-lo e reduzi-lo a ponto de ser aceitável e dar bons resultados. Eis-me, pois, animado por oito dias e reconciliado comigo próprio. O repouso da alma é uma coisa soberba, meu amigo, eu diria que é a alegria em si... Mas por que é que essa coisa tem de ser tão frágil quanto rara e preciosa?

20 de fevereiro

Que Deus vos abençoe, meu amigo, e vos dê todos os dias de felicidade que a mim arrebata!

Agradeço-te, Alberto, o fato de teres me enganado. Esperava a participação que devia informar-me o dia do vosso casamento, e prometera a mim mesmo arrancar da parede com solenidade o retrato de Carlota quando isso acontecesse e enterrá-lo no meio de outros papéis. Eis-vos unidos e a imagem dela ainda aqui! Aqui ficará! E por que não? Não está o meu retrato também em vossa casa? Não estou eu também, sem te fazer mal, no coração de Carlota? Ocupo ali, sim, ocupo ali o segundo lugar, e quero... e preciso conservá-lo. Oh, ficaria furioso se ela fosse capaz de esquecer tudo... Alberto, esta idéia contém o inferno. Alberto! Adeus! Adeus, anjo do céu, adeus, Carlota!

15 de março

Tive uma arrelia que vai me pôr para fora daqui. Ranjo os dentes! Diabo! É coisa feita, e é de vós[57] mais uma vez que me queixo, a vós que me aguilhoastes, impelistes, atormentastes para me fazer ocupar um emprego que eu não queria e também não me convinha. Pois bem! Eis a minha situação, ficai contentes. E para que não digas mais uma vez que as minhas idéias exaltadas aumentam tudo, vou, meu senhor, expor-te o caso com toda a precisão e clareza de um cronista.

O conde de C... gosta de mim, distingue-me, sabe-se e já to disse cem vezes. Estava ontem a jantar em sua casa, dia de grande reunião, pois recebe nesses dias toda a alta nobreza dos arredores. Jamais havia pensado a respeito disso e, sobretudo, nunca me veio à cabeça a idéia de que nós, os subalternos, não faríamos bem se para ali fôssemos. Pois bem. Eis que janto com o conde e, depois de jantar, passamos todos ao salão, sempre a conversar. Eu papeio com ele, com o coronel B..., que se mete na conversa, quando, sem que eu o note, chega a hora da reunião. Deus sabe se eu pensei ou não em alguma coisa. Mas eis que aparece a mui digníssima e soberba senhora de S..., com seu amantíssimo esposo e a lambisgóia frita da filha – que tem um peito chato e um corpo todo esgrouviado –, passeiam diante de mim seus olhos altaneiros, seus narizes empinados e toda a sua bazófia de grão-senhores. Como detesto do fundo de meu coração semelhante raça, queria fazer a minha vênia esperando apenas que o conde se libertasse da comadrice palreira com que o atormentavam, quando a minha senhorita de B... entrou. Eu sinto o meu coração expandir-se um pouco sempre que a vejo, mas permaneci tranqüilo e coloquei-me por trás de sua poltrona, mas só ao fim de algum tempo reparei que ela me falava em tom menos aberto que dantes e inclusive com uma espécie de embaraço. Fiquei surpreendido. “Será ela igual àquela gente?”, disse para comigo. “Que a leve o Diabo!” Eu estava picado de fúria, queria retirar-me, e todavia fiquei, na tentativa impertinente de iluminar a situação. Nisso, o salão foi se enchendo, chegou o barão de F..., coberto de uma vestimenta do tempo da coroação de Francisco I,[58] o conselheiro R..., aqui anunciado com o título de excelência, acompanhado pela sua esposa surda, etcétera e tal. Sem esquecer o ridículo e mal fornido J..., que mistura em seu vestuário o gótico da antiga francônia com a moda rompante do ano vindouro.

Dirijo a palavra a algumas pessoas do meu conhecimento, que me pareceram de repente assaz lacônicas... Então passo a dar atenção única e exclusivamente à senhorita de B... . Não reparava que as mulheres grunhiam umas aos ouvidos das outras na extremidade da sala, que algo circulava entre os homens, que madame de S... se entretinha com o conde (tudo isso a senhorita de B... me contou depois) até que enfim o anfitrião foi ter comigo e me levou até o pé de uma janela. "Vós conheceis", disse-me o conde, "a nossa esquipática etiqueta. A sociedade, segundo me parece, não vos vê aqui com prazer, e eu não queria por nada neste mundo..."

"Vossa Excelência", disse-lhe eu, interrompendo-o, "peço-vos mil perdões. Devia ter pensado nisso mais cedo, perdoar-me-eis esta inconseqüência. Já havia planejado retirar-me, mas um gênio mau acabou por reter-me aqui." Acrescentei eu num sorriso e fazendo uma vênia. O conde apertou-me a mão com uma expressão que dizia tudo. Saudei a ilustre companhia, saí, subi num cabriolé e fui a M... para ver da montanha o pôr-do-sol e ler no meu Homero aquele belo canto em que o autor narra como Ulisses foi abrigado pelo digníssimo criador de porcos.[59] E tudo isso me fez um bem danado.

Voltei à noite para cear. No nosso hotel havia apenas algumas pessoas a jogar os dados no canto de uma mesa, do qual haviam afastado uma ponta da toalha. Naquele momento eis que entra o honesto A..., depõe o chapéu olhando-me, vai ter comigo e me diz baixinho: "Tiveste algum contratempo?"

"Eu?"

"O conde deu-te a entender que tinhas de sair do salão."

"Qual salão! Eu tinha necessidade de tomar ar..."

"Muito bem", disse ele, "tens razão de rir disso. Apenas estou magoado porque se fala disso por toda parte." Foi então que me senti picado. Todos os que iam pôr-se à mesa e que olhavam para mim, pareciam estar a par do meu caso, e o sangue fervia em minhas veias.

E agora que, a toda a parte onde vou, as pessoas têm pena de mim... Agora que ouço que os que me invejam triunfam, dizendo que semelhante coisa é merecida por um tolo que, por uns grãozinhos de espírito, julga poder afrontar toda a civilidade e tomar parte em todas as rodas, e outras cachorradas do tipo... Ah, de bom grado enterrar-me-ia uma faca no coração num momento desses. Digam o que quiserem da firmeza, mas eu sempre quis conhecer o homem capaz de consentir que patifes murmurem a seu respeito, só porque exercem sobre ele alguma espécie de autoridade. Mas quando as suas palrices não têm o menor fundamento, ah, aí a gente pode deixá-las de lado com a maior facilidade.

16 de março

Tudo conspira contra mim! Hoje eu encontrei a senhorita de B... na aléia. Não pude deixar de falar-lhe e logo que nos encontramos um pouco afastados dos outros testemunhei-lhe o quanto fora sensível à extraordinária conduta que ela tinha tido no outro dia em relação a mim. "Oh, Werther", disse-me ela com calor, "pudestes, conhecendo o meu coração, interpretar assim o meu embaraço? Quanto não sofri por

vós desde o instante em que entrei no salão! Previ tudo, cem vezes abri a boca para vô-lo dizer. Sei que os G... e os T... prefeririam deixar o lugar a ficar em vossa companhia, sabia que o Conde não podia malquistar-se com eles, e hoje fazeis essa barulheira toda!"

"Como, senhorita?", exclamei, procurando ocultar a minha perturbação, porque tudo o que Adelin me tinha dito anteontem me corria nesse momento pelas veias como água a ferver.

"Quanto isso já me custou!", acrescentou aquela doce criatura com lágrimas nos olhos.

Eu já não era senhor de mim mesmo e estava a ponto de me lançar a seus pés. "Explicai-vos", disse-lhe eu. As lágrimas correram-lhe pelas faces. Enxugou-as sem querer ocultá-las.

"Minha tia, vós a conheceis", continuou ela, "estava presente, e viu, ah, com que olhos viu essa cena! Werther, levei ontem à noite e hoje pela manhã um sermão a respeito das minhas relações convosco, e tive de vos deprimir e humilhar, não podendo, e nem me atrevendo, a defender-vos senão pela metade."

Cada palavra que ela pronunciava era uma punhalada no meu coração. Ela não tinha noção de como poderia ser compassiva se tivesse deixado de me contar tudo aquilo. Mas acrescentou em detalhes tudo o que se cacarejou a respeito da minha falta de tato e do triunfo daqueles maledicentes sobre a minha expulsão. Não ocultou sequer a pretensa glória das pessoas que proclamariam aos quatro ventos que o meu orgulho, o desdém que diziam ver em mim e há tempo censuravam, finalmente fora punido de maneira justa. Ouvir tudo isso da sua boca, Guilherme, e pronunciado por uma voz que tomou parte na realidade dos fatos! Eu estava desesperado e ainda sinto a cólera no coração. Desejava que alguém se lembrasse de me vexar, para poder atravessar-lhe o peito com a minha espada! Se eu visse sangue, haveria de me sentir melhor. Ah, já peguei cem vezes numa faca para acabar enfim com o sufoco deste coração. Fala-se de uma pobre raça de cavalos que, quando estão afogueados e cansados, abrem eles mesmos, por instinto, uma veia com os dentes para facilitar a respiração. É o que acontece comigo tantas vezes... Quereria abrir-me uma veia que me alcançasse a liberdade eterna.

24 de março

Pedi a minha demissão à Corte, espero que ela seja aceita. Perdoai-me se não perguntei previamente pela vossa autorização. Tinha de partir de uma vez por todas e já sei o que me diríeis para me persuadir a ficar... Por isso tratai de dourar a pílula à minha mãe. Eu não posso ajudar a mim mesmo, de modo que espero que ela entenda o fato de eu não poder ajudar a ela. Sei que isto virá a lhe causar pena. Ver o filho acabar assim, tão de repente, com uma carreira que se afigurava boa e terminaria por levá-lo ao conselho privado e às embaixadas; vê-lo voltar afrontosamente atrás e recolher a montaria ao estábulo... Fazei tudo o que quiserdes, calculai todos os casos possíveis em que, na vossa opinião, deveria me manter firme no posto e ficar. Basta, parto. E para que vós saibais aonde vou, dir-vos-ei que está por aqui o Príncipe de ..., que gosta de conversar comigo e, logo que ouviu falar da minha resolução, pediu-me

que o acompanhasse às suas propriedades a fim de por lá passar a primavera. Prometeu-me liberdade total e irrestrita, e como nos entendemos até certo ponto, vou tentar a sorte e parto com ele.

Notícia

19 de abril

Agradeço-te as tuas duas cartas. Não as respondi porque tinha adiado a remessa desta para o momento em que recebesse a demissão da Corte, receando que minha mãe se dirigisse ao Ministro e me prejudicasse a resolução. Mas é coisa feita, a demissão chegou. É inútil dizer-te com que desgosto aceitaram a minha saída, e tudo o que o Ministro me escreveu: romperíeis em novas lamentações.[60] O Príncipe hereditário me mandou uma gratificação de vinte e cinco ducados, acompanhados por palavras que me impressionaram até as lágrimas. De modo que minha mãe não precisa enviar-me o dinheiro que pedi na última carta que lhe escrevi.

05 de maio

Parto amanhã, e como a minha terra natal fica afastada do caminho apenas seis milhas, quero tornar a vê-la e recordar os antigos e felizes dias que se desvaneceram como um sonho. Quero entrar pela mesma porta, através da qual minha mãe saiu comigo na carruagem, depois da morte do meu pai, no dia em que ela decidiu deixar para trás aquela querida morada para ir meter-se na vossa insuportável cidade. Adeus, Guilherme, terás novas da minha viagem.

09 de maio

Fiz a viagem aos lugares que me viram nascer[61] com a devoção de um peregrino, e fui tocado por um punhado de sensações inesperadas. Ao pé de uma grande tília, que fica a um quarto de légua da cidade, mandei parar, desci da carruagem e disse ao cocheiro que continuasse, a fim de seguir a pé e gozar sozinho a frescura e a vivacidade de cada reminiscência. Parei ali, debaixo da tília, lugar que era o termo dos meus passeios durante a infância. Que mudança! Naquela época eu me lançava com feliz ignorância ao mundo desconhecido, e contava dar ao meu coração todo o alimento, todo os prazeres, cuja carência eu senti por tantas vezes tocar o meu seio. E agora regressava desse vasto mundo... Oh, meu amigo, quantas esperanças desapontadas! Quantos planos destruídos!

Tinha diante da vista a cadeia de montanhas que em criança tantas vezes contemplei com olhar de inveja. Eu ficava ali sentado durante horas, transportava-me para longe na imaginação, toda minha alma se perdia nas florestas, nos vales que pareciam sorrir-me de longe, envoltos em seus véus vaporosos... E quando tinha de me retirar, que pena não sentia ao ter de abandonar aquele lugar querido! Aproximei-me da cidade, saudei os jardins e as casinhas que reconhecia; as novas não me agradavam, assim como todas as alterações que haviam feito em qualquer outra parte.

Cheguei à porta e logo voltei a encontrar-me inteiramente, reconhecendo onde estava. Meu caro, não me agrada entrar em detalhes... Qualquer que seja o encanto de tudo aquilo que vi, não te faria mais do que uma monótona narrativa. Havia resolvido tomar alojamento na praça, exatamente ao lado de nossa antiga casa. Ao caminhar adiante reparei que a escola, onde uma velha e honrada mulher nos reunia na infância, era uma loja de merceeiro. Lembrei-me das inquietações, das lágrimas, da melancolia e dos apertos de coração que senti naquela toca... Não dava um passo que não trouxesse uma recordação. Um peregrino da Terra Santa não encontraria tantos lugares de religiosa lembrança, e sua alma não estaria tão cheia de afetos sagrados... Mais uma dentre mil. Desci o rio até um certo quintal para onde também ia muitas vezes outrora; era um cantinho em que nós, as crianças, treinávamos para ver quem fazia saltar mais vezes as pedras jogadas rentes à água. Lembro-me tão bem como parava a ver a água, com que singulares conjecturas lhe seguia a corrente, as maravilhas que eu imaginava das regiões para onde ela ia e como a minha fantasia, embora achasse limites, não podia se deter, contudo, e forçava-me a ir mais longe ainda, até fazer com que eu me perdesse enfim na contemplação de uma distância infinita. Vê, meu caro, tão limitados e tão felizes foram os nossos velhos e primorosos antepassados! Tão infantis seus sentimentos, sua poesia! Quando Ulisses fala do mar imenso e da terra infinita, isso parece tão verdadeiro, tão humano, tão interior, tão estreito e tão cheio de mistério![62] De que me adianta poder dizer, junto com qualquer colegial, que ela é redonda? A Terra... Bastam ao homem alguns torrões para sustentar a vida e menos ainda para aí repousar seus restos.

Estou agora na casa de caça do príncipe. E pode conviver-se até bem com este homem; é franco e simples, mas está cercado de personagens singulares que eu não logro compreender. Não têm ar de larápios, mas também não têm cara de gente de bem. Por vezes me parecem dignos de confiança, mas não me atrevo a fiar-me neles. O que também me importuna é o fato de o príncipe falar muitas vezes de coisas que não sabe senão de oitiva ou por tê-las lido, e sempre sob o ponto de vista em que lhe foram ministradas.

E outra coisa ainda. Ele faz mais caso do meu espírito e do meu talento do que deste coração que é meu único orgulho, a única e solitária fonte de tudo, de toda a energia, de toda a ventura e de toda a desgraça. Ah, o que eu sei, toda a gente o pode saber! Mas o meu coração só a mim pertence...

25 de maio

Eu tinha uma coisa na cabeça da qual não queria vos falar antes de encaminhá-la definitivamente. Agora que é certo que ela vai dar em nada, posso contar-te tudo. Quis ir à Guerra. Alimentei este projeto muito tempo aqui, dentro de mim. Foi esse o principal motivo que me levou a seguir o príncipe, que é general a serviço da ...ia.[63] Manifestei-lhe o meu desejo em um passeio, ele conseguiu dissuadir-me do propósito, e seria mais obstinação do que capricho de minha parte não aceitar suas razões.

11 de junho

Digas o que disseres, não posso permanecer aqui por mais tempo. Que fazer aqui? Começo a aborrecer-me... O príncipe me trata da melhor maneira possível, tudo bem, mas não me sinto à vontade. No fundo, nada temos em comum. Ele é um homem de espírito, mas de um espírito completamente vulgar, a sua conversa não entretém mais do que a leitura de um romance bem escrito. Ficarei ainda oito dias e depois recomeço minhas correrias por aí. O que fiz de melhor durante este tempo todo foi desenhar. O príncipe tem algum sentido para a arte, e o teria ainda melhor não estivesse tão limitado pelo palavreado científico e pela baixa terminologia de costume. Às vezes ranjo os dentes com impaciência, quando me entusiasmo a fazê-lo sentir de fato o calor da natureza e elevá-lo à arte, e ele crê mostrar-se sábio espetando na conversa um termo usado e alinhado, de cunho científico.[64]

16 de junho

É certo, não passo de um viajeiro, um peregrino sobre a terra! Mas e vós, sereis mais?

18 de junho

Para onde pretendo ir? Dir-to-ei confidencialmente. Sou obrigado a passar ainda quinze dias por aqui. Pensei em ir visitar depois as minas de ... mas, bem no fundo, não é nada disso. Quero apenas aproximar-me de Carlota, e isso é tudo. Rio do meu próprio coração... e faço-lhe todas as vontades.

29 de julho

Não, está bem! Tudo corre pelo melhor... Eu, seu esposo! Oh, Deus que me deste o ser, tivésseis me preparado esta felicidade e toda a minha vida não passaria de uma adoração contínua! Mas não quero advogar contra a tua vontade. Perdoa-me estas lágrimas, perdoa-me os meus inúteis anseios... Ela, minha mulher! Se eu tivesse estreitado em meus braços a mais doce criatura da face da terra... Corre-me um arrepio pelo corpo todo, Guilherme, quando Alberto abraça o seu corpo esbelto.

E, todavia, posso dizê-lo? Por que não dizê-lo, Guilherme? Ela teria sido mais feliz comigo do que com ele! Oh, ele não é o homem capaz de satisfazer melhor os desejos daquele coração. Uma certa falta de sensibilidade, uma falta... toma-o como quiseres... Oh, o fato de o coração dele não bater com mais ansiedade à leitura de um livro amado, ante o qual o meu coração e o de Carlota se encontram de pronto num só, as mil circunstâncias diversas em que nossos sentimentos se encontram através da ação de um terceiro... Querido Guilherme! É verdade que ele a ama com toda a sua alma, e o que é que não merecerá um amor assim?

Um importuno interrompeu-me. Secaram-me as lágrimas. Estou distraído.
Adeus, meu caro.

04 de agosto

Não sou eu o único a lamentar. Todos os homens são ludibriados em suas esperanças, iludidos em suas expectativas. Fui ver a minha boa mulher sob as tílias. O mais velho dos filhos correu ao meu encontro e seu alarido de felicidade acabou por chamar a mãe, que me pareceu muito abatida. As suas primeiras palavras foram: "Meu bom senhor! Ah! O meu João morreu!" João era o mais novo dos filhos. Fiquei calado. "E meu marido", disse ela, "voltou da Suíça e nada trouxe. Não tivesse encontrado algumas boas almas, ver-se-ia obrigado a mendigar: a febre atacou-o no caminho." Nada pude dizer-lhe e dei alguma coisa ao pequeno. Ela pediu-me que aceitasse algumas maçãs, aceitei, e deixei aquele lugar de tristes recordações.

21 de agosto

Num piscar de olhos tudo se modifica em mim. Por vezes um doce clarão de vida que voltara a surgir e iluminar-me com uma vaga claridade, mas ah... ele dura apenas um momento! Quando me perco assim em sonhos, não posso expulsar esta idéia: ora, e se Alberto morresse! Tu virias... sim, ela viria a ser... E eu sigo a alucinação, até que ela me conduza ao abismo, à beira do qual me detenho e recuo a tremer.

Se desço em direção às portas da cidade, e me encontro naquele caminho que percorri de carruagem da primeira vez em que fui buscar Carlota para acompanhá-la ao baile, que transformação! Tudo, tudo desapareceu. Nenhum sinal do mundo que passou, e se foi... Até mesmo meu coração já não pulsa mais como pulsava antes. Sou como um espírito que volta ao seu castelo queimado e demolido, o mesmo que mandara construir e ornamentar com toda pompa e circunstância quando era um poderoso príncipe e depois deixou, cheio de esperança, ao filho muito amado quando estavas prestes a morrer.

03 de setembro

Às vezes não posso compreender como um outro pode amá-la, permite-se amá-la, ousa amá-la, quando eu a amo de maneira única, tão profunda, tão plena; quando nada conheço, nada sei, nada tenho senão a ela!

04 de setembro

Sim, é bem assim. Do mesmo modo que a Natureza se inclina ao outono, o outono principia em mim e ao redor de mim. As minhas folhas amarelam, e as folhas das árvores vizinhas já caíram. Não te escrevi certa vez de um jovem criado do campo que eu vi quando tinha acabado de chegar por aqui? Pedi notícias dele há pouco, em Wahlheim. Disseram-me que tinha sido expulso da casa onde estava, e ninguém quis dizer-me mais nada a respeito. Ontem encontrei-o por acaso no caminho de uma aldeia vizinha. Falei-lhe e ele contou-me a sua história, que me impressionou dupla e até triplamente, a um ponto que tu compreenderás com facilidade quando eu te escrever o que aconteceu. Mas por quê? Por que não conservar em mim o que me

aflige e me adoece? Por que entristecer-te também? Por que dou-te sempre motivo de lamentares o que se passa comigo e me ralhares? Que seja! Quem sabe se isso não faz parte do meu destino...

Com uma tristeza sombria, na qual julguei descortinar mesmo uma certa vergonha, o rapaz principiou apenas respondendo às minhas perguntas; mas em breve se fez mais expansivo, como se de repente nos tivesse reconhecido a ambos, e enfim confessou-me seu erro e lamentou sua desventura. Pudesse eu, meu amigo, referir-te cada uma das suas palavras exatamente como ele as disse! Confessou, contou tudo, até mesmo com uma espécie de satisfação, e como que sentindo gosto nas recordações... Disse que a sua paixão pela dona da casa tinha aumentado de dia para dia, que por fim já não sabia mais o que fazer, que não sabia, segundo a sua expressão, onde estava com a cabeça. Já não podia mais comer, nem beber, nem dormir, sentia um nó na garganta e um aperto no peito e fazia o que não devia, esquecendo-se de fazer o que lhe ordenavam; parecia possesso de algum demônio, até que, certo dia, subindo ela a um celeiro e sabendo ele disso, foi-lhe ao encalço, ou melhor, foi atraído por ela até lá. Como ela não aceitou seus rogos, quis possuí-la à força; disse não ter percebido como fora capaz de chegar a isso e, Deus era testemunha, que os seus desígnios em relação a ela haviam sido sempre honestos, que nunca teve desejo mais ardente do que o de casar com ela e passar com ela a vida inteira. Depois de ter falado durante longo tempo, passou a gaguejar, detendo-se como alguém que ainda tem alguma coisa a dizer, mas não ousa fazê-lo. Confessou-me enfim, com toda a timidez do mundo, as confiançazinhas que ela lhe consentia às vezes, os pequenos favores que lhe concedia, e, ao dizer isto, interrompeu-se duas ou três vezes, repetindo com vívidos protestos que não o dizia para difamá-la, que a amava e a estimava como antes, que semelhante coisa nunca lhe passaria pela boca, e que apenas me falava para me convencer de que não era um homem de todo pervertido e insensato... E agora, meu caro, recomeço a minha velha cantiga, o meu eterno estribilho. Pudesse eu te apresentar aquele homem exatamente como estava diante de mim, exatamente como ainda o tenho ante os olhos! Pudesse eu dizer-te tudo com precisão, para te fazer saber o quanto me envolvo em sua sorte, o quanto devo envolver-me nela! Mas basta! Como conheces também a minha sorte, como também me conheces, ficas sabendo demasiado bem o que me atrai para todos os desgraçados, e sobretudo para o desgraçado do qual acabo de te falar.

Relendo a folha que acabo de escrever, verifico que esqueci de te contar o final da história, que é, em todo caso, fácil de adivinhar. A dona da casa defendeu-se até surgir o irmão, que há muito odiava o rapaz e há tempo queria vê-lo longe da casa, porque receava que um novo casamento da irmã privasse os seus filhos de uma herança que, agora que ela não tinha herdeiros, era até bastante considerável e alimentava suas esperanças fraternais e gananciosas. Esse irmão expulsou-o imediatamente, e fez tanto barulho com a questão que a dona da casa, mesmo que quisesse, não poderia se atrever a voltar a tomá-lo por empregado. O moço terminou dizendo que hoje em dia ela tem outro criado, e o irmão mais uma vez está às arrelias com ela por causa deste; no mais, ele tem como certo que ela há de se casar com o substituto, mas declarou estar resolvido e firme no propósito de não deixar que isso aconteça enquanto estiver vivo.

O que te conto não é exagerado nem alindado. Posso dizer, pelo contrário, que te contei tudo debilmente, bem debilmente, e que até enrudeci um pouco a história com nossas expressões demasiado usadas e circunspectas.

Esse amor, essa fidelidade, essa paixão não é, pois, uma ficção do poeta! Ela vive, ela existe, e em seu estado mais puro, entre a classe de homens que denominamos incultos e nos parecem tão brutos às vezes. E nós somos instruídos... instruídos para nada! Lê esta história com devoção, eu te peço. Hoje estou calmo ao escrever-te. Bem vês que não faço espirrar a tinta e não encho o papel de borrões como de costume. Lê, meu querido, e considera que esta é também a história do teu amigo! Sim, eis o que me aconteceu, eis o que me espera, e não tenho a metade da bravura, a metade da coragem deste pobre desgraçado, com o qual quase não me atrevo a comparar-me.

05 de setembro

Ela havia escrito um bilhetinho ao marido, que está no campo, onde o prendem alguns negócios. Começava assim: "Caríssimo, meu querido, vem o mais cedo que puderes, espero-te com mil alegrias". Um amigo que apareceu disse-lhe que, por vários motivos, o regresso de Alberto teria de ser um pouco retardado. O bilhete ficou ali e caiu-me nas mãos à noite. Li-o e sorri, ela perguntou-me por quê. "Como a imaginação", exclamei, "é um presente dos céus! Pude supor, por um momento, que esse bilhete era dirigido a mim." Ela nada respondeu, pareceu-me desgostosa e eu calei.

06 de setembro

Custei muito a enfim me decidir por deixar de lado a simples casaca azul que usava quando dancei pela primeira vez com Carlota. Mas, enfim, ela já estava bastante surrada. Mandei fazer outra perfeitamente igual à primeira, gola e adornos, além de um colete e calções amarelos do mesmo pano dos que havia usado naquele dia.[65]

Isso não me satisfez inteiramente... Cuido, todavia, que com o tempo o traje me será tão estimado quanto o outro.

12 de setembro

Ela esteve ausente por alguns dias a fim de ir buscar Alberto no campo. Entrei hoje em seu quarto, ela foi ao meu encontro e eu beijei-lhe a mão mil vezes jubiloso.

Um canário voou do espelho e pousou-lhe sobre o ombro. "Um novo amigo", disse ela, e acariciou-o. "É para os meus filhos. É tão lindo! Olhe para ele. Quando lhe dou pão, põe-se a bater as asas e a picar com tanta graça! Também me dá beijos, olhe."

Quando ela chegou a boca ao pequenino animal, este picou-a nos delicados lábios apertando-os com tanta delicadeza que parecia querer demonstrar a satisfação que sentia.

"Ele tem de vos beijar também", disse ela, e aproximou o pássaro da minha boca... O biquinho passou dos lábios de Carlota aos meus, e o toque das bicadinhas foi como que um hausto, um núncio de prazer amoroso.

"O seu beijo", disse-lhe eu, "não é completamente desinteressado. Procura alimento e vai-se embora pouco satisfeito com uma carícia vazia."

"Também come na minha boca", disse ela, e deu-lhe um pouco de miolo de pão com os lábios, nos quais eu via sorrir todas as inocentes alegrias, todos os prazeres, todo o ardor de um mútuo amor.

Voltei a face. Ela não devia ter feito aquilo, não devia incendiar a minha imaginação com aqueles quadros de inocência e de felicidade celeste; não devia despertar o meu coração do sono em que a indiferença da vida algumas vezes o embala... Mas por que não haveria de fazê-lo? Tem tanta confiança em mim! Ela sabe o quanto a amo!

15 de setembro

Às vezes parece que vou enlouquecer, Guilherme, ao constatar que há tantos homens suficientemente desprovidos de alma e de sentimento para não gozarem o pouco que vale a pena nesta vida. Lembras-te daquelas nogueiras à sombra das quais me sentei com Carlota em casa do bom Pastor de Santo ...? Aquelas belas nogueiras que me davam sempre um não sei que de contentamento à alma? Como tornavam o adro do presbitério agradável e hospitaleiro! Como as suas frondes eram frescas e magníficas! E mesmo as recordações dos honestos ministros, que as tinham plantado havia tantos anos, que coisa extraordinária! O mestre-escola disse-nos, com efeito, muitas vezes o nome de um deles, que ele sabia pelo seu avô. Deve ter sido um homem amável, e a sua santa memória estava para sempre presente debaixo daquelas árvores. Te garanto, o mestre-escola ficou de olhos marejados no dia de ontem, quando lamentávamos juntos o fato de as terem abatido... Abatido... Fico furioso e juro que seria capaz de matar o cão que lhe deu a primeira machadada... eu, que era homem capaz de me afligir com seriedade se, havendo no meu pátio duas árvores como aquelas, as visse morrer de velhice... E ter de ver aquilo! Querido amigo, mas há nisso uma coisa que me consola. O que não é o sentimento nos homens! Toda a aldeia murmura, e espero que a senhora mulher do pastor sinta na manteiga, nos ovos e outras provas de amizade do povo do lugar, a ferida que lhes inculcou. Porque foi ela, a mulher do pastor novo (o nosso velho morreu também), uma criatura seca, rabujenta e enfermiça, com razões bastantes para não se interessar por nada neste mundo, porque ninguém se interessa por ela;[66] uma parva que quer passar por sabichona, se mete a examinar os cânones e trabalha na reforma crítico-moral do cristianismo, que agora se tornou o último grito em termos de moda;[67] a quem os devaneios de Lavater fazem encolher os ombros, cuja saúde está arruinada por inteiro, e que não tem, por conseqüência, nenhuma alegria neste mundo... Só uma criatura dessas seria capaz de abater as minhas nogueiras. Vê, ainda estou fora de mim! Imagina o seguinte: as folhas caindo sujavam o pátio e tornavam-no úmido, as árvores interceptavam-lhe a luz e, quando as nozes amadureciam, os rapazes jogavam pedras para deitá-las abaixo. E isso bulia com os nervos da mulher, perturbando-a nas suas profundas meditações, ao pesar e comparar Kennikot, Semler e Michaelis[68]

entre si. Quando vi as pessoas da aldeia, sobretudo os velhos, tão descontentes, disse-lhes: “Por que é que o consentistes?”

Eles responderam-me: “Quando cá o regedor quer, que fazer?” Mas uma coisa me deu prazer: o regedor e o ministro – porque este contava também tirar algum proveito das maluquices da mulher, que ademais não lhe salgam a sopa em demasia – convencionaram dividir tudo entre eles, mas a Intendência da Fazenda Pública interveio e lhes disse: “Devagar!” Ela tinha velhas pretensões em relação à parte do presbitério em que estavam as árvores e vendeu-as ao que mais desse. Elas jazem por terra! Oh, se eu fosse príncipe! Fazia com que a mulher do pastor, o regedor e a Intendência da Fazenda Pública, todos eles... Príncipe... Ah, sim, se eu fosse príncipe, como eu me importaria pelas árvores do meu país!

10 de outubro

Basta-me ver os seus olhos negros para que logo me sinta bem! Vê, e o que me magoa é que Alberto não parece estar tão feliz, quando ele... esperava... se estivesse comigo... acreditava estar... Se... Não gosto de usar reticências, mas aqui e agora não posso exprimir-me de outra maneira... Ademais parece-me que sou claro o suficiente.

12 de outubro

Ossian suplantou Homero no meu coração.[69] Que mundos aqueles aos quais ele, o magnífico, me conduz! Errar pelas charnecas acossadas pelo temporal, que transporta, por entre as nuvens flutuantes, o espírito dos antepassados em direção à pálida claridade da lua; ouvir na montanha os gemidos dos gênios das cavernas, meio afogados pelo rugido da torrente da floresta e os suspiros da jovem agonizante junto às quatro pedras cobertas de musgo que cobrem o túmulo do herói honrado e morto que foi o seu bem-amado... E quando me deparo com o bardo vagante e sombrio, que procura pela vasta charneca o rastro de seus pais, e, ah, só encontra a pedra de seus túmulos e então geme e volta os olhos para a amada estrela da tarde, que vai tombando no mar encapelado... E quando o passado revive na alma do herói, trazendo de volta os tempos em que aquela estrela ainda iluminava com seus raios propícios o perigo dos bravos e a lua concedia sua claridade iluminando seu barco que regressava coroado e vitorioso... E quando leio em sua fronte a sua profunda dor, e o vejo, a ele, o último dos magníficos, a ele, que deixou-se ficar na terra, cambalear pálido e esgotado para o túmulo... Quando o vejo sugar ainda prazeres novos, doloridos e brilhantes na presença das sombras esgotadas de seus pais, olhando abaixo para a terra fria e a erva espessa e batida pelo vento para ao fim ouvi-lo exclamar: “O viajante há de voltar, há de voltar aquele que me conheceu belo, [70] e dirá: ‘Onde está o bardo, o mais digno dos filhos de Fíngal?’[71] Os seus pés calcam o meu túmulo e é em vão que pergunta por mim sobre a terra...” Oh, então, meu amigo, nesse momento seria homem capaz de arrancar a espada a qualquer nobre escudeiro, libertar num repente o meu príncipe do tormento de uma vida que não passa de uma morte lenta e transportar a minha alma para junto desse semideus libertado.

19 de outubro

Ah, esse vácuo medonho que sinto no meu seio! Muitas vezes penso... Se pudesses uma vez, uma só vez, apertá-la ao peito, todo esse vácuo haveria de se encher.

26 de outubro

Sim, é claro para mim, meu querido, é claro e cada vez mais claro que é pouca coisa, bem pouca coisa a existência de uma criatura. Uma amiga de Carlota foi vê-la, eu entrei no quarto ao lado, peguei um livro na estante, e, não conseguindo ler, pus-me a escrever. Ouvi-as a falar baixinho, diziam uma à outra coisas bastante insignificantes, novas da cidade, como esta havia se casado e aquela estava doente, muito doente. "Tem uma tosse seca", dizia uma, "as faces encavadas e sói desmaiar, não lhe dava um cruzado pela vida."

"O senhor N. N... não se encontra em melhor estado", dizia Carlota.

"Já está até inchado", continuava a outra... E a minha viva imaginação punha-me logo à beira dos leitos daqueles desgraçados, via com que repugnância voltavam as costas à vida, como eles... Guilherme! E aquelas mulherzinhas falavam disso... como se fala em geral da morte de um estranho... Quando olho ao redor de mim, examino este quarto e vejo os vestidos de Carlota, os papéis de Alberto e aqueles móveis com os quais estou agora tão familiarizado, inclusive o tinteiro aqui pertinho, digo para comigo: "Eis o que tu és nesta casa! Tudo em todos.[72] Os teus amigos têm consideração por ti! Muitas vezes lhes dás alegrias e o teu coração supõe que não poderias existir sem eles. Todavia, se tu partisses, se te afastasses dessa roda, sentiriam eles o vácuo que a tua ausência causaria ao seu destino? E por quanto tempo? Ah, o homem é tão efêmero que, mesmo ali onde tem certeza da sua existência, onde pode deixar a única e verdadeira impressão da sua presença, ou seja, na memória, na alma dos seus amigos, mesmo ali deve apagar-se e desaparecer, e isto tão logo!"

27 de outubro

Por vezes sinto vontade de rasgar-me o peito, de partir-me o crânio, ao ver de quão pouco somos capazes uns em relação aos outros. Ah, o amor, a alegria, o ardor, as delícias que não alcanço por mim, não mas dará outro, e, com o coração a transbordar de venturas, não poderia tornar feliz a este mesmo outro ao vê-lo frio e sem forças diante de mim.

27 de outubro, à noite

Tenho tanta coisa e a lembrança dela tudo devora! Eu tenho tanta coisa e sem ela tudo se reduz a nada.

30 de outubro

Se eu já não tivesse estado um cento de vezes a ponto de saltar-lhe ao pescoço! Deus sabe quanto custa ver passar, e tornar a passar, tanto encanto diante de alguém sem que eu me atreva a pôr-lhes a mão! E todavia a tendência mais natural da humanidade é agarrar... Não agarram as crianças tudo aquilo que lhes cai aos olhos?... E eu?

03 de novembro

Deus sabe quantas são as ocasiões em que me deito na cama com o desejo, e às vezes a esperança, de não tornar a acordar. E de manhã abro os olhos, revejo o sol e me sinto miserável! Oh, não ser eu caprichoso a ponto de acusar o tempo, ou a um terceiro, uma empresa falhada, talvez, para que o insuportável fardo das mágoas não pese inteiro sobre mim! Desgraçado que sou! Sinto, e bem no fundo, que toda a culpa é minha... Não, a culpa não! Basta que eu traga hoje oculta em meu peito a fonte de todas as misérias, do mesmo modo que trazia outrora a fonte de todas as venturas. Não sou eu o mesmo homem que dantes bracejava numa inesgotável sensibilidade, que via surgir o paraíso a cada passo e tinha um coração capaz de estreitar dentro de si o amor do mundo inteiro? Mas agora este coração está morto, já não brota dele nenhum encanto, os meus olhos estão secos e os meus sentidos, que já não são mais aliviados por lágrimas refrescantes, também estão secos e rasgam sulcos de medo em minha testa. Eu sofro muito, pois perdi tudo o que me causava delícia à vida, essa força divina, vital, com a qual criava mundos ao redor de mim. Ela passou... Quando olho da janela para a remota colina, é em vão que vejo acima dela o sol da manhã atravessar o nevoeiro e brilhar no fundo pacífico do prado, e o brando ribeirão serpentear à minha busca por entre os salgueiros despidos de folhas... Oh, toda essa magnífica natureza é fria para mim, inanimada como uma estampa colorida, e todo esse espetáculo já não consegue bombear do coração à cabeça a menor gota de um sentimento venturoso, e o homem total está ali, em pé diante de Deus como um poço seco, como um balde furado. Muitas vezes me prostrei ao chão implorando lágrimas a Deus, como um lavrador clama por chuva quando vê um céu de bronze[73] sobre sua cabeça e a terra ao redor de si a morrer de sede.

Mas, ah, sinto-o, Deus não concede a chuva e o sol às nossas importunas súplicas... E esses tempos cuja recordação me atormenta, por que eram eles tão felizes, senão pelo fato de que eu esperava os seus desígnios com paciência? E por que recebia de coração inteira e intimamente agradecido as delícias que ele derramava sobre mim?

08 de novembro

Ela censurou-me os exageros, mas de modo tão amável! Os meus exageros que, de um copo de vinho, me levavam a beber a garrafa toda... “Evitai isso”, dizia-me ela, “pensai em Carlota!”

“Pensar!”, respondi eu. “Tereis precisão de mo ordenar? Quer pense, quer não

pense, estais sempre presente em minha alma. Estive hoje sentado precisamente no lugar onde vós descestes da carruagem...” Ela pôs-se a falar de outra coisa, para me obrigar a não ir demasiado fundo no assunto. E eu me fui, caríssimo! Ela faz de mim o que quiser.

15 de novembro

Agradeço-te, Guilherme, o terno interesse que me consagras, as boas intenções que emanam dos teus conselhos, mas peço-te que fiques calmo. Deixa-me suportar a crise toda. Apesar do abatimento vital em que me encontro, ainda me resta força suficiente para ir até o fim. Respeito a religião, bem o sabes, sei que é o cajado para quem cai de fadiga, o refresco para aquele que a sede consome. Mas será que... Poderá ela, deverá ela ser assim para todos? Considera este vasto universo, vês milhões de homens para quem ela não o foi, outros para quem ela jamais o será, quer lhe fosse anunciada, quer não. Tem pois ela de o ser para mim? O próprio Filho de Deus, não foi ele quem disse que estarão em volta dele aqueles que o Pai lhe enviar? [74] E se eu, pois, não lhe fui concedido? Se o Pai me quer reservar para si, como mo diz o coração... Por favor, não vás dar a isto uma interpretação falsa, e talvez inventar motejo nestas inocentes palavras; é toda minha alma que exponho diante de ti; doutra maneira preferiria calar-me, porque me aborrece gastar o verbo em assuntos dos quais os outros entendem tão pouco quanto eu. Qual será o destino do homem, se não o de suportar todos os seus males, e beber o cálice até o fim?[75] E se o cálice se afigurou ao Deus dos Céus demasiado amargo quando o levou aos seus lábios de homem, irei eu me fazer de forte e fingir que o acho doce? E por que teria eu pejo de o confessar, no terrível momento em que todo o meu íntimo vacila tremebundo entre o ser e o não-ser,[76] em que o passado reluz como um relâmpago sobre o lúgubre abismo do futuro, em que tudo que me rodeia afunda e até o mundo fenece comigo? Não será a voz da criatura opressa, desfalecida, abismando-se solitária e sem auxílio em meio a esforços vãos, que geme: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”[77] E logo eu deveria corar ante esta expressão? Logo eu deveria temer o momento ao qual nem mesmo Aquele que dobra os céus como se dobra um manto[78] conseguiu escapar?

21 de novembro

Ela não vê, não sente que está a preparar o veneno que nos há de matar a ambos... E eu degusto com toda a volúpia a taça em que ela me oferece a morte! O que significa aquele ar de bondade com que tantas vezes olha para mim... Tantas vezes... Não, não são tantas vezes, algumas apenas... Mas e a complacência com que aceita as expressões produzidas por um sentimento do qual já não sou mais senhor, a compaixão que sente por tudo aquilo que tenho de suportar e se pinta de rugas em sua fronte?

Ontem, quando me retirei, ela estendeu-me a mão e disse: “Adeus, querido Werther!” Querido Werther! Foi a primeira vez que me chamou de querido, e a

alegria que senti penetrou-me até a medula dos ossos. Repeti a palavra cem vezes e, à noite, quando fui para a cama, palrava com meus botões e me peguei a dizer de repente: "Boa-noite, querido Werther!" E tive de rir de mim mesmo depois disso.

22 de novembro

Não posso rogar a Deus dizendo: "Conservai-ma!" E todavia parece que é minha tantas vezes! Não posso rogar a Deus dizendo: "Dê-ma!" Ela pertence a outro. Brinco e gracejo com as minhas dores e, se não me contivesse, faria uma ladainha inteira de antíteses.

24 de novembro

Ela sente que sofro. Hoje, o seu olhar penetrou-me até o âmago do coração. Achei-a só. Eu nada dizia, ela olhava para mim, fixamente. E eu já não via aquela sedutora beleza, aqueles clarões espirituais que lhe cingem a fronte; tudo havia desaparecido à minha vista. Um olhar bem mais potente atuava em mim, um olhar cheio do mais terno cuidado, da mais doce piedade. Por que não me atrevi a lançar-me a seus pés? Por que não me atrevi a abraçá-la, respondendo-lhe com mil beijos? Ela recorreu ao piano e pôs-se a acompanhar a música com uma voz tão doce, tão suave! Jamais os seus lábios me pareceram tão encantadores. Era como se se abrissem, lânguidos, para absorverem em si aqueles sons suaves que brotavam do instrumento, e apenas fazer vibrar o eco celeste da música em sua boca... Ah, se eu pudesse contar-te isso como o senti! Não pude conter-me por mais tempo. Baixei a cabeça e disse jurando: "Nunca me aventurarei a dar-vos um beijo, lábios sobre os quais adejam os espíritos do céu... E, todavia... Quero... Ah! Vê, foi como que um muro de vedação que se ergueu diante da minha alma... Aquela ventura, aquela pureza do céu... E aí naufragar... Expiar esse pecado... Pecado?"

26 de novembro

Às vezes digo para mim mesmo: "O teu destino é único, podes considerar todos os outros felizes... nenhum mortal foi tão martirizado quanto tu..." E depois disso leio qualquer poeta antigo, e é como se lesse no meu próprio coração. Tenho de suportar tanto! Ah, terá havido antes de mim homem tão miserável?

30 de novembro

Não, nunca, nunca mais poderei voltar a mim! Por toda a parte aonde vou, encontro uma aparição que me põe fora de mim. E hoje! Oh, destino! Oh, humanidade!

Eis que vou à beira do rio à tarde, não tinha nenhuma vontade de me alimentar. Estava tudo deserto, um vento de oeste, frio e úmido, soprava da montanha, e nuvens cinzentas cobriam o vale. Descortinei ao longe um homem vestindo um casaco verde

e surrado, que caminhava encurvado entre as rochas e parecia procurar ervas. Aproximei-me dele e o rumor que fiz ao chegar fê-lo voltar-se e eu vi uma fisionomia bem interessante, envolta em profunda tristeza, mas que não deixava de revelar, contudo, uma alma totalmente honesta. Os seus cabelos negros estavam levantados em dois anéis por um alfinete e os restantes caíam pelas costas formando uma trança farta. Como o seu trajo indicava um homem das classes inferiores, pareceu-me que não levaria a mal o fato de eu dar atenção ao que ele fazia, e, por conseguinte, perguntei-lhe o que andava a procurar. “Procuro flores!”, respondeu ele, suspirando profundamente. “E não as encontro.”

“Mas não é a estação delas”, disse-lhe eu, sorrindo.

“Há tantas flores!”, continuou ele, descendo até onde eu estava. “No meu jardim há rosas e duas espécies de madressilvas, uma das quais foi meu pai quem me deu. Elas crescem tão depressa quanto a erva daninha, e há dois dias que as procuro sem poder encontrá-las. E, mesmo aqui fora, há sempre flores, amarelas, azuis e vermelhas; até a centáurea possui uma florzinha bonita, mas não consigo encontrar nenhuma.” Notei nele um ar sinistro e, apanhando um pretexto, perguntei-lhe o que é que queria fazer dessas flores... Um sorriso singular e convulso contraiu-lhe as feições.

“Se prometeis não me trair”, disse ele pondo um dedo nos lábios, “dir-vos-ei que prometi um buquê à minha namorada.”

“Muito bem!”, disse eu.

“Oh!”, continuou ele. “Ela tem tantas outras coisas! É rica!”

“E contudo aprecia muito o vosso buquê?”, repliquei eu.

“Oh!”, prosseguiu ele. “Ela tem jóias e uma coroa!”

“Qual é o nome dela, então?”

“Se os Estados Gerais[79] tivessem me pago o que deviam”, replicou ele, “eu seria outro homem! Sim, houve um tempo em que eu estava tão bem! Hoje, acabou-se tudo para mim, sou...”

Um olhar úmido lançado ao céu tudo revelou... “Quer dizer que fostes feliz?”, perguntei eu.

“Ah! Bem que eu queria sê-lo agora como fui outrora!”, disse ele. “Andava tão bem, alegre e folgazão como um peixe na água...”

“Henrique!”, exclamou uma velha que vinha pelo caminho. “Henrique! Onde te meteste? Andamos a tua procura a tarde inteira. Vem jantar!”

“É vosso filho?”, perguntei-lhe eu, caminhando até ela.

“Sim, é o meu pobre filho!”, ela respondeu. “Deus pôs-me uma cruz bem pesada às costas.”

“Há quanto tempo se encontra nesse estado?”, perguntei.

“Assim sossegado”, disse ela, “há apenas seis meses. Dou graças a Deus por isso não ter ido mais longe. Antes andou louco durante um ano inteiro e teve de ser recolhido ao hospício, onde jazia algemado. Agora não faz mal a ninguém e apenas se ocupa sempre de reis e imperadores. E era um homem tão afável e tranqüilo, que me ajudava no sustento e tinha uma bela letra. De repente pôs-se a devanear, caiu doente de febre, depois veio o delírio, e agora acha-se no estado em que o vedes. Se vos contasse, meu senhor...”

Interrompi sua torrente de palavras perguntando-lhe: “Que tempo era aquele do qual ele fala tanto, no qual se dizia tão feliz, tão contente?”

“O pobre insensato!”, exclamou ela com um sorriso de piedade. “Refere-se ao tempo em que estava fora de si, uma época que ele não cessa de elogiar. Foi o tempo que passou no hospício, e não tinha conhecimento de si mesmo.” Aquilo caiu sobre mim como um trovão. Meti uma moeda de prata na mão dela e afastei-me em largas passadas.

“Sim, aí eras feliz!”, exclamei eu caminhando precipitadamente em direção à cidade. “Aí poderias te sentir bem como um peixe na água! Deus do céu! Arranjaste o destino dos homens de sorte que apenas possam ser felizes antes de alcançarem a razão ou depois de perdê-la! Pobre miserável! E contudo invejo-te a loucura, esse desarranjo dos sentidos em que te consomes! Sais cheio de esperanças a colher flores para a tua rainha... em pleno inverno... e afliges-te por não as encontrares, sem atinar por que não as encontras. E eu... Eu saio sem esperança, sem objetivo, e volto à casa como saí... Imaginas que homem serias se os Estados Gerais tivessem te pagado o que te deviam; feliz criatura, que podes atribuir a falta de felicidade a um obstáculo terreno! Não sentes, não sentes que é em teu coração destroçado, em teu cérebro arruinado, que jaz tua miséria, da qual nem todos os reis da terra poderiam te libertar!”

Morra desesperado aquele que se rir de um doente, que viaja às fontes mais distantes para buscar águas que, ao invés de diminuir, lhe aumentam a enfermidade e lhe tornam o fim da vida ainda mais doloroso! E o mesmo aconteça àquele que fizer pouco do coração opresso que, para se libertar dos remorsos, para acalmar sua inquietação e o sofrimento de sua alma, faz a peregrinação ao Santo Sepulcro! Cada passo que lacerar a sola de seus pés explorando caminhos não trilhados, é uma gota de bálsamo na sua alma aflita, e a cada dia que sua marcha durar, seu coração deitará aliviado de uma porção do fardo que o subjuga... E vós ousais chamar a isso de loucura, vós, os mercadores de palavras, acomodados em vossas almofadas! Loucura... Oh, Deus! Tu vês as minhas lágrimas! Seria preciso, depois de teres feito o homem tão pobre, dar-lhe irmãos que lhe roubam sua pobreza pouca, lhe subtraem o resto de confiança que ele tem em ti? Em ti, o Todo-amado! Pois a confiança numa raiz curativa, nas lágrimas da vinha, o que será senão a confiança em ti, que puseste em tudo que nos rodeia a cura e o alívio de que precisamos a todo instante? Ó pai que eu não conheço... Pai que outrora enchias toda a minha alma, e que agora desviaste a face de mim, chama-me para ti! Não emudeças mais tempo! O teu silêncio não deterá a minha alma sedenta... E um homem, um pai, poderia irritar-se ao ver o filho que volta inesperadamente[80] e se joga em seus braços exclamando: “Eis-me de volta, meu pai, não vos zangueis se interrompo uma viagem que, segundo vossas ordens, eu devia agüentar mais tempo. O mundo é igual por toda parte e por toda parte vive de penas e trabalhos, recompensa e prazer. Mas que me importa tudo isso? Só estou bem onde tu estás, e quero sofrer e gozar na tua presença!”

E tu, Pai celeste e misericordioso, serias capaz de não dar ouvidos ao teu filho?

1o de dezembro

Guilherme! Aquele homem de quem te falei, o feliz infeliz, era secretário em casa do pai de Carlota, e uma paixão que lhe nasceu por ela e que ele nutriu, manteve secreta e por fim revelou, fez com que o despedissem do emprego e tornou-o louco. Imagina, se puderes, imagina através destas palavras cheias de secura o quanto essa história me perturbou quando Alberto ma contou tão friamente como tu talvez a lerás!

04 de dezembro

Suplico-te... Vês que para mim acabou-se tudo... Não poderei suportar tudo isso mais tempo. Estava sentado hoje ao lado dela... Estava sentado e ela tocava diferentes árias ao piano, com uma expressividade! Que expressividade... Que queres que eu diga? A sua irmãzinha vestia a boneca sobre meus joelhos. As lágrimas vieram-me aos olhos. Inclinei-me e eis que dou com sua aliança de casamento... minhas lágrimas jorraram... E de repente ela passou a tocar aquela antiga ária,[81] cuja doçura tem algo de celestial, assim de repente... e logo senti penetrar na minha alma um sentimento de consolação, e comecei a reviver a recordação do passado, do tempo em que ouvia aquela ária, dos intervalos sombrios de desgosto, das mágoas, das esperanças iludidas e depois... Andava no quarto de um lado para outro, o meu coração sufocava. “Pelo amor de Deus!”, disse-lhe eu explodindo e caminhando ao encontro dela. “Pelo amor de Deus, acabe com isso!”

Ela cessou e olhou-me atentamente: “Werther!”, disse ela com um sorriso que me trespassou a alma. “Werther! Vós estais bem doente, repugnam-vos os vossos acepipes favoritos. Ora, vamos, faça o favor de sossegar.” Fugi de perto dela e... Deus meu! Tu vês o meu sofrer e haverás de extingui-lo.

06 de dezembro

Como aquela imagem me persegue! Quer eu vele, quer eu sonhe, ela enche a minha alma inteira. Aqui, quando cerro os olhos, aqui, na minha fronte, no lugar onde se concentra a força visual, encontro os seus olhos negros. Aqui! Não, não sei exprimir-te isso. Se fecho os meus olhos, eles permanecem ali, como um mar, como um abismo repousam diante de mim, alagam minha fronte.

O que é o homem, esse semideus louvado! Não lhe faltam as forças precisamente no momento em que mais precisa delas? E quando ele toma vôo na ventura, ou afunda na tristeza, não será ainda aí limitado à força e sempre reconduzido ao sentimento de si próprio, ao triste sentimento da sua pequenez, justo quando contava perder-se na imensidão do infinito?

O Editor ao Leitor

Quanto eu desejei que nos restassem, sobre os últimos e notáveis dias do nosso amigo, informações escritas por sua própria mão em quantidade suficiente, para não me ver obrigado a interromper a seqüência das cartas que ele deixou através de minhas narrativas!

Procurei recolher os pormenores exatos da boca daqueles que poderiam estar melhor informados a respeito de sua história. Ela é simples, e todas as narrativas que colhi são uniformes e concordam entre si até às mínimas circunstâncias. Só achei as opiniões diferentes e os juízos divididos no que tange à maneira de proceder das pessoas que desempenharam um papel na história.

Resta-nos, pois, contar com fidelidade o que pudemos ajuntar em nossas múltiplas pesquisas, levadas a cabo com esforço, metendo no meio da narrativa as cartas que nos restam daquele que se despediu, sem desprezar o mais pequeno dos bilhetes encontrados, até porque é tão difícil desvendar a verdadeira causa, os verdadeiros fios de uma ação, inclusive em seus aspectos mais simples, quando esta emana de pessoas que estão longe de ser simplórias!

Desânimo e desgosto haviam lançado raízes cada vez mais profundas na alma de Werther, apoderando-se pouco a pouco de todo o seu ser. A harmonia de seu espírito estava de todo destruída, um fogo interno e violento, que lhe minava e confundia todas suas faculdades, causou os mais funestos efeitos e acabou por não lhe deixar senão um abatimento ainda mais penoso de sustentar do que todos os males contra os quais havia lutado até então. As angústias do seu coração consumiram as últimas forças de seu espírito, sua vivacidade, sua sagacidade. Ele tornou-se uma companhia lamentável, cada dia mais infeliz e cada dia mais injusto à medida que aumentava sua infelicidade. Pelo menos era o que diziam os amigos de Alberto. Sustentavam que Werther não soubera apreciar um amigo reto e pacífico que, gozando uma felicidade ambicionada há tempo e tudo o que ela trazia de bom, não tinha outro fim que não o de garantir essa felicidade para o futuro. Ademais, continuavam, como é que ele poderia compreendê-lo, ele que dissipava todas suas posses durante o dia, guardando para a noite apenas os sofrimentos e as privações? Alberto, diziam eles, não havia mudado nada em tão pouco tempo, e continuava a ser o mesmo homem que Werther tanto elogiara, tanto honrara no princípio, a partir do dia em que o conhecera. Amava Carlota acima de tudo, tinha orgulho dela, e desejava que todos a considerassem o mais perfeito dos seres. Poderiam censurá-lo por desejar fugir a qualquer raio de suspeita e se recusar a partilhar com quem quer que fosse um bem tão precioso, mesmo que fosse da maneira mais inocente? Confessam que Alberto várias vezes deixava os aposentos de sua mulher quando Werther estava com

ela, não por ódio ou aversão ao seu amigo, mas tão-somente por sentir que Werther se embaraçava ante a sua presença.

O pai de Carlota foi atingido por um mal que o reteve no quarto. Mandou o coche a sua filha a fim de que ela fosse ter com ele. Era um belo dia de inverno, a primeira neve havia caído em abundância e cobria o chão das redondezas.

Werther foi procurar Carlota no dia seguinte para, caso Alberto não fosse buscá-la, fazer-lhe companhia durante a volta.

A claridade do dia causou pouco efeito em seu ânimo turbado, uma pressão surda lhe pesava sobre a alma, imagens lúgubres haviam se ancorado dentro dele e seu coração não conhecia outro movimento que não o de transitar de um pensamento doloroso a outro.

Como vivia eternamente descontente consigo mesmo, o estado dos seus amigos parecia-lhe tão agitado e tão crítico quanto o seu; julgava ter perturbado a boa intimidade entre Alberto e sua esposa e não cansava de fazer censuras a si mesmo, às quais se mesclava uma indisposição secreta contra o esposo.

Pelo caminho, os seus pensamentos voltaram a fixar-se na situação. “Sim, claro”, dizia ele para consigo, rangendo os dentes em segredo, “aí está, pois, essa união tão confiável, tão íntima, tão afável, tão completa, essa fidelidade calma e duradoura! É apenas saciedade e indiferença! O negócio mais mesquinho não o interessa mais do que sua adorável e cara esposa! Será que ele sabe apreciar sua sorte? Sabe ele dar a ela a atenção que merece? Ela lhe pertence, pois bem, ela lhe pertence... Sei disso, como sei também de outra coisa; julgava estar acostumado ao pensamento de que ela lhe pertence, mas ele vai acabar por me enlouquecer, por me matar... E a sua amizade a toda a prova continua viva? Não verá ele uma intromissão em seus direitos na minha afeição por Carlota, e nas minhas atenções por ela uma secreta suspeita? Percebo-o, sinto-o, olha para mim contrariado, deseja ver-me a distância, minha presença lhe causa desgosto.”

Por vezes estacava seu passo apressado, em outras chegava a parar em silêncio e parecia estar disposto a retornar. Continuava, entretanto, o seu caminho, sempre entregue àquelas idéias, àquelas conversas solitárias, até chegar enfim, meio que contra a vontade, ao pavilhão de caça.

Adentrou a porta e perguntou pelo velho e por Carlota. Achou toda a gente muito agitada. O mais velho dos rapazes disse-lhe que tinha acontecido uma desgraça em Wahlheim, que um camponês acabava de ser assassinado. O fato não lhe chamou a atenção... Dirigiu-se à sala e encontrou Carlota ocupada em dissuadir o bailio que, sem dar tento a sua doença, queria ir direto ao local investigar o crime. Não se sabia ainda quem era o assassino. Haviam encontrado o cadáver, de manhã, diante da porta da herdade onde trabalhava. Havia suspeitas. O morto era serviçal em casa de uma viúva que, pouco tempo antes, tivera outro a seus serviços, e este havia saído do emprego insatisfeito devido a uma questão grave.

Ao ouvir a informação, Werther levantou-se precipitadamente. “Será possível!”, exclamou. “Tenho que ir para lá, não há um só momento a perder...” Correu a Wahlheim. As recordações se desenhavam vivas em sua mente e não duvidou, sequer por um momento, que o autor do crime fora o rapaz com o qual ele havia falado um punhado de vezes e ao qual passara a estimar tanto.

Como tinha de cruzar sob as tílias para chegar à taverna onde haviam exposto o cadáver, Werther sentiu-se perturbado ao ver aquele lugar outrora tão adorado. A soleira onde as crianças da vizinhança haviam brincado tantas vezes estava manchada de sangue. O amor e a fidelidade, os mais belos sentimentos humanos, haviam degenerado em violência e assassinato. As imponentes árvores estavam desfolhadas e cobertas de gelo, a sebe viva que cobria os muros baixos do cemitério, formando uma abóbada sobre ele, havia perdido a folhagem e viam-se as lajes dos túmulos cobertas de neve por entre as frestas da ramagem seca.

Quando se aproximava da taverna em frente à qual se juntara toda a aldeia, elevou-se de repente uma intensa gritaria. Via-se ao longe um bando de homens armados, e cada qual exclamava que trazia o assassino. Werther lançou-lhe os olhos e não teve mais nenhuma dúvida. É certo, tratava-se daquele empregado que tanto amava a viúva, e que, pouco tempo antes, havia encontrado imerso em calma ira, em secreto desespero.

"Que fizeste, desgraçado?", exclamou Werther, caminhando para o prisioneiro. Este olhou para ele sossegadamente, calou-se e respondeu enfim tomado de frieza: "Ninguém a possuírá, ela não possuíra ninguém". Levaram o prisioneiro para a taverna e Werther retirou-se precipitadamente.

Todo o seu ser estava agitado e confuso pela emoção terrível e violenta que acabara de vivenciar. Mas libertou-se num instante de sua melancolia, de seu desânimo, de sua negra apatia; apoderaram-se dele o mais irresistível interesse por aquele rapaz e o mais vivo desejo de o salvar. Considerava-o tão desgraçado, achava-o tão pouco culpado, apesar de seu crime, e penetrava de modo tão profundo na sua situação que julgava certo ser capaz de fazer os outros comungar da mesma opinião. Já ardia de vontade de falar em seu favor, já se formava em seus lábios o mais animado discurso; correu às pressas ao pavilhão de caça e, não logrando conter entusiasmo e excitação, repetiu a meia voz durante o caminho tudo o que iria comunicar ao bailio.

Quando entrou na sala deu com Alberto, cuja presença o perturbou no princípio, mas logo serenou e expôs com ardor sua inteção ao bailio. Este abanou a cabeça várias vezes e, posto Werther tivesse dado às suas palavras todo o fogo da convicção, toda a energia que um homem pode transmitir à defesa de um dos seus semelhantes, o bailio não se deixou abalar, como facilmente se compreenderá. Não chegou a deixar que nosso amigo acabasse, inclusive, e refutou com vivacidade seus argumentos, censurando-o por dar sua proteção a um assassino vil e traiçoeiro, mostrando-lhe que, seguindo aquele princípio, a lei acabaria por se ver sempre engambelada e a segurança pública aniquilada. Acrescentou que, de resto, numa questão tão grave, ele nada poderia fazer sem arcar com a maior responsabilidade, pois tudo iria e deveria seguir segundo a ordem e as formalidades legais previstas.

Werther não se deixou abater, mas limitou-se a pedir que o bailio fizesse vista grossa a uma eventual ajuda na evasão do rapaz. Mas também aí o bailio foi irredutível. Alberto, que enfim entrava na conversa, tomou também o lado do velho. Werther ficou em silêncio e foi-se embora acabrunhado de dor, não sem antes ouvir o bailio repetir um punhado de vezes: "Não, nada pode salvá-lo!"

Sabemos como essas palavras o abalaram por um bilhete encontrado entre os

seus papéis, que certamente fora escrito naquele mesmo dia:

"Ninguém pode te salvar, desgraçado! Bem vejo, ninguém pode nos salvar!"

O que Alberto dissera na presença do bailio sobre o caso do prisioneiro incomodou a Werther de modo bem singular. Ele julgou perceber algumas insinuações dirigidas a si próprio e seus sentimentos. E, mesmo que, depois de refletir por algum tempo, sua argúcia o tivesse convencido de que aqueles dois homens poderiam ter razão, parecia-lhe que frustaria a mais íntima de suas convicções se concordasse com eles, se viesse a reconhecer que eram eles que estavam certos.

Achamos entre os seus papéis uma nota que diz respeito ao fato, e provavelmente exprima todos os seus sentimentos em relação a Alberto:

"De que me serve, dizer e repetir a mim mesmo, ele é honesto e bom, se isso me rasga as entranhas? Não posso ser justo!"

Como a noite estava serena e o tempo anunciava degelo, Carlota e Alberto regressaram a pé. Pelo caminho, Carlota olhava para os lados aqui e acolá como se a companhia de Werther lhe fizesse falta. Alberto pôs-se a falar dele. Censurou-o, mas não deixou de ser justo com ele. Referiu-se à sua desgraçada paixão e considerou ser possível afastá-lo. "Desejo-o também por nós", disse ele, "e peço-te, trata de dar outra direção às suas relações contigo e de tornar mais espaçadas as suas freqüentes visitas. As pessoas começam a reparar e sei que alguns e outros já falaram disso, inclusive." Carlota ficou em silêncio e aquele silêncio parece ter tocado Alberto. Pelo menos ele não falou mais de Werther diante dela desde então, e se ela falava nele, Alberto só fazia calar ou procurava mudar de assunto.

A tentativa vã que Werther fizera para salvar o desgraçado campônio fora o derradeiro clarão de uma luz que se apaga; ela só fê-lo mergulhar tanto mais fundo na dor e no abatimento. E quase foi ao desespero quando soube que talvez o chamassem como testemunha contra o homem, que agora recorria às negativas, dizendo não ter cometido o crime.

Tudo o que tinha lhe acontecido de desagradável durante sua vida ativa, suas mágoas junto ao embaixador, tudo o que não dera certo em seus planos, as coisas que sempre o afligiram, voltavam à tona inquietando-o ainda mais. Por tudo isso, parecia considerar-se autorizado à inatividade; sentia estar privado de qualquer perspectiva, incapaz, por assim dizer, de agarrar a vida por qualquer de suas pontas. Foi assim que, entregue por completo a seus sentimentos e seu modo estranho de pensar, consumindo suas forças sem objetivo e gastando-as sem esperança, aterrado por uma paixão sem fim, abismado na eterna uniformidade de uma relação dolorosa com o ser amado e adorado – cuja tranqüilidade ele perturbava –, ele se familiarizava dia a dia com uma idéia atroz, aproximando-se do fim.

De sua imensa turvação, de seu intenso delírio, dos seus penosos tormentos e tendências, de seu cansaço em relação à vida, algumas cartas que ele deixou e aqui inserimos dão o mais irrefutável testemunho.

"12 de dezembro

Caro Guilherme! Encontro-me no estado em que deviam estar aqueles desgraçados que se supunha possessos de um espírito maligno. Isso dá-me, às vezes.

Não é angústia nem desejo, é uma raiva interior, desconhecida, que ameaça dilacerar meu peito, que me aperta a garganta, que me sufoca! E dói! Como dói! Aí então procuro fugir de mim e desvairo porta afora, em meio ao palco noturno e terrível dessa estação inimiga dos homens.

Ontem à noite tive de sair. O degelo principiara subitamente e eu havia ouvido dizer que o rio transbordava, que todas as lagoas até Wahlheim levavam cheia, inundando o meu querido vale. À noite, depois das onze, corri para lá. Era um espetáculo terrível ver de cima da rocha, à claridade da lua, as torrentes rolarem pelos campos e prados e sebes levando tudo de roldão e tranformando o vale num mar agitado, entregue ao sibilar agudo do vento! E depois, quando a lua refulgiu rompendo as nuvens negras e voltou a desvelar a torrente aos meus pés, rolando e rugindo em clarões soberbos e terríveis, fui tomado por um arrepio sinistro e logo a seguir por um desejo intenso... Ah, de braços abertos encontrava-me à beira do abismo e ardia por me atirar abaixo... Abaixo! E me entregava à delícia de precipitar ali os meus tormentos, as minhas dores! Ali, num sussurro, como as ondas! Oh! E não tiveste força para levantar os pés do chão, dar um salto e acabar com todos os teus males... A minha ampulheta inda não chegou ao fim, sinto-o! Oh, Guilherme! Com que gosto eu teria dado a minha existência humana para, como o temporal, rasgar as nuvens, levantar as ondas! Ahá, e será possível que essa delícia nunca venha a ser partilhada por aquele que hoje definha em seu cárcere?

Quão grande foi a minha mágoa no momento em que baixei o olhar para um lugar onde tinha descansado com Carlota, debaixo de um salgueiro, depois de termos dado um passeio no calor da tarde! O lugar também estava inundado e mal reconheci o salgueiro... Guilherme! E os seus campos, pensei, e os arredores, e o pavilhão de caça! A torrente devia ter arrancado, destruído o nosso caramanchão! E o reflexo dourado do pretérito espiou na minha alma... assim como um sonho de rebanhos, de pradarias, de honras ilumina a esperança de um prisioneiro! Estava ali em pé... Não me quero mal, porque tenho a coragem de morrer... Deveria, muito antes... E eis-me aqui como a velha que pede a lenha às sebes e o pão às portas, para amparar e prolongar por um instante ainda a sua triste e precária existência."

"14 de dezembro

O que é isso meu amigo? Estou aterrado comigo mesmo! O amor que tenho por ela não será o amor mais sagrado, mais puro, mais fraterno? Por acaso senti algum dia em minha alma um desejo criminoso? Não quero jurar... E agora, devaneios! Oh, como tinham razão os que atribuíam efeitos tão diversos e opostos a forças tão estranhas! Esta noite... Tremo ao te dizê-lo... Esta noite segurei-a nos braços, apertada ao meu peito, e cobri sua boca balbuciante e amorosa com um milhão de beijos. Os meus olhos nadavam na embriaguês dos seus... Meu Deus! Será um crime a felicidade que ainda sinto ao recordar no íntimo todo aquele prazer ardoroso? Carlota! Carlota! É o fim para mim! Meus sentidos turvam-se, há oito dias que perdi a consciência, os meus olhos estão cheios de lágrimas. Não estou bem em parte alguma e estou bem em toda a parte... A nada aspiro, nada desejo. Seria melhor partir."

A decisão de deixar o mundo adquiriu cada vez mais força na alma de Werther durante esse tempo e em meio a essas circunstâncias. Desde o seu regresso para junto

de Carlota, a decisão passou a ser o seu último recurso, a sua derradeira esperança. Mas prometera a si mesmo não precipitar-se, não proceder com violência na consumação do ato, e não dar o passo caso não estivesse definitivamente convencido, tranqüilamente resoluto.

A sua incerteza, a sua luta consigo próprio espiam convincentes de um bilhetinho, que por certo era o começo de uma carta a Guilherme, e foi achado entre seus papéis, sem a data no cabeçalho:

"A sua presença, o seu destino, o interesse que ela tem na minha sorte, espremem ainda as últimas lágrimas do meu cérebro calcinado.

Levantar a cortina e dar um passo para trás dela! Eis tudo! E por que tremer? Por que hesitar? É por se ignorar como é por detrás dela? Por que não há volta? E é esta a característica mais evidente do nosso espírito, supor que é tudo confusão e trevas aquilo sobre o que não sabemos nada ao certo."

Habituou-se cada vez mais àqueles funestos pensamentos e a cada dia eles lhe pareciam mais familiares. Até que, ao final, o seu projeto passou a definido e irrevogável, e a prova está na seguinte carta de duplo sentido que ele escreveu ao seu amigo.

20 de dezembro

Caro Guilherme, agradeço ao teu amor o fato de teres compreendido tão bem o que eu queria dizer. Sim, tens razão, seria melhor para mim ter partido. A proposta que me fazes de voltar a ir ter convosco não me é de todo simpática, quereria ao menos dar uma volta, sobretudo no momento em que podemos contar com a interrupção da geada e um caminho sem problemas. Também estou muito feliz com a intenção expressa de vires me buscar, mas concede-me apenas quinze dias e espera por uma carta minha que te dê novas ulteriores. Não se deve colher o fruto antes de estar maduro. E quinze dias a mais, quinze dias a menos, fazem muita diferença. Dirás a minha mãe que reze pelo seu filho, e que lhe peço perdão por todas as mágoas que tenho lhe causado. Era meu destino atormentar as pessoas às quais só devo alegria. Adeus, meu caro! Que o céu derrame sobre ti todas as suas bençãos! Adeus!"

O que se passou por esta época na alma de Carlota, e o que ela sentia em relação a seu marido e a seu infeliz amigo, não achamos confiança para relatar com precisão, mesmo que no fundo façamos idéia disso, dado o conhecimento do seu caráter e o fato de que toda a mulher dotada de uma alma limpa e honesta se identificará com ela e compreenderá o quanto ela sofria. O que é certo é que ela estava decidida a fazer de tudo para afastar Werther. E, se contemporizava, era apenas para poupar cordial e amigavelmente o amante, uma vez que sabia quanto tal esforço lhe custaria, e que o mesmo esforço se localizava nas fronteiras do possível para ele. Contudo, em breve se viu forçada a tomar uma resolução séria; seu esposo continuava calado a respeito do relacionamento, conservando o mesmo silêncio que ela tinha guardado, e tanto mais lhe importava provar, através de sua ação, o quanto seus sentimentos eram dignos dos do seu marido.

No mesmo dia em que Werther escreveu ao amigo a carta a que acabamos de aludir – isso acontecera no domingo antes do Natal –, foi à noite à casa de Carlota e

encontrou-a só. Estava ocupada em arrumar os brinquedos que destinaria aos irmãos e irmãs como presente natalino. Werther falou da alegria que as crianças iriam sentir e do tempo em que a abertura inesperada de uma porta e a aparição da árvore cheia de velas de cera, de gulodices e de maçãs nos levavam a um encantamento paradisíaco. [82] "Tambem vós", disse Carlota, encobrindo o seu embaraço num sorriso amável, "também vós tereis os vossos presentes, se vos portardes bem. Uma velinha e alguma outra coisa mais."

"E o que chamais de portar-me bem?", interrogou ele. "Como devou eu estar? Como posso estar, caríssima Carlota?"

"Na quinta-feira à noite", disse ela, "é véspera de Natal, aí virão os pequenos e o meu pai com eles e cada qual terá o seu presente. Vinde também... Mas não antes..." Werther ficou perplexo.

"Peço-vos", continuou ela, "que seja assim, e peço-o para o meu próprio sossego. Isso não pode continuar assim, não, não pode."

Ele desviou os olhos dela e pôs-se a caminhar pela sala, a murmurar: "Isso não pode continuar assim!"

Carlota, que sentiu o estado terrível em que o puseram aquelas palavras, procurou, através de mil perguntas, distraí-lo de seus pensamentos, mas em vão.

"Não, Carlota!", exclamou ele. "Nunca mais vos tornarei a ver!"

"Por que isso, Werther?", replicou ela. "Podeis, deveis tornar a ver-nos, apenas tendes de vos controlar um pouco! Oh, por que é que nascestes com esses ímpetos, com esses arrebatamentos indomáveis e ardentes que dedicais a tudo o que vos toca! Peço-vos", acrescentou ela pegando-lhe na mão, "dominai-vos! Vosso espírito, vosso talento, vossos conhecimentos, quantos prazeres eles não vos garantem! Sede homem, quebrai essa fatal afeição que tendes por uma criatura que não pode fazer mais que vos lamentar!"

Ele rangeu os dentes e olhou para ela com ar sombrio. Ela pegou-lhe na mão mais uma vez. "Um só instante de calma, Werther!", disse ela. "Não sentireis por acaso que vos iludis, que caminhais voluntariamente para a vossa perda? Por que eu, Werther? Justamente eu, que pertenço a outro? Precisamente eu? Chego a recear, sim, chego a recear que seja a própria impossibilidade de me possuir que torna os vossos desejos tão ardentes!"

Ele retirou a sua mão das mãos dela e, olhando-a com ar fixo e desgostoso, exclamou. "Sábio! Mas isso é muito sábio! Não foi talvez Alberto que fez essa observação? Ela é política! Bastante política!"

"Qualquer um poderia fazê-la!", replicou ela, quase a interrompê-lo. "Não haverá, pois, no mundo inteiro, nenhuma moça capaz de satisfazer aos desejos do vosso coração? Fazei esforços por a encontrar e juro-vos que a encontrareis; pois já há tempo que, por vós e por nós, me aflijo com o isolamento em que vós vos pondes. Dominai-vos! Uma viagem vos faria, sim, teria de vos fazer bem. Procurai um objeto digno do vosso amor, e voltai... Então, então poderemos gozar todos juntos a ventura de uma amizade sincera."

"Poder-se-ia imprimir isso", disse Werther com um sorriso amargo, "e recomendá-lo a todos os educadores. Querida Carlota! Deixai-me ainda um momento em paz e tudo haverá de se arranjar!"

"Está bem, Werther! Mas não volteis antes da véspera de Natal!"

Ele quis responder, Alberto entrou. Deram-se as boas-noites num clima gelado e puseram-se a andar lado a lado pelo quarto, para cá e para lá, com ar constrangido. Werther principiou um discurso pouco significante, que em breve acabou, e Alberto fez o mesmo, perguntando à mulher sobre algumas coisas que haviam ficado ao encargo dela. Quando ouviu que elas ainda não haviam sido encaminhadas, disse-lhe algumas palavras que Werther achou frias e até mesmo duras. Ele queria ir-se embora e não podia. Hesitou até as oito horas e, vendo que seu mau humor e seu desgosto apenas aumentavam, pegou na bengala e no chapéu decidido a partir, quando a empregada principiou a pôr a mesa. Alberto convidou-o a ficar, mas ele, que não viu na atitude mais do que uma insignificante delicadeza, agradeceu com frieza e saiu.

Chegou em casa, arrancou a luz das mãos do criado que queria iluminar-lhe o caminho, e subiu desacompanhado ao quarto. Soluçava alto, gritava consigo mesmo de maneira agitada e percorria o cômodo em largas passadas, até acabar enfim por se atirar vestido à cama, onde o criado o encontrou às onze, depois de ousar entrar para lhe perguntar se não queria que lhe tirasse as botas. Werther permitiu que o fizesse, proibindo-o de entrar ao quarto na manhã seguinte antes que ele o chamasse.

Na segunda-feira de manhã, 21 de dezembro, escreveu a Carlota a seguinte carta, que foi encontrada lacrada sobre a escrivaninha depois da sua morte e entregue à destinatária. Expô-la-ei aqui em fragmentos, exatamente como parece ter sido escrita.

"Está decidido, Carlota, quero morrer, e escrevo-te sem nenhuma exaltação romanesca, sossegado, na manhã do dia em que te verei pela última vez. Quando leres esta, minha querida, o túmulo gelado já estará cobrindo os despojos rijos do inquieto, do desgraçado que não conheceu prazer mais doce para os derradeiros momentos da sua vida do que o de se ocupar contigo. Tive uma noite terrível e, por que não dizer, uma noite benéfica. Ela definiu, radicou a minha resolução... Quero morrer! Quando me arranquei ontem de perto de ti, que convulsão sentia na alma, que horrível aperto no coração, ao notar o modo brutal como o meu ser se consumia junto de ti, sem alegria, sem esperança, numa frialdade tenebrosa... Mal pude chegar ao meu quarto. Lancei-me de joelhos, sentindo-me fora de mim, e, oh Deus! Concedeste-me pela última vez o alívio das lágrimas mais amargas. Mil projetos, mil perspectivas lutaram em fúria na minha alma, e por fim ficou ali, firme e inteiriço, o último, o único pensamento... Quero morrer! Deitei-me e pela manhã, no sossego do despertar, ainda encontrei o mesmo pensamento, firme, inteiriço, ancorado em meu coração. Quero morrer! Não é desespero, é a certeza inabalável de que termino minha carreira e me sacrifico por ti. Sim, Carlota! Por que eu haveria de ocultá-lo? Um de nós três tem de morrer, e quero ser eu! Oh, minha querida! Uma idéia furiosa insinuou-se no meu coração lacerado por várias vezes... Matar o teu esposo! Ou a ti! Não, a mim... Seja assim, pois! Quando, na tarde de um belo dia de verão, subires à montanha, pensa em mim e lembra-te de quantas vezes eu percorri esse vale. Olha depois para o cemitério e vê como o vento embala o capim alto sobre o meu túmulo, aos últimos raios do sol poente... Eu estava calmo quando comecei... e agora... agora choro como uma criança ao sentir que tudo me afeta de maneira tão viva..."

Pelas dez horas, Werther chamou o criado e, enquanto se vestia, disse-lhe que

iria viajar durante alguns dias, de modo que ele devia arrumar suas roupas e preparar tudo para fazer as malas. Ordenou-lhe também que fosse pedir as contas junto aos credores, que buscasse alguns livros que havia emprestado e pagasse dois meses adiantados a alguns pobres que recebiam dele uma esmola semanal.

Mandou que lhe levassem a comida ao quarto e depois do jantar cavalgou em busca do bailio. Ele não estava em casa. Passeou pelo jardim com ar pensativo, parecendo querer ajuntar em quantidade todas as recordações e melancolias capazes de lhe aumentar a tristeza.

As crianças não o deixaram muito tempo sossegado. Correram para ele, perseguiram-no, e lhe contaram que, depois que passasse amanhã, e depois de amanhã, e ainda mais um dia depois de depois de amanhã, haveriam de receber de Carlotinha os seus presentes de Natal, e desenrolavam todas as maravilhas prometidas pela sua imaginação... "Amanhã", exclamou ele, "e ainda depois de amanhã, e ainda mais um dia!" E beijou-os a todos com ternura, disposto a deixá-los, quando o mais novo quis dizer-lhe ainda uma coisa ao ouvido. Revelou-lhe que os seus irmãos mais velhos haviam escritos belas saudações ao ano vindouro, assim grandonas, ó! E uma para o papá, uma para Alberto e Carlota e uma também para o senhor Werther; elas seriam entregues bem cedo, no dia do Ano Novo. Aquilo o subjugou definitivamente, deu a todos alguma coisa, montou a cavalo, encarregou-os de darem os seus cumprimentos ao velho e partiu com os olhos marejados de lágrimas.

Voltou por volta das cinco e ordenou à criada que tivesse cuidado com o fogo e o conservasse aceso até a noite. Disse ao criado que enfardelasse seus livros e sua roupa e envolvesse toda sua vestimenta em sacos protetores.[83] Foi por certo então que ele escreveu o parágrafo seguinte, parte de sua última carta a Carlota.

"Tu não me esperas! Pensas que te obedeço e que apenas voltarei a ver-te na véspera do Natal. Oh, Carlota! Hoje ou nunca. Na véspera de Natal terás este papel nas mãos, estremecerás e molhá-lo-ás com as tuas lágrimas. Eu quero ir, eu tenho de ir! Oh, como estou bem depois que me decidi!"

Carlota não estava em situação muito melhor naquele momento. No seu último encontro com Werther sentira tanto mais de perto o quanto seria difícil para ela afastá-lo de si, compreendendo que não o havia feito até então para evitar os tormentos que ele sentiria ao separar-se dela.

Dissera de modo distraído, diante de seu marido, que Werther não voltaria antes da véspera do Natal, e Alberto montara a cavalo para ir à casa do bailio da vizinhança fechar um negócio que o reteria até o dia seguinte.

Carlota estava só, nenhum dos seus irmãos ao seu redor. Ela entregou-se por inteiro aos seus pensamentos, que iam da sua situação presente ao futuro.Via-se unida por toda a vida a um homem, cujo amor e cuja fidelidade ela conhecia e a quem amava de todo o coração; um homem cuja tranqüilidade, cuja solidez pareciam ter sido ajustadas pelo céu para garantir a felicidade de uma mulher honesta; sentia bem o que um esposo como ele seria para si e para seus filhos. Por outro lado, Werther havia se tornado tão caro a ela e desde o primeiro instante a simpatia entre os dois tinha se manifestado de modo tão forte! A longa convivência com ele, algumas situações que viveram juntos haviam causado impressões indeléveis no coração dela. Acostumara-se a partilhar com ele tudo o que achava interessante, todos os seus

sentimentos e todos os seus pensamentos, e a partida do jovem ameaçava abrir-lhe um vácuo que ela nunca mais conseguiria preencher. Oh! Se ela pudesse transformá-lo em um irmão naquele instante, como teria sido feliz! Se tivesse achado um meio de casá-lo com uma das suas amigas! Se lograsse reatar de modo definitivo a boa harmonia entre ele e Alberto!

Passou em revista, na sua imaginação, todas as suas amigas e a cada qual achava sempre algum defeito, e nenhuma lhe pareceu digna dele.

Em meio a todas estas reflexões, acabou por sentir profundamente, sem ousar confessá-lo a si mesma, que o desejo secreto de sua alma era conservá-lo para si, mesmo se logo a seguir repetiu que não podia, não devia conservá-lo. A sua alma pura, bela e sempre tão invulnerável à tristeza, recebeu nesse instante a pressão dura da melancolia que lhe interditava as perspectivas futuras de felicidade. Seu coração estava opresso e uma nuvem escura embaciava-lhe os olhos.

Eram seis e meia da tarde quando ouviu Werther subir a escada, reconhecendo de imediato os seus passos e a sua voz a perguntar por ela. Como o seu coração bateu descompassado, e podemos dizer que pela primeira vez, ao sentir que ele se aproximava! Teve vontade de dizer que não estava e quando ele entrou exclamou, numa espécie de turvação apaixonada: “Não cumpristes a vossa palavra!”

“Nada prometi!”, foi a resposta dele.

“Pelo menos deveríeis ter dado atenção ao meu pedido”, replicou ela, “de que respeitásseis a nossa tranqüilidade comum.”

Carlota não sabia bem o que dizer, muito menos o que fazer, quando pensou em mandar convidar algumas das suas amigas para não ficar só com Werther. Este deitou sobre a mesa alguns livros que havia trazido e pediu outros. Ora ela desejava ver suas amigas chegando, ora que não aparecessem. A criada entrou anunciando-lhe que as amigas haviam pedido desculpas por não poderem vir.

Pensou primeiro em fazer ficar a moça, recomendando que continuasse o trabalho no quarto ao lado, depois mudou de idéia. Werther dava largas passadas pela sala e ela pôs-se ao piano, começando um minueto, mas os dedos se negavam a tocar. Concentrou-se e foi sentar-se com tranqüilidade ao pé de Werther, que tinha ocupado seu lugar costumeiro junto ao canapé.

“Não tendes nada para ler?”, ela perguntou. Ele não tinha nada.

“Aqui, na minha gaveta”, continuou ela, “está a vossa tradução de alguns dos cantos de Ossian;[84] ainda não os li, porque estava a esperar que vós mesmo os lêsseis para mim, mas lamentavelmente não tivemos oportunidade de fazê-lo.”

Ele sorriu, pegou as canções, sentiu um arrepio ao tê-las nas mãos e seus olhos encheram-se de lágrimas quando abriu o caderno. Sentou-se e leu.

“Estrela da noite nascente, eis-te a resplandecer no Ocidente, ergues a tua cabeça fulgurante sobre a nuvem e caminhas majestosa ao longo da colina. Que estás a ver na charneca? Os ventos tempestuosos amainaram, ouve-se o marulho da torrente ao longe, as vagas turbulentas vêm espiar ao pé do rochedo e os insetos noturnos zumbem sobre o campo. Para onde olhas, bela claridade? Mas sorris e partes, jovialmente envolta pelas ondas, que beijam teu cabelo amado. Adeus, clarão tranqüilo. Apareça, tu, a soberba luz da alma de Ossian!

E ela aparece em todo o seu fulgor. Vejo os meus amigos mortos; eles reúnem-

se em Lora, como nos passados dias. Fíngal vem, semelhante a uma coluna de névoa úmida. Em volta dele estão seus heróis; e eis que vejo os bardos da canção! Ullin, de cabelos grisalhos! O majestoso Ryno! Alpin, cantor amável! E tu, suave e lamentosa Minona! Como estais mudados, meus amigos, desde os dias da festa em Selma, quando disputávamos entre nós as honras do canto, como se fôssemos zéfiros da primavera a vergar, uma após outra, as ervas fracas e ciciantes da colina!

Então Minona avança em sua beleza, de olhar baixo e olhos marejados, o cabelo flutuante, resistindo ao vento vagabundo que soprava do alto da colina. A alma dos guerreiros entenebreceu-se quando ela elevou sua doce voz; porque eles haviam visto muitas vezes o túmulo de Salgar, muitas vezes haviam descortinado a sombria habitação da branca Colma. Colma estava abandonada na colina, com sua voz melodiosa; Salgar prometera vir, mas a noite descia sobre ela. Escutai a voz de Colma, agora que ela está solitária na colina.

Colma

É noite... Estou só, perdida na tempestuosa colina. O vento sopra nos montes, a torrente despenha com fragor rochedo abaixo. Nenhuma cabana me defende da chuva, esquecida que estou na colina tempestuosa.

Oh, lua! Sai de detrás das nuvens! Aparecei, estrelas da noite! Que um raio qualquer me conduza ao lugar onde o meu amor repousa das fadigas da caça, com o arco distendido ao seu lado e os cães ofegantes em volta de si! Terei eu de permanecer sentada aqui, só sobre a rocha e sujeita à torrente? A torrente cresceu e a tempestade brame. Não ouço a voz do meu amante!

Por que é que tarda o meu Salgar? Por acaso esqueceu sua promessa? Aqui estão o rochedo e a árvore, e logo ali a ruidosa torrente. Prometeste estar aqui assim que a noite chegasse. Ah, onde terá se perdido o meu Salgar? Queria fugir contigo, abandonar pai e irmão! Os soberbos! Há muito nossas estirpes são inimigas, mas nós não somos inimigos, oh, Salgar!

Cala-te um instante, oh, vento! Silencia um pouco, oh, temporal, a fim de que minha voz seja ouvida no vale e o meu viajeiro me ouça. Salgar! Salgar! Sou eu quem chama. Aqui estão a árvore e o rochedo. Salgar, meu amor, estou aqui! Por que demoras a chegar?

Olha, a lua apareceu... A torrente refulge no vale. O rochedo é uma mancha sombria no alto da colina. Mas eu não o vejo subindo. Os cães que vão sempre à frente dele não me anunciam sua chegada. Tenho de ficar só aqui!

Mas quem serão aqueles lá embaixo, deitados na charneca... Meu amante? Meu irmão? Falai, oh, meus amigos! Eles não respondem. Como a minha alma está aflita... Ah, eles estão mortos! Suas espadas jazem vermelhas do combate. Oh, meu irmão! Meu irmão! Por que mataste o meu Salgar? Oh, meu Salgar, por que mataste o meu irmão? Vós me éreis ambos tão queridos! Oh! Tu eras belo entre mil na colina; ele era terrível no combate. Respondei-me! Escutai a minha voz, meus bem-amados! Mas, ah! Eles estão mudos. Mudos para sempre. E seus peitos frios como a terra...

Oh! Do alto do rochedo sobre a colina, do mais alto cume da tempestuosa montanha, falai, espíritos dos mortos! Falai, que eu não haverei de horrorrizar-me...

Onde fostes repousar? Em que caverna das montanhas poderei encontrar-vos? Não colho a mais débil voz no seio do vento, o temporal desce uivando da colina e não me traz respostas.

Estou sentada em meus lamentos, aguardo a manhã em minhas lágrimas. Abri o túmulo, vós, os amigos dos mortos, mas não o fecheis até que eu chegue! A minha vida desvaneceu-se como um sonho, como poderia ficar pra trás... Quero morar aqui, com meus amigos, junto à torrente que brota do rochedo... Quando a noite chegar à colina, e o vento soprar na charneca, o meu espírito irá com ele, a lamentar a morte dos meus amigos. O caçador ouvir-me-á de seu esconderijo, receará a minha voz e haverá de amá-la, porque ela será doce ao chorar os meus amigos; eu gostava tanto de ambos!

Era este o teu canto, oh, Minona, terna e corada filha de Thormann! As nossas lágrimas correram por Colma e a nossa alma estava sombria... Ullin apareceu com a harpa nos trazendo o canto de Alpin... A voz de Alpin era amável, a alma de Ryno, uma labareda! Mas ambos já habitavam a casa dos mortos e a sua voz já fenecera em Selma... Um dia Ullin, voltando da caça, antes de os dois heróis terem tombado, ouviu seus cantos de desafio na colina. Os seus cantos eram doces, mas tristes, lamentavam a queda de Morar, o primeiro dos heróis. Sua alma era como a alma de Fíngal; sua espada como a espada de Oskar... Mas ele caiu morto e o seu pai lamentou e os olhos de sua irmã se encheram de lágrimas... Os olhos de Minona se encheram de lágrimas, Minona, a irmã do valente Morar. Ante os acordes de Ullin, ela retirou-se, como a lua no Ocidente, quando prevê a tempestade e esconde a sua bela cabeça atrás de uma nuvem... Eu dedilhei a harpa com Ullin, anunciando o canto das lamentações.

Ryno

O vento e a chuva cessaram, a tarde está serena e as nuvens se dissipam. Os derradeiros raios do sol iluminam a colina, fugidios. A torrente corre rubra da montanha ao vale. Doce é teu murmurar, oh, torrente, mas ainda mais doce é a voz que ouço. É a voz de Alpin, e ele lamenta os mortos. A sua cabeça pende com a idade e os seus olhos estão vermelhos de chorar. Alpin, cantor magnífico, por que gemes como uma rajada de vento na floresta, como uma vaga na praia remota?

Alpin

As minhas lágrimas, Ryno, são dedicadas aos mortos, minha voz aos habitantes do túmulo. Tu és esbelto sobre a colina, belo entre os filhos da charneca! Mas tu haverás de cair como Morar e o aflito sentará sobre o teu sepulcro. As colinas haverão de te esquecer e o teu arco quedar frouxo junto à muralha.

Tu eras ágil, oh, Morar, como um corça na colina, terrível como o meteoro a rasgar o céu. Tua cólera era uma tempestade, tua espada na batalha como um relâmpago na charneca. Tua voz assemelhava-se à torrente na floresta depois da chuva, ao trovão ribombando nas colinas distantes. Muitos caíram sob o teu braço, a chama da tua ira os consumia. Mas quando regressavas da guerra, como era pacífica a tua voz! A tua face era semelhante ao sol depois da borrasca, semelhante à lua na

noite silenciosa. O teu peito era tranqüilo como o lago, quando o fragor do vento adormeceu.

Estreita é agora tua morada, sombria tua cidadela. Com três passos meço a tua cova, oh, tu, que antes eras tão grande! Quatro pedras cobertas de musgo são teu único monumento. Uma árvore desfolhada, as altas ervas que o vento inclina, indicam ao olhar do caçador o túmulo do poderoso Morar. Não tens mãe que chore por ti, nem amante que derrame lágrimas de amor por tua causa. Morta está aquela que te deu a vida. Tombou a filha de Morglan.

Quem é que vem ali, caído sobre o cajado? Quem é ele, esse homem cuja cabeça é branca de velhice e cujos olhos estão vermelhos de lágrimas? É teu pai, oh, Morar! O pai de nenhum filho, exceto de ti. Ele ouviu falar da tua valentia no combate, dos inimigos caídos sob teus golpes. Ele soube da glória de Morar! Ah! Mas nada a respeito de sua ferida! Chora, pai de Morar! Chora! Mas o teu filho não te escuta. Profundo é o sono dos mortos, fundo seu travesseiro de pó. Nunca mais ouvirá a tua voz, não despertará ao teu chamado. Oh! Quando chegará a manhã ao túmulo, para enfim dizer àquele que dorme: Acorda!

Adeus, oh, mais nobre dos homens, conquistador das batalhas! Mas nunca mais te verá o campo de guerra, nunca mais a floresta sombria resplandecerá ao reflexo do teu aço. Não deixaste nenhum filho, mas os cantos manterão vivo o teu nome. Tempos futuros ouvirão falar de ti, conhecerão a glória e a queda de Morar!

Alto era o luto dos heróis, e mais altos os supiros dolorosos de Armin. Aquele canto recordava-lhe a morte de seu filho, tombado quando ainda era jovem. Carmor estava perto do herói, Carmor, príncipe da retumbante Galmal! “Por que soluça Armin, o suspiroso?”, disse ele. “O que há a lamentar nisso? A música e os cantos não serão destinados a derreter a alma e depois reanimá-la? Eles são como a névoa suave que se levanta do lago e cai no vale orvalhando as flores; mas o sol aparece de repente com força e dissipa o nevoeiro. Por que é que estás tão pleno de lamentos, oh, Armin, senhor de Gorma circundada de lagos?”

Armin

Sim, pleno de lamentos! Assim estou e não é pouco o motivo da minha dor... Carmor, tu não perdeste filhos, não perdeste uma filha de radiante beleza! O bravo Colgar vive, e Amira também, a mais bela das moçoilas. Os ramos da tua casa florescem, oh, Carmor, mas Armin é o último do seu tronco! O teu leito é negro, oh, Daura! Surdo é o teu sono no túmulo... Quando despertarás com teus cantos, com tua voz melodiosa? Erguei-vos, ventos do outono, erguei-vos! Soprai na charneca sombria! Espumai, torrentes da floresta! Uivai, furacões, no cimo dos carvalhos! Viaja através das nuvens laceradas, oh lua! Mostra e depois oculta o teu pálido rosto! Lembra-me da noite terrível em que meus filhos morreram, em que Arindal, o forte, tombou, e Daura, a bela, desapareceu!

Daura, minha filha, tu eras bela! Bela como a lua nas colinas de Fura, branca como a neve sobre o chão, doce como a aura da manhã. Arindal, o teu arco era forte, a tua lança rápida no ar, o teu olhar como a névoa que preme as ondas, o teu escudo uma nuvem de fogo no temporal.

Armar, famoso na guerra, chegou e solicitou o amor de Daura; ela não resisitiu por muito tempo e belas eram as esperanças de seus amigos.

Erath, o filho de Odgal, estremecia de fúria porque seu irmão havia sido morto por Armar. Chegou disfarçado de barqueiro e sua barca era airosa sobre as ondas, brancos da velhice os cachos do seu cabelo, tranqüilo o seu rosto sério. “Oh, mais bela das moçoilas!”, disse ele. “Amável filha de Armin, lá embaixo no rochedo, não longe da praia, onde a fruta madura pende da árvore, Armar espera por sua Daura. Eu venho para conduzir seu amor sobre as ondas movediças.”

Ela o seguiu, chamando por Armar. Ninguém lhe respondeu, a não ser a voz do rochedo. “Armar, meu querido, meu amor, por que me afliges tanto assim? Ouve-me, filho de Arnath! Ouve-me. É Daura que chama por ti.”

Erath, o traidor, fugia rindo pelos campos. Ela levantou sua voz, chamando por seu pai e seu irmão: “Arindal! Armin! Não há nenhum aqui para salvar sua Daura?”

A sua voz atravessou o mar. Arindal, meu filho, desceu da colina carregado dos despojos da caça. Suas flechas retiniam a seu lado. Seu arco, ele carregava na mão. Cinco molossos cinzentos o rodeavam. Avistou o impávido Erath na praia, agarrou-o e atou-o ao carvalho. Apertou a corda com firmeza, cingindo-lhe os braços e a cintura. Erath, assim amarrado, encheu o ar de gemidos.

E Arindal empurra o barco às ondas, a fim de trazer Daura à praia. Armar surge irado e solta a flecha de penas acinzentadas, ela sibila e afunda em teu coração, oh Arindal, meu filho! Ao invés de Erath, o traidor, foste tu quem morreste! O barco atingiu os rochedos, enquanto Arindal caía e expirava. Quão grande foi o teu lamento, oh, Daura, quando viste o sangue de teu irmão correr aos teus pés!

As ondas estilhaçaram o barco. Armar atirou-se à água para salvar a sua Daura ou morrer. Uma rajada de vento caiu ligeira da colina sobre as ondas, ele submergiu e nunca mais voltou a aparecer.

Sozinho sobre o rochedo batido pelas vagas, ouvi o lamento de minha filha. Altos e contínuos eram os seus gritos, mas seu pai não pôde ir salvá-la. Fiquei na praia a noite inteira, via-a aos débeis raios da lua, a noite toda ouvi os seus gritos. O vento soprava forte e a chuva era torrencial. A sua voz enfraqueceu antes de a aurora surgir e acabou por se extinguir como a aragem do entardecer entre a erva das rochas. Esgotada pela dor, morreu e deixou Armin só! A minha força na guerra acabou, sumiu-se o meu orgulho de pai.

Quando os temporais descem da montanha, quando o vento norte eleva as ondas, sento-me na praia rumorosa e olho em direção ao terrível rochedo. Muitas vezes, quando a lua principia a aparecer no céu, descubro os espíritos dos meus filhos caminhando juntos e semi-encobertos, em triste concórdia.”

Uma torrente de lágrimas, que correu dos olhos de Carlota e aliviou seu coração opresso, interrompeu a leitura de Werther.[85] Ele atirou o manuscrito à mesa, pegou-a por uma de suas mãos e verteu as mais amargas lágrimas. Carlota estava apoiada à outra mão e escondia os olhos no lenço. A agitação de ambos era terrível. Sentiam seu próprio infortúnio no destino dos heróis de Ossian e sentiam-no juntos, confundindo suas lágrimas. Os lábios e os olhos de Werther queimavam o braço de Carlota, um tremor percorreu seu corpo e ela quis afastar-se, mas a dor e a compaixão reteram-na como uma massa de chumbo a pesar sobre ela. Buscou ar, suspirando e

tentando se recompor, e, soluçando, implorou-lhe que continuasse, implorou-lhe com a voz tomada de ternura celestial. Werther tremia, seu coração parecia prestes a dilacerar-se, mas ele voltou a pegar o manuscrito e leu com voz entrecortada.

"Por que é que me despertas, hálito da primavera? Fazes-me carícias e dizes: Eu te orvalho com gotas do céu. Mas o meu tempo de murchar vai próximo, está próxima a tempestade que há de arrancar minhas folhas. Amanhã chegará o viajeiro, chegará aquele que me viu em meu esplendor, os seus olhos me buscarão olhando em volta na campina, e não me encontrarão."[86]

Toda a violência destas palavras caiu sobre o desgraçado, e ele lançou-se aos pés de Carlota. Dominado pelo desespero, pegou as mãos dela, apertou-as aos seus próprios olhos, depois à testa, enquanto Carlota pareceu sentir fundo a atravessar-lhe a alma o pressentimento do horroroso projeto que ele havia concebido. Os sentidos da moça turvaram-se, ela apertou-lhe as mãos, voltando a segurá-las depois junto ao seio, inclinou-se para ele num movimento doloroso e as faces ardentes de ambos se tocaram. O universo desvaneceu-se para eles. Werther envolveu-a nos braços apertando-a ao peito e cobriu seus lábios trêmulos e balbuciantes com beijos furiosos. "Werther!" disse ela com voz abafada e tentando desviar-se. "Werther!" E com débil mão procurava afastá-lo do seu seio.

"Werther!", ela exclamou enfim, em tom mais imperativo e mais nobre. Werther não pôde resistir, deixou-a desprender-se de seus braços e lançou-se ao chão diante dela como um desesperado. Ela levantou-se bruscamente e, cheia de perturbação, tremendo entre o amor e a cólera, disse-lhe: "É a última vez, Werther! Nunca mais me vereis". E em seguida, lançando ao miserável um olhar cheio de amor, correu para o quarto ao lado e trancou-se dentro dele. Werther estendeu os braços em sua direção, mas não se atreveu a retê-la. Estava prostrado ao chão, com a cabeça recostada ao canapé e ficou mais de meia hora naquela posição até que um rumor o chamou à realidade. Era a criada querendo pôr a mesa. Ele ia e vinha pela sala e, quando voltou a se ver só, aproximou-se da porta do gabinete e chamou em voz baixa: "Carlota! Carlota! Só mais uma palavra, um adeus". Ela manteve-se em silêncio. Ele aguardou... e rogou... e tornou a aguardar, até enfim arrancar-se da porta exclamando: "Adeus, Carlota, adeus para sempre!"

Chegou aos portões da cidade. Os guardas, já acostumados a vê-lo, deixaram-no entrar sem nada lhe dizer. Chovia e caía neve ao mesmo tempo e ele só foi se recolher às onze. O criado percebeu, assim que Werther chegou em casa, que ele não trazia o chapéu, mas não se atreveu a dizer qualquer coisa, despiu-o, e viu também que a roupa de seu senhor estava totalmente molhada. Encontraram seu chapéu mais tarde, sobre um rochedo, que se destaca no alto da montanha e avança sobre o vale, e ninguém compreendeu como o jovem pôde, numa noite tão escura e tão chuvosa, subir para lá sem precipitar-se abaixo.

Werther deitou-se e dormiu por muito tempo. O criado encontrou-o escrevendo, quando ele o chamou de manhã para trazer o café. Acrescentava a seguinte passagem à sua carta a Carlota:

"É pela última vez, pois, pela última vez que eu abro os olhos! Ah, eles não mais verão o sol, um dia sombrio e enevoado os encobrirá por inteiro. Sim, veste luto, oh, Natureza! O teu filho, o teu amigo, o teu bem-amado se aproxima do fim. Carlota,

este é um sentimento sem igual e todavia tão parecido ao torpor de um sonho... Ter de dizer a si próprio: esta manhã é a última! A última, Carlota! Não consigo alcançar o significado desta palavra: a última! Não me encontro eu na plenitude de minhas forças? E amanhã, deitado, estendido sem vida sobre a terra! Morrer! O que é que isso significa? Vê, nós sonhamos quando falamos na morte. Vi morrer muitas pessoas, mas o homem é tão limitado que não faz nenhuma idéia do começo e do fim de sua própria existência. E agora ainda é a minha, a tua! A tua, oh, amada! E só mais um momento, querida... separados... desunidos... Talvez para sempre! Não, Carlota, não... Como posso eu desaparecer? Como podes tu desaparecer, assim no mais? Nós estamos assim, sim... Desaparecer... O que é que isto significa? É mais uma daquelas palavras, um som oco que o meu coração não compreende... Morto, Carlota! Sepultado num pedaço de terra fria, tão estreito, tão escuro! Tive uma amiga que foi tudo para a minha juventude privada de amparo e de consolação. Ela morreu, acompanhei seu enterro e fiquei ao pé da cova quando desceram o esquife. Ouvi o ranger das cordas que o largavam ao fundo e depois voltavam, e a seguir a primeira pazada de terra rolar abaixo, enquanto o fúnebre caixão devolvia um rumor surdo, e sempre mais surdo, cada vez mais surdo, até ficar de todo coberto, enfim! Caí sobre a cova... Acorrentado, agitado, opresso, com as entranhas dilaceradas... Mas não fazia idéia de como seria quando acontecesse comigo... quando acontecesse... Morrer! Cova! Não compreendo estas palavras!

Oh, perdoa-me! Perdoa-me! Ontem... Aquele deveria ter sido o derradeiro momento da minha vida. Oh, meu anjo! Foi pela primeira vez, sim, pela primeira vez sem dúvida que o sentimento de uma alegria sem limites penetrou na minha alma: Ela me ama! Ela me ama! Ainda queima em meus lábios o fogo sagrado que brotou em torrentes dos teus, essa delícia ardente e nova que tomou conta do meu coração. Perdoa-me! Perdoa-me!

Ah, eu bem sabia que me amavas. Sabia-o desde o primeiro olhar, esse olhar cheio de alma; desde o primeiro aperto de mão, e todavia quando te deixava, quando via Alberto ao teu lado, tornava a cair em dúvidas febris.

Lembras-te das flores que me mandaste no dia daquela enfadonha reunião em que não pudeste dizer-me uma única palavra, nem estender-me a mão? Oh, fiquei metade da noite de joelhos diante delas e elas selaram teu amor em mim. Mas, ah! Estas impressões desvaneciam-se, como se desvanece aos poucos no coração do crente o sentimento da graça do seu Deus Todo-poderoso, que lhe fora alcançado com celeste profusão através de sinais sagrados e visíveis.

Tudo isso é perecível, mas nem a própria eternidade poderá destruir a vida incandescente que eu gozei ontem nos teus lábios e agora sinto dentro de mim! Ela me ama! Estes braços a envolveram, estes lábios vibraram sobre seus lábios! Esta boca balbuciou sobre a sua! Ela é minha! Tu és minha! Sim, Carlota, para sempre!

Que importa que Alberto seja teu esposo? Esposo! O título seria, pois, apenas para este mundo... como para este mundo é pecado o amor que sinto por ti, o fato de eu querer arrancar-te dos seus braços para os meus! Pecado? Pois bem, seja, e eu me puno por causa dele. Saboreei-o em toda sua celestial delícia, esse pecado, suguei o bálsamo da vida e derramei sua força em meu coração. Desse momento em diante, tu foste e serás minha! Minha, oh, Carlota! Sigo adiante![87] Vou ter com meu Pai, com

teu Pai. Queixar-me-ei a ele, e ele haverá de me consolar até a tua chegada, quando voarei ao teu encontro, cingir-te-ei, ficando unido a ti em presença do Eterno, num abraço infinito.

Não estou sonhando, nem delirando! Perto do túmulo vejo com mais clareza. Nós haveremos de ser! Nós tornaremos a ver-nos! Encontrar tua mãe! Eu haverei de encontrá-la, ah, e então derramarei perante ela todo o meu coração! Tua mãe! Tua perfeita imagem!"

Por volta das onze horas Werther perguntou ao criado se Alberto não estaria de volta. O criado respondeu que sim, que havia visto passar seu cavalo. Ouvindo isso, o patrão entregou-lhe um bilhetinho aberto que continha estas palavras:

"Poderíeis fazer a gentileza de emprestar-me as vossas pistolas para uma viagem que conto fazer? Adeus!"

A pobre Carlota pouco havia dormido na noite antecedente. O que ela receava estava decidido, decidido de um modo que ela não podia nem prever nem recear. O seu sangue desde sempre tão puro e tão fluido, estava agora numa perturbação febril, e mil sentimentos diferentes destroçavam seu coração. Seria o fogo dos abraços de Werther que ela sentia em seu seio? Seria indignação pela sua temeridade? Seria uma comparação desencorajada entre o seu estado atual e os dias de sua calma e livre inocência, em que confiava absolutamente em si mesma? Como haveria de se apresentar a seu marido? Como confessar-lhe uma cena que ela deveria confessar sem criar problemas e que no entanto não se atrevia a confessar a si própria? Eles haviam se calado tanto tempo a respeito, e agora ela seria a primeira a quebrar o silêncio, e no preciso momento em que teria de fazer ao seu marido uma comunicação tão inesperada? Já receava que tão-só a notícia da visita de Werther haveria de lhe provocar uma impressão desagradável! E que dizer então de uma catástrofe daquelas! Poderia ela esperar que seu marido avaliasse a cena de maneira clara e transparente, considerando-a sem nenhum preconceito? E, por outro lado, conseguiria ela ocultar algo do homem para o qual sempre se mostrara clara e transparente como um cristal polido, para o qual jamais escondera, ou sequer obscurecera, o mais íntimo e ínfimo de seus sentimentos? Uma e outra possibilidade a encheram de cuidados, lançando-a num embaraço cruel. E os seus pensamentos sempre voltavam a Werther, que estava perdido para ela e que ela não podia abandonar, que ela... lamentavelmente... não devia entregar ao seu próprio destino, pois, perdendo-a, nada mais lhe restaria.

Como pesava sobre ela aquilo mesmo que ela não podia avaliar com clareza naquele momento, a interrupção das relações entre os dois homens! Ambos eram pessoas tão boas, tão cordatas e por causa de um punhado de secretas diferenças haviam principiado um silêncio mútuo, cada qual pensando nos seus direitos e nos agravos do outro, tendo o azedume de tal maneira aumentado pouco a pouco, que se tornou impossível desfazer o nó no momento crítico em que tudo começou. Se uma ditosa confiança os tivesse aproximado mais cedo, se a amizade e a indulgência se robustecessem e abrissem os corações de ambos a efusões amáveis, talvez o nosso desgraçado amigo ainda pudesse ser salvo.

Uma circunstância particular veio a complicar ainda mais as coisas. Werther, conforme o sabemos através de suas cartas, jamais fizera mistério quanto ao fato de querer deixar este mundo. Alberto não se cansara de contrariar o amigo nesse assunto,

e também entre Carlota e seu marido o tema veio à baila algumas vezes. Este, em conseqüência de sua decidida aversão pelo suicídio, manifestara com muita freqüência, com uma espécie de acrimônia completamente estranha ao seu caráter, que pouco acreditava em semelhante resolução, permitindo-se, inclusive, alguns gracejos a respeito e comunicando a sua incredulidade a Carlota. Esta reflexão tranqüilizava-a por alguns instantes, quando lhe acudiam ao espírito imagens tão tristes, mas por outro lado impedia-a de participar ao seu marido as inquietações que a torturavam no momento.

Alberto chegou e Carlota foi ao seu encontro, num misto de solicitude e de embaraço. Ele não vinha de bom humor, não fechara o negócio, e encontrara no bailio da cidade vizinha um homem inflexível e mesquinho. O mau caminho acabara por impacientá-lo ainda mais.

Perguntou se não havia nenhuma novidade e ela apressou-se em responder que Werther havia estado lá na véspera, à noite. Ele perguntou se havia cartas e ela respondeu que havia posto cartas e pacotes em seu quarto. Ele foi para lá e Carlota ficou só. A presença do homem que amava e estimava deitara uma nova impressão em seu coração. A lembrança da sua generosidade, do seu amor, da sua bondade, fizera o sossego voltar-lhe à alma. Sentiu um desejo secreto de ir atrás dele, pegou seu trabalho e foi ter com ele ao seu quarto como de costume fazia. Alberto estava ocupado em abrir e ler suas cartas. Algumas pareciam não conter coisas especialmente agradáveis. Carlota fez algumas perguntas, às quais ele respondeu de modo sumário, sentando-se à escrivaninha para escrever.

E assim ficaram, um ao lado do outro, durante uma hora, e o ânimo de Carlota cada vez mais sombrio. Ela sentia quão difícil seria confessar ao marido o que lhe pesava no coração, ainda que ele estivesse com o melhor dos humores. Caiu numa melancolia tanto mais penosa por ter de ocultá-lo e engolir em silêncio suas lágrimas.

A aparição do criado de Werther aumentou ainda mais a inquietação de Carlota. Ele entregou o bilhetinho a Alberto, que se voltou com frieza à mulher, dizendo-lhe: "Dá-lhe as pistolas"... "Desejo-lhe boa viagem!", acrescentou, dirigindo-se ao criado. Aquilo caiu sobre ela como um raio, procurou levantar-se e faltavam-lhe as pernas; não sabia mais o que estava acontecendo. Dirigiu-se com lentidão até a parede, pegou as pistolas com mão trêmula, tirou-lhes o pó e hesitou, e teria demorado muito mais a entregá-las se Alberto não a tivesse forçado a isso com um olhar interrogativo. Deu então as funestas armas ao rapaz sem poder pronunciar uma palavra e, quando este foi embora, juntou seu trabalho e foi ao seu quarto, entregue a uma incerteza macabra e inexprimível. O seu coração pressagiava-lhe o que há de mais sinistro. Ora pensava em jogar-se aos pés do marido, revelar-lhe tudo, a cena da véspera, sua culpa e seus pressentimentos. Ora deixava de ver qualquer sentido na atitude, não contando ser possível convencer o marido a ir até a casa de Werther. A mesa estava posta, e uma amiga, que apenas fora pedir uma coisa qualquer, quis ir-se embora... mas acabou ficando aos seus pedidos, tornando a conversa suportável durante a refeição: foram sentidos os costrangimentos, foram ditas coisas, foram contadas histórias, foram esquecendo de tudo.

O criado chegou com as pistolas à casa de Werther, que tirou-lhas das mãos encantado quando soube que fora Carlota quem as havia dado. Mandou que

trouxessem pão e vinho, disse ao criado que fosse jantar e pôs-se a escrever:

"Passaram por tuas mãos e tu lhes tiraste o pó, beijo-as mil vezes, tocaste nelas! E tu, espírito dos céus, favoreces a minha resolução! E tu, Carlota, me apresentas o instrumento, tu, de cujas mãos eu desejava receber a morte e, ah... agora a recebo. Oh, como eu interroguei o meu criado! Tu tremias ao entregar-lhas, não disseste adeus! Ai! Ai! Nem um adeus! Fechar-me-ias tu o teu coração, apenas por causa daquele momento que me uniu a ti por toda a eternidade? Carlota, séculos e séculos não lograrão apagar esta impressão! E eu sinto que não poderias odiar aquele que se abrasa tanto por ti."

Depois de jantar, ordenou ao criado que acabasse de enfardelar tudo, rasgou muitos papéis, saiu e pôs algumas pequenas contas em ordem. Voltou para casa e, apesar da chuva, tornou a sair para fora da cidade, ao jardim do Conde, passeou adiante pelos arredores e, ao cair da noite, entrou em casa e escreveu:

"Guilherme, vi pela derradeira vez os campos, as florestas, o céu. Adeus também a ti, querida e boa mãe. Perdoa-me! Consola-a, Guilherme. Que Deus vos encha de bençãos! Todos os meus negócios estão em ordem. Adeus! Tornaremos a ver-nos, e mais felizes."

"Paguei mal a tua amizade, Alberto, mas tu haverás de me perdoar. Perturbei a paz da tua casa e trouxe a desconfiança entre vós. Adeus! Vou terminar com isso. Oh, possa a minha morte tornar-vos felizes! Alberto! Alberto! Torna feliz esse anjo! E assim caia sobre ti a benção do céu!"

Voltou a revirar seus papéis por longo tempo durante a noite, rasgou muitos deles, deitando-os ao fogo, lacrou vários pacotes endereçados a Guilherme. Eles continham breves estudos, pensamentos soltos, dos quais cheguei a ver alguns. Pelas dez horas, pediu que botassem mais lenha ao fogo e, depois de solicitar uma garrafa de vinho, mandou seu criado – cujo quarto, assim como o das outras pessoas da casa, ficava bem distante, na parte traseira da casa – à cama. Este deitou-se vestido, para estar à disposição bem cedo, uma vez que seu patrão havia dito que os cavalos da mala-posta estariam à porta antes das seis horas.

"Depois das onze

Tudo está tão calmo a minha volta, e tão tranqüila a minha alma.

Agradeço-te, meu Deus, teres me presenteado este ardor, esta força nestes instantes derradeiros.

Aproximo-me da janela, minha querida... e vejo através das nuvens tempestuosas e vagantes algumas estrelas no céu eterno! Não, vós não caireis! O Eterno vos traz em seu coração, como a mim. Vejo as estrelas da Ursa, a mais querida das constelações. Quando te deixava à noite, mal saía pelo teu portão, lá estava ela, no alto, à minha frente. Com que embriaguez a contemplei por tantas vezes! Em muitas delas, com as mãos elevadas para o alto, tomei-a por testemunha, fazendo dela um monumento sagrado da ventura de então! E até... oh, Carlota, o que é que não me faz lembrar de ti! Não me envolves, por acaso? Não arranquei para mim, imoderado qual uma criança, todo o tipo de bagatelas que tu santificaste com o toque de tuas mãos?

Querido retrato! Eu lego-to de volta, pedindo que o veneres. Mil, mil beijos imprimi nele, mil vezes o saudei quando saía do quarto ou voltava a entrar nele.

Pedi a teu pai, num bilhetinho, que salvaguardasse o meu corpo. No cemitério há duas tílias, bem ao fundo, no canto que dá para as campinas; é lá que eu desejo repousar. Ele pode, ele haverá de fazer isso por seu amigo. Peça-lhe também. Não quero exigir de pios cristãos que o corpo de um pobre infeliz deite ao lado deles. Ah, quereria que me enterrásseis à beira de um caminho, ou num vale solitário, a fim de que pastores e levitas,[88] passando junto a meu túmulo, levantassem as mãos ao céu abençoando, e o Samaritano vertesse uma lágrima por mim.

Deixa estar, Carlota! Não tremo ao pegar nas mãos o cálice frio e terrível ao qual beberei a vertigem da morte! Tu mo alcanças e eu não hesito. Assim, pois, estão realizados todos os desejos e esperanças da minha vida. Todos! Todinhos! Bater tão frio, tão rígido nas portas de bronze da morte... Ah, se eu tivesse tido a felicidade de morrer por ti! De me sacrificar por ti, Carlota! Eu morreria feliz e ditoso se pudesse dar-te o sossego, as delícias da vida! Mas, ah! Isso foi concedido a apenas uns poucos privilegiados... derramarem seu sangue pelos seus e através de sua morte fazer despontar no seio daqueles que amavam uma vida nova e cem vezes renovada.

Quero ser enterrado nestas roupas, Carlota, tu as tocaste, santificaste-as.

Também isso pedi a teu pai. Minha alma paira sobre o féretro. Que não se mexa em meus bolsos. Aquele laço vermelho-pálido que tu levavas ao peito na primeira vez em que te encontrei no meio das crianças – oh, beija-os mil vezes e conta-lhes o destino de seu desgraçado amigo. Oh, os queridos! Eles formigavam ao meu redor. Como me acorrentei a ti! Desde o primeiro instante não podia deixar-te mais! – ... aquele laço deve ser enterrado comigo, tu mo presenteaste no dia de meu aniversário! Como eu devorava tudo isso! Ah, eu não pensava que o caminho me levaria até aqui... Sossega, eu te peço, sossega!

Elas estão carregadas... Dá meia-noite! Que seja assim! Carlota! Adeus Carlota! Adeus!”

*****

Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o tiro, mas como tudo ficou em silêncio depois disso, não deu maior atenção ao caso.

De manhã, por volta das seis, o criado entrou no quarto com a lamparina nas mãos. Encontrou seu senhor prostrado ao chão, a pistola e sangue. Chamou-o, levantou-o, e nada de resposta, ele apenas estertorava. Correu ao médico, a Alberto.

Carlota ouve o toque na campainha, um tremor envolve todos seus membros. Acorda seu marido e levantam-se. O criado, chorando e balbuciando, traz a notícia, e Carlota cai desmaiada ante Alberto.

Quando o médico chegou até onde estava o infeliz, achou-o prostrado ao chão, sem salvação. O pulso ainda batia, os membros estavam todos paralisados. Por sobre o olho direito, a bala lhe atravessara a cabeça, arrancando os miolos. De mais a mais, aplicou-se-lhe uma sangria, o sangue correu, ele ainda buscava ar.

Pelo sangue no espaldar da poltrona podia-se deduzir que efetivou o ato sentado à escrivaninha, deslizando ao chão em seguida e rolando convulsivamente em volta da cadeira. Estava estendido perto da janela, imóvel e de costas, todo vestido e

calçado, de casaca azul e colete amarelo.

A casa, a vizinhança, a cidade veio em tumulto. Alberto entrou. Haviam deitado Werther sobre a cama, com a fronte amarrada. Seu rosto mostrava a palidez da morte, ele não movia nenhum membro. O pulmão estertorava ainda mais terrivelmente, ora mais fraco, ora mais forte. Apenas esperavam seu fim.

Do vinho bebera apenas um copo. *Emília Galotti*[89] jazia aberta sobre a secretária.

Da comoção de Alberto, do desespero de Carlota não consigo dizer nada. O velho bailio veio correndo com a notícia e beijou o moribundo debaixo das mais sentidas lágrimas. Seus filhos mais velhos vieram logo atrás dele, a pé. Caíram junto ao leito, expressando a mais incontida das dores e beijaram as mãos e a boca do amigo; e o mais velho, aquele que ele sempre amara mais, ficou pendurado a seus lábios até ele expirar, e só à força foi tirado dali.

Morreu ao meio-dia. A presença do bailio e as providências que ele tomou evitaram uma aglomeração maior de pessoas. À noite, às onze, fê-lo enterrar no lugar que ele havia escolhido. O velho e os filhos seguiram o corpo, Alberto não teve forças. Temia-se pela vida de Carlota. Foi carregado por operários.

Nenhum sacerdote o acompanhou.

FIM

ADENDO

Cartas, fontes e datas para melhor compreender *Werther*

(ESBOÇO)[90]

Elas passaram por suas mãos, ela tirou-lhes o pó. Eu vos beijo mil vezes, ela vos tocou.

E tu, espírito dos céus, protejes minha decisão. Ela deu-te as ferramentas, Ela, de cujas mãos eu desejava receber a morte e agora a recebo. Ela tremeu, disse meu criado, no momento em que lhe alcançou as pistolas. “Oh, senhor”, disse o bom rapaz, “vossos amigos lamentam tanto vossa viagem!” Alberto estava junto à escrivaninha, e sem se voltar disse à madame: “Dê-lhe as pistolas”. Ela levantou-se e ele continuou: “Manda dizer que lhe desejo boa viagem”. Ela tomou as pistolas e tirou-lhes o pó com cuidado, e vacilou, e tremeu ao dá-las ao meu rapaz. E o Adeus ficou colado em seu polegar. Adeus! Adeus!

Ante mim está o laço encarnado, o mesmo que ela carregava junto ao seio no dia em que a conheci e que ela veio a me presentear com tanta amabilidade. Esse laço! Oh, outrora eu não pensava que o caminho poderia me levar tão longe.

Eu te peço, fique em silêncio.

ADVERTÊNCIA EM VERSOS[91]

Todo jovem se inclina a amar assim,
Toda moça deseja assim ser amada,
Ah, o mais santo dos nossos ímpetos,
Por que brota dele dor tão alucinada?
Tu o choras, dizes amá-lo, alma querida,
E salvas da vergonha a sua memória;
Vê, seu espírito te acena da ermida:
Sê homem e não segue a mesma história.

FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE KESTNER*

(os dados são de 1772, ano em que Goethe conviveu com o casal Johann Kestner-Charlotte Buff na cidade de Wetzlar, na Alemanha)

Fim de julho: ...Depois disso e assim que havia terminado meu trabalho, vou à casa de minha menina e lá encontro o Dr. Goethe... Ele a ama e, embora seja um filósofo e sempre se mostre amável para comigo, não vê com bons olhos a minha chegada e a intenção de me divertir com minha menina. E eu, embora seja de todo bom para com ele, também não vejo com bons olhos o fato de ele ficar só com minha menina e conversar com ela por tanto

tempo...

09 de agosto: Pela manhã fui ao encontro de Carlota junto com o Dr. Goethe. Ela nos acompanhou até o outro lado de Garbenhein. Após o meio-dia, estávamos mais uma vez junto dela, líamos no jardim... conversávamos...

15 de agosto: Estive com Goethe à noite, até as 12 horas, passeando pela rua. Conversa estranha, pois ele estava dominado pelo mau humor e tendo todo o tipo de fantasias...

16 de agosto: Goethe levou um sermão de Carlota. Ela declarou-lhe que não deveria esperar dela mais do que amizade; ele estava pálido e completamente abatido. Fomos passear até os portões da cidade nova...

10 de setembro: Goethe almoçou comigo no jardim. Eu não sabia que era a última vez... À noite, o Dr. Goethe foi até a Casa da Alemanha. Ele, Carlota e eu tivemos uma conversa estranha a respeito da situação pós-vida, sobre o partir e o voltar e assim por diante, que não foi iniciada por ele, mas por Carlota. Combinamos entre nós que o primeiro dos três que morresse teria de, assim que pudesse, dar notícias de sua vida no além aos que ficassem vivos. Goethe mostrava-se completamente abatido, pois sabia que iria partir no dia seguinte.

11 de setembro: Goethe partiu às onze horas sem se despedir... As crianças na Casa da Alemanha diziam umas às outras: "O Doutor Goethe se foi!"... Após o meio-dia eu trouxe o bilhete de Goethe a Carlota. Ela estava desolada com sua partida e lágrimas vieram-lhe aos olhos durante a leitura. Em todo caso, gostou que ele partisse, porque sabia não poder lhe dar o que ele desejava... Só falamos dele. Eu também não podia pensar em nada a não ser nele; defendi o modo como ele partiu, desaprovado por uma pessoa da roda, que não sabia nada de nada...

30 de outubro: *(Escrito em francês no diário)* Hoje aconteceu esta malfadada catástrofe envolvendo Monsieur Jerusalem. Toda a cidade lamenta sua morte.

FRAGMENTOS DE CARTAS

Carta de Kestner a seu amigo August von Hennings, meados tardios de 1772.

No começo do ano chegou por aqui um certo Goethe, de Frankfurt, jurista de profissão, 23 anos de idade, filho único de pai muito rico para – essa era a intenção de seu pai – trabalhar como advogado na cidade; segundo os seus propósitos, no entanto, dedicou-se a estudar Homero, Píndaro e assim por diante, mais tudo aquilo que seu gênio, seu modo de pensar e seu coração lhe ordenassem...

No dia 09 de junho de 1772, Goethe veio a tomar parte num baile no campo, onde também estávamos eu e minha menina. Eu tive de me atrasar e só pude cavalgar para lá mais tarde. Minha menina foi, portanto, na companhia de outras pessoas até o lugar onde viria a se realizar o baile. O Dr. Goethe foi no mesmo carro, e nele viu Carlotinha pela primeira vez... Não sabia que ela já era comprometida. Eu cheguei algumas horas mais tarde. E tu sabes bem que não faz parte de nossos hábitos expressar mais do que amizade em relação ao outro em lugares públicos. Naquele dia ele estava desbragadamente bem-humorado – em outras ocasiões, ao contrário disso, mostrava-se muito melancólico –, Carlota conquistou-o por inteiro e tanto mais por não se dar ao serviço de fazê-lo, mas apenas se deixar levar pelo prazer de sua companhia. No outro dia, depois do baile, Goethe não pôde deixar de se informar melhor a respeito da situação de Carlota e foi até ela. Antes do encontro havia conhecido a moça agradável, que amava a dança e o prazer descompromissado; agora conhecia também

seu outro lado, no qual reside sua maior força, seu lado caseiro...

Não poderia ficar desconhecendo por muito tempo que ela não lhe poderia dar mais do que amizade; e a conduta dela em relação a ele foi mais uma vez modelar. Os mesmos gostos, confirmados quando viemos a nos conhecer mais de perto, ataram-nos, a mim e a ele, na mais firme das amizades, de modo que em meu coração ele vinha logo depois de meu querido Henning... Carlota sabia conduzir a relação de modo tão perfeito, que nenhuma esperança poderia nascer dentro dele, deixando-o numa situação em que já não sabia mais o que era direito fazer e obrigando-o, ao mesmo tempo, a admirá-la por sua conduta. Seu sossego pessoal penou muito sob as circunstâncias. Ocorreram algumas cenas notáveis entre nós, as quais só fizeram aumentar meu apreço por Carlota e tornar a amizade dele mais valiosa para mim. Algumas vezes, no entanto, eu ficava impressionado como o amor consegue forjar criaturas maravilhosas, mesmo dentre as pessoas mais fortes e normalmente estáveis e preocupadas apenas consigo mesmas... Depois de alguns meses ele passou a compreender que, para o seu sossego, necessitaria fazer uso da violência. Num momento em que estava determinado a respeito, viajou sem se despedir, depois de ter tentado em vão fugir algumas vezes. Ele está em Frankfurt, e nós nos comunicamos diligentemente através de cartas. Ora vejo que adquiriu domínio sobre si, depois volto a perceber que tudo voltou a ser como antes. Há alguns dias não pôde deixar de vir para cá, junto com um amigo que tinha negócios a resolver na cidade; e talvez ainda estivesse aqui se os negócios do amigo não fossem fechados em pouco tempo, dando-lhe motivos suficientes para voltar; pois ele sempre segue sua próxima idéia, sem se preocupar com as conseqüências; e esse modo de proceder flui de seu caráter, que é bem original.

Carta de Goethe a Kestner, princípio de novembro de 1772.

O infeliz Jerusalem! A notícia foi terrível e inesperada para mim; foi horrível: como prova de amor essa notícia em anexo... O pobre rapaz! Quando eu voltava de meus passeios e o encontrava lá fora, à luz da lua, dizia para mim mesmo: ele está apaixonado... Deus sabe, a solidão acabou por enterrar seu coração e... há sete anos o conheço, mas conversei pouco com ele; quando parti levei um livro dele junto comigo, quero ficar com ele e me recordar do moço até o fim de minha vida.

Carta de Goethe a Kestner, 11 de novembro de 1772.

...Com certeza, Kestner, era tempo de eu partir. Ontem à noite me ocupei de pensamentos bem "penduráveis" e dignos de serem "pendurados"... sobre o canapé...

Carta de Kestner a Goethe, escrita em novembro de 1772, e dando notícias a respeito da morte de Karl Jerusalem.

Durante todo o tempo em que permanceu por aqui, Jerusalem esteve aborrecido, e era tanto por causa do emprego que o trouxe até aqui (junto ao Conde Bassenheim) e lhe impediu desde logo, de um modo nem um pouco agradável, o acesso à alta sociedade, quanto devido ao embaixador de Brunsvique, com o qual teve, logo após sua chegada, alguns notórios e violentos desentendimentos... [92] Ao lado dessa insatisfação, juntava-se o fato de estar apaixonado pela mulher do Secretário H. *(Secretário Herd)*, que representava o Palatinado na cidade. Eu não acredito que ela estivesse aberta a esse tipo de galanterias; ajuntando a isso o fato de que seu marido era ciumento ao extremo, esse amor tinha de acabar dando um golpe definitivo em sua paz e seu sossego... Ele se retirou de todo, abandonando a companhia humana e abriu mão das distrações e passatempos característicos dela; gostava de passeios solitários à luz da lua e andava várias milhas apoiando nestes mesmos passeios seu desgosto e seu amor sem esperança... Alguns dias antes do dia fatal conversávamos a respeito do suicídio e ele disse a Schleunitz que deveria ser um troço estranho o ato de falhar no tiro... Naquela tarde (quarta-feira) Jerusalém esteve sozinho na casa de H. E o que se passou ali ninguém sabe; talvez esteja ali a razão do que veio a suceder... Quinta-feira... ele almoçou em casa e, à uma hora, mandou-me um bilhete... Eu cheguei em casa depois disso e seriam por volta de quatro horas menos um quarto quando eu recebi o bilhete: "Poderia eu ter a honra de pedir obedientemente vossas pistolas à Vossa Excelência para uma viagem que conto fazer? J."... Como eu não sabia de nada daquilo que contei há pouco, nem de seus princípios a respeito do malfadado assunto, por não ter tido com ele nenhumas relações especiais... não tive a menor dúvida em lhe mandar as pistolas de imediato... Durante a tarde inteira Jerusalem esteve ocupado de seus assuntos, revirou seus papéis, escreveu e, por várias vezes, segundo ouviram as pessoas, caminhou precipitadamente em seu quarto, de um lado para outro. Saiu de

casa um punhado de vezes e pagou suas pequenas contas... Por volta das sete horas veio seu professor de língua italiana... Antes das nove chegou em casa e disse ao criado que teria de ser colocada mais lenha ao fogo porque ele não iria tão cedo à cama, e que o mesmo deveria deixar tudo preparado para o dia seguinte bem cedo, as seis da manhã; pediu também que lhe trouxessem um quartilho de vinho... E quando enfim Jerusalem passou a estar só, parece ter arranjado tudo para levar a cabo sua terrível decisão... Escreveu duas cartas, uma a seus parentes, outra a H. ... Depois destes preparativos, por volta da uma da madrugada, atravessou a cabeça, sobre o olho direito, com um tiro. A bala não foi achada em lugar nenhum. Ninguém na casa ouviu o estampido, a não ser o franciscano Peter Guardian, que também vira o clarão da pólvora, mas, posto tudo ficara em silêncio depois disso, não dera atenção ao fato. O criado havia dormido pouco à noite, mas seu quarto ficava bem longe, nos fundos da casa, assim como o das outras pessoas da casa, que também dormiam distantes, na parte traseira da moradia... Tudo parece ter acontecido com ele sentado à cadeira, em frente à escrivaninha... A cadeira estava suja de sangue no encosto, assim como nos apoios dos braços... Depois disso ele escorregou da cadeira, pois no chão também havia muito sangue... Estava completamente vestido, de botas, casaca azul e colete amarelo. Pela manhã, às seis horas, o criado foi ao quarto de seu senhor para despertá-lo. A luz havia se extinguido, estava escuro, e ele viu Jerusalém deitado ao chão... Chamou: "Meu Deus, Senhor Assessor, o que é que vós fizestes?" Sacudiu-o, ele não deu nenhuma resposta e apenas estertorava. Ele correu em busca de médicos e curandeiros... Dr. Held, o médico, me contou que ao chegar até ele, ainda o encontrou deitado sobre o chão; o pulso ainda batia, mas não havia mais nada a fazer... Para fazer alguma coisa, abriu-lhe uma veia do braço... O rumor do acontecimento se espalhou rápido; a cidade inteira estava assustada e em tumulto. Ouvi a respeito apenas às nove horas, e logo lembrei-me de minhas pistolas e, não sei por que, me assustei muito com o fato. Me vesti e fui até lá. Ele estava deitado sobre a cama, a testa coberta, o rosto semelhante ao de um morto... Do vinho, bebera apenas um copo. Aqui e ali encontravam-se alguns livros e trechos escritos por sua própria mão. *Emília Galotti* jazia aberta sobre a secretária, junto à janela; ao lado dela um manuscrito, de mais ou menos um dedo de grossura, conteúdo científico, e a primeira parte ou carta era intitulada: "Da liberdade"... Faleceu por volta das doze. À noite, às dez e quinze, foi sepultado no cemitério comum... em silêncio, acompanhado por doze lanternas e algumas pessoas; um grupo de trabalhadores o carregou; a cruz foi carregada a sua frente; nenhum sacerdote o acompanhou... É extraordinária a impressão que este acontecimento causou sobre o ânimo de todas as pessoas...

Carta de Goethe a Kestner, 28 de novembro de 1772.

Eu vos agradeço, caro Kestner, pela notícia da morte do pobre Jerusalem, ela nos interessou profundamente. Vós havereis de tê-la de volta, assim que estiver reescrita... Ontem me ocorreu escrever a Carlota. Todavia pensei que todas suas respostas se restringem a: nós queremos que tudo fique bem. E não estou pensando em dar-me um tiro no momento...

Carta de Goethe a Carlota Kestner, março de 1774.

...Talvez estejas, depois deste tempo todo... mais perto de mim do que nunca. Haverei de imprimir-te tudo o mais cedo possível... E tudo ficará bem, caríssima. Pois não haveria eu de estar bem, no momento em que penso em vós?

Carta de Goethe a Carlota Kestner, 16 de junho de 1774.

Adeus, querida Carlota, mando-vos um amigo o mais cedo possível. Ele tem muitas semelhanças comigo e espero que o recebais bem... ele se chama Werther...

Carta de Kestner a Goethe, fim de setembro ou início de outubro de 1774.

Vosso *Werther* haveria de me dar muito prazer, pelo fato de me fazer recordar de tantas cenas e acontecimentos interessantes. Mas assim como ele se apresenta, foi bem pouco edificante para mim em certos aspectos. Vós sabeis, eu gosto de falar exatamente aquilo que sinto... Vós teceste em cada pessoa alguma coisa estranha, ou fundistes várias pessoas em uma só... Mas se vós, no ato de tecer e fundir, tivésseis deixado vosso coração dizer o que pensava, as pessoas reais, as quais vossos rasgos plagiam, não pareceriam assim tão prostituídas...

Carta de Goethe ao casal Kestner, outubro de 1774.

Tenho de escrever-vos imediatamente, meus queridos, meus zangados, que tudo isso vem do meu coração. Está feito, está dado... Perdoai-me, se pudéreis... Não quero nada... eu vos peço... não

quero ouvir nada de vós, até que ao final fique enfim confirmado que vossas preocupações eram demasiado altas e distendidas, até que vós mesmos sejais capazes de sentir em vosso coração a inocente mistura de verdade e mentira que há no livro...

Carta de Kestner a seu amigo August von Hennings, 07 de novembro de 1774.

Na primeira parte do *Werther*, Werther é Goethe mesmo. A Carlota e Alberto, emprestou alguns rasgos nossos, meus e de minha mulher. Muitas das cenas são totalmente verdadeiras, mas, em todo caso, um pouco alteradas; outras são, pelo menos em nossa história, estranhas. Para encaminhar melhor a segunda parte e preparar a morte de Werther de maneira antecipada, ele acrescentou à primeira vários trechos, inclusive poéticos, que não dizem nada a nosso respeito. Carlota, por exemplo, jamais esteve, nem com Goethe nem com mais ninguém, numa relação mais ou menos estabelecida e exata como a que aparece descrita no livro. E isso nos deixa bem insatisfeitos com ele, na medida em que várias circunstâncias paralelas são por demais verdadeiras e conhecidas, de modo que não deveria fazer com que acabem desconfiando da gente... No mais, há em Werther muito do caráter e do modo de pensar de Goethe. O retrato físico de Carlota é, em sua totalidade, o de minha mulher. Já Alberto deveria ser um pouco mais caloroso. E isso é tudo acerca da primeira parte. Com a segunda não temos absolutamente nada a ver. Ali Werther é o jovem Jerusalem, Alberto o Secretário do Palatinado, e Carlota a esposa do último, no que diz respeito à história; mas o caráter destas três pessoas me parece ser, em sua maior parte, criado poeticamente... Não cheguei a conhecer Jerusalem de perto, e minha mulher o conheceu menos ainda; até porque ele se afastava das pessoas na maior parte do tempo... Só esteve em minha casa duas vezes... De fato escreveu-me o bilhete que o autor menciona e por gentileza lhe mandei as pistolas, sem refletir; elas não estavam carregadas, jamais havia dado um tiro com elas... Essa história jerusalemiana, que eu tentei investigar da melhor maneira possível, porque me parecia sumamente notável, escrevi-a com todos seus detalhes e mandei-a a Goethe, em Frankfurt; ele fez uso dela na segunda parte de seu *Werther* e acrescentou algumas coisas que lhe pareciam bem... Goethe com certeza não pensou estar fazendo mal, pois nos tinha, tanto a mim quanto a minha mulher, em alta conta. Suas cartas e seus outros procedimentos provam-no com clareza. E ele se prejudica tanto mais, na medida em que se descreve no Werther em parte. Ademais, a história não pode nos prejudicar junto àqueles que não nos conhecem, ou nos conhecem apenas medianamente. As aparências são demasiado visíveis para que nos causem mal, pois é sabido por todos que nos entendemos muito bem.

Comentário Final

Os filhos de Werther

A força de *Werther* na Literatura Universal é conhecida e sabida. É raro o escritor, no mundo inteiro, que se aventura ao romance sem passar, de um jeito ou de outro, pelo *Werther* de Goethe.

Na Alemanha – e aí estamos falando de influência direta e visível – o livro foi amado e odiado, louvado e escarnecido. Mas jamais houve alguém que passasse de lado por ele, desconhecendo sua importância.

Menos de um ano depois da publicação de *Werther*, e apesar de todo seu sucesso ou por causa dele, Friedrich Nicolai (1733-1811), escritor berlinense, conhecido pelo sarcasmo e por um humor típico de Berlim, cheio de graça e espírito, incisivo, belicoso, pleno de sátira e crítica, fez imprimir *As Alegrias do Jovem Werther*, uma paródia satírica do *Werther* de Goethe. No final do livro de Nicolai, Alberto manda as pistolas que Werther lhe pedira, mas as carrega com bexigas cheias do sangue de um frango que ele e Carlota comeriam no jantar. Pensando ter se arrebentado o crânio, Werther jaz na cama agonizante. Alberto visita-o e conta-lhe a verdade, brincando com a estupidez do romântico. Werther dá-se conta de que não está ferido, exulta e ainda recebe caminho aberto para se casar com a Carlota amada logo depois e, após dez meses de plenitude meio sarcástica, receber dela o primeiro filho.

Heinrich von Kleist (1777-1811), escritor de calibre e à frente de seu tempo, também brincou com *Werther.* Escreveu o conto "O novo (mais afortunado) Werther". No conto, Charles C., empregado na casa de um velho comerciante, apaixona-se por sua jovem esposa. Quando tenta o suicídio, o tiro atravessa-lhe o pulmão, sem ser fatal, e vai acertar – fatalmente – o rival, que estava no quarto ao lado. Cinco dias depois, o jovem vai ao quarto da mulher, e se atira, ainda à beira da morte, em seus braços. O narrador interrompe, com a ironia característica do conto de Kleist – que sói terminar numa machadada –, para dizer que um ano depois estão casados e, em 1801, segundo alguém contou, já têm 13 filhos.

Recentemente, em 1973, Ulrich Plenzdorf escreveu *Os novos sofrimentos do jovem Werther*, atualizando, na Alemanha socialista, o romance de Goethe. O livro já é um clássico da literatura alemã. Edgar, o novo Werther, um *outsider*, trabalhador eventual da construção, que vive a citar – sem ser entendido – o *Werther* de Goethe, conta a história, depois de já estar "do outro lado", numa montagem complicada (não tanto para quem já teve, e muito antes, umas *Memórias póstumas...*) que vê o passado a partir do presente do narrador já morto. Esse mesmo passado – não narrado cronologicamente – é visto como o presente dos fatos. Carlota é "Charlie", professora num jardim de infância. Distante da inocência quase submissa da antiga Carlota, ela é a noiva de Dieter (ex-Alberto), que está no serviço militar. Edgar morre quando, depois da cena do abraço com Charlie – similar à do antigo Werther; a diferença reside no fato de que a mulher aqui é muito mais "ativa" –, vai testar seu invento, um aparelho de pintura, feito para contentar o seu chefe de obras. Descuidado, na pressa de querer fugir de Berlim e do amor de Charlie, deixa alta demais a corrente da voltagem. O lapso é fatal. Edgar sabia do perigo, mas não tomou as precauções necessárias. Ademais, "a coisa até que se passou ligeira" e ele nem notou muito o que lhe estava acontecendo. Assim, Plenzdorf recria o *Werther*, pleno de realismo, num retrato fiel da vida na Alemanha socialista, que parece não permitir mais a paródia nem o *taedium vitae* do antigo Werther, seu genuíno impulso ao abismo e sua melancolia.

Mas isso é de influência direta! De indiretas o mundo – e o Brasil inclusive – está cheio. Não são poucos os personagens da Literatura Universal que, de um jeito ou de outro – renegando a paternidade ou admitindo-a –, são filhos de Werther. Werther é, sem nenhuma dúvida, linha divisória no caminho do romance ocidental.

Notas

[1]* Friedrich Gottlieb **Klopstock** (1724-1803) era o grande nome da poesia alemã da época, principalmente a partir de 1748, ano em que publicou o *Messias*, sua obra-prima. Klopstock é autor de vários hinos à Natureza e de poemas à amizade e ao amor; professava a união místico-sensitiva entre a percepção da Natureza e a experiência poética e pessoal do artista. Gotthold Ephraim **Lessing** (1729-1781) era dramaturgo, poeta, crítico literário e foi dos maiores educadores da pátria alemã. Em termos abrangentes, Lessing foi o primeiro grande nome da Literatura Alemã. *Emília Galotti*, sua primorosa tragédia, era a única obra alemã a alcançar grandeza trágica à época de Werther.

[2]. Espécie de antecipação do problema central do livro. A menção desse amor, e de uma personagem – Leonor – que não volta a aparecer no decorrer do livro, não é gratuita. (N.T.)

[3]. Primeira oposição factual entre ciência e coração. A dualidade é trabalhada e estendida no decorrer da narrativa e reflete todos os dilemas e teses do "Sturm und Drang", o movimento romântico alemão ao qual o *Werther* e toda a obra do jovem Goethe se filiam. (N.T.)

[4]. Deste ponto ao fim da carta, Goethe mostra o quanto seu romance se distancia da prosa simples e normal. Aqui fica evidente o tom poético, numa ode à natureza. Até então e costumeiramente, as odes apareciam em verso e era praticadas à exaustão pelos membros do "Sturm und Drang", para os quais a mesma natureza era uma fonte inesgotável de beleza e poesia. Ademais, é visível o fato de que Werther se torna sempre mais poético nos momentos em que o personagem aspira diretamente ao infinito, inclinando-se a ele de maneira solene e religiosa. (N.T.)

[5]. A incapacidade de expressar o vigor de um sentimento e a volúpia da natureza em letra é motivo constante no romance e aparecerá uma dezena de vezes até o final. A tese é típica do Romantismo que achava o papel e a expressão escrita insuficientes para expressar a força da mesma natureza e dos sentimentos. (N.T.)

[6]. Ninfa da tradição popular alemã, fixada em livro já à época de Goethe. (N.T.)

[7]. Talvez a frase mais característica do jeito "wertheriano" de ser. Assim também a afirmação muitas vezes repetida de que venera seu coração e de que só toma decisões seguindo a sua vontade. Werther, o sentimental por excelência, não poderia agir de modo diferente e já a partir da segunda frase do romance deixa claro que o coração será um dos temas centrais da narrativa. (N.T.)

[8]. Era comum na tradição literária alemã a figura do "condutor espiritual", sempre uma pessoa de mais idade. É o que acontece com o Hyperon, de Hölderlin, e o velho Adamas, por exemplo. E Werther também o tinha, só que era mulher, e a relação entre o personagem e a falecida reflete a relação entre Goethe e Susanne von Klettenberg, a quem o escritor também confiava todos seus segredos e a quem admitia como orientadora espiritual de sua juventude. A morte da amiga volta a ser referida perto do final do romance, em carta a Carlota. (N.T.)

[9]. Charles Batteux (1713-1780), autor do *Cours de belles lettres ou Principes de la littérature* (1747-1750). Robert Wood (1716-1771), arqueólogo escocês, autor de *An essay on the original genius and writing of Homer*, Londres, 1768. Roger de Piles (1635-1709), escritor e pintor, autor de vários estudos sobre teoria da pintura. Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), autor de *Pensamentos sobre a imitação das obras gregas*, 1755, e *História da Antigüidade*, 1764. A Teoria de Sulzer refere-se a Johann Georg Sulzer (1720-1779) e sua *Teoria Geral das Belas Artes*, cuja primeira parte acabara de aparecer, à época narrativa em que Werther escrevia. Christian Gottlob Heyne (1729-1812), filólogo clássico e conhecido intérprete da civilização grega. (N.T.)

[10]. Os bailios – posto oficial de comando – só existiam em cidades muito pequenas. Note-se que a Alemanha, atrasada econômica e politicamente, era dividida em centenas de principados à época. (N.T.)

[11]. Objetiva, no sentido de não contar experiências íntimas e subjetivas. (N.T.)

[12]. Outro tema central no romance. Werther é uma vítima inconformada da limitação humana, que aspira ao infinito e sempre volta a bater em suas próprias fronteiras. O tema vem a ser debatido exaustivamente na carta de 21 de junho de 1774. (N.T.)

[13]. Palavra querida aos sentimentais do romantismo alemão e motivo central da vida idílica e natural que pleiteavam. (N.T.)

[14]. O leitor não haverá de se dar ao trabalho de procurar os lugares aqui mencionados. Por necessidade, fomos obrigados a trocar os nomes que constavam no original.

[15]. Ele foi, e agora está de volta, para continuar a mesma carta, do mesmo dia. (N.T.)

[16]. A bondade de Werther, que distribui dinheiro às crianças – conforme já se viu – e aos pobres – conforme se verá mais tarde –; a bondade da mulher de há pouco, distribuindo o pão entre seus filhos; assim como a imagem de Carlota cercada por seus irmãos, distribuindo o pão entre eles, e sua atividade em favor dos doentes, são *topoi* da iconografia sentimental, largamente usados inclusive na literatura inglesa, francesa e alemã anterior a Goethe. (N.T.)

[17]. Aqui somos obrigados a suprimir a passagem da carta para não dar a ninguém a oportunidade de externar queixas. Muito embora nenhum escritor vá dar atenção à opinião de uma única mocinha e à de um rapaz jovem, de espírito tão inconstante.
[18]. Romance da moda à época. Escrito por Marie-Jeanne Riccoboni, levava o título de *Histoire de Miss Jenny Glanville* e era muito apreciado pelas moças. (N.T.)
[19]. Suprimiram-se os nomes de alguns autores pátrios. Quem quiser tomar parte no aplauso de Carlota certamente sentirá em seu próprio coração os nomes que aqui não aparecem registrados. Quanto aos outros, certamente não tem precisão deles.
[20]. Referência a Oliver Goldsmith, escritor inglês, autor de *The Vicar of Wakefield* (1766). A obra fez sucesso na Alemanha e Goethe a conheceu enquanto estudava em Strassburg. O *Werther* assemelha-se a ela na medida em que também naquele romance um motivo candente e um problema atual são transplantados à situação de uma cidadela e da natureza que a rodeia e lhe dá um caráter idílico e protetor. O romance também é citado na obra autobiográfica de Goethe, *Poesia e Verdade*. (N.T.)
[21]. Essa dança – ao contrário da inglesa, que é dançada em grupo, sendo que ao primeiro par se une um segundo e depois um terceiro e inclusive um quarto, ao se formar o chamado "grande oito", referido a seguir –, é executada em pares isolados e passos de valsa. O minueto francês, referido anteriormente, também é dançado isoladamente por um único par. Nesta cena, assim como no famoso baile do *Don Juan* de Mozart, os três modos de dançar são reunidos. (N.T.)
[22]. Parceiro de dança. Palavra usada por Kestner em seu diário, referindo-se a um baile real que deve ter tido todas as caraterísticas do ficcional. (Vide Prefácio e Adendo, ao final). (N.T.)
[23]. Ver nota 17. (N.T.)
[24]. A dança, e a confusão de agora, aparece referida como resumo do mundo e – inclusive – do amor de Werther por Carlota. E os momentos simbólicos – que por vezes surgem em histórias paralelas – são constantes. (N.T.)
[25]. Interessante e preciso como teoria do pavor coletivo, do movimento das massas. (N.T.)
[26]. Refere-se à ode "A festa da primavera", de Klopstock. O poeta alemão era o grande nome da poesia da época, desde 1748, ano do lançamento do *Messias*, sua obra-prima. Klopstock é autor de vários hinos à Natureza e de poemas à amizade e ao amor; professava a união místico-sensitiva entre a percepção da Natureza e a experiência poética e pessoal do artista. O momento em que Carlota suspira seu nome, afirma a íntima união entre Werther e ela. A fantasia do personagem os via como uma nata de "eleitos", da qual Alberto estava obrigatoriamente apartado, uma vez que não é referida nenhuma afinidade do noivo com a literatura até o fim do romance. O mesmo já acontecera anteriormente no episódio do romance de Goldsmith e virá a acontecer no episódio cabal da leitura de Ossian. (N.T.)
[27]. Comparar com Homero, *Odisséia*, Canto 20, V. (N.T.)
[28]. Palavras de Jesus Cristo. Ver Mateus, Cap. 18, Vers. 02. (N.T.)
[29]. Temos um excelente sermão de Lavater sobre o assunto entre os sermões sobre o Livro de Jonas. (O autor – "editor" – fala, na nota, do sermão "Meios contra a insatisfação e o mau humor", que consta na segunda parte dos *Sermões sobre o Livro de Jonas* [Predigten über das Buch Jonas, Zurique, 1773]. Goethe valorizava os escritos de Lavater à época e chegou a mandar a ele o manuscrito de seu romance). (N.T.)
[30]. Primeira referência às "Canções de Ossian", que pouco a pouco vão ganhar importância no romance. Ossian foi um herói irlandês do século III d. C. Por volta de 1760, James Macpherson, poeta escocês, publicou fragmentos e um poema épico intitulado *Fíngal*, atribuindo-os a Ossian. Assim como Homero, Ossian é um velho cantor cego. Ele volta o olhar para os tempos de sua juventude e conta as aventuras de Fíngal, seu pai, e a morte prematura de seu filho, Oscar, mais a história dos heróis que com eles viviam. Parte dessas histórias é contada no momento em que o romance se aproxima de seu final, na segunda parte. (N.T.)
[31]. Refere-se à bilha inesgotável do profeta Elias, mencionada no Livro dos Reis, Cap. 17, Vers. 14-16. (N.T.)
[32]. Tanto na Antigüidade, quanto na Idade Média e no Barroco, acreditava-se que a música tinha influência direta sobre o ânimo (no sentido de alma) de pessoas e animais, unindo-os ao cosmos. A passagem tem relação direta com as lendas gregas de Orfeu e Anfion, assim como com aquilo que está dito no Livro de Samuel, Cap. 16, Vers. 14-23. (N.T.)
[33]. Refere-se a um aparelho projetor que expõe figuras e escritos na parede. A versão tosca daquilo que hoje conhecemos por retroprojetor. (N.T.)
[34]. A pedra de Bolonha existiu de fato. Desde os primeiros anos do século XVII se dá o nome de pedra de Bolonha ao espato pesado ou baritina, o mais importante dos derivados do Bário. A baritina foi elaborada pelo sapateiro bolonhês Vicente Casciorolus que, ao calcinar uma mescla pulverulenta do mineral, mais carvão e verniz, obteve uma massa fosforescente logo depois chamada de *lapis salarius*. Anos mais tarde, o nome foi trocado para pedra luminosa de Bolonha. Goethe refere a mesma pedra nas *Viagens italianas*, na Carta de 20 de outubro de 1786. (N.T.)
[35]. Relato semelhante é contado em uma das fábulas das 1001 Noites. (N.T.)
[36]. Referência a Mateus, Cap. 18, Vers. 8. (N.T.)
[37]. Pequenas pistolas de bolso. (N.T.)
[38]. Referência a Lucas, Cap. 10, Vers. 31, e Cap. 18, Vers. 11, respectivamente. (N.T.)

[39]. No original “Krankheit zum Tode”, algo como “doença à morte”. A expressão provém de São João, Cap. 11, Vers. 4, na tradução bíblica de Lutero, que Goethe conhecia e admirava. Mais tarde Kierkegaard viria a utilizar a expressão para dar título a uma de suas obras. (N.T.)
[40]. Referência à fábula “La chatte blanche” (A gata branca), que consta nos *Contes de Fées*, de Marie Cathérine d’Aulnoy. Quando refere o fato de contar a história de uma só vez e outros detalhes, Goethe está falando também da sua própria maneira de escrever o *Werther*. O mandado de não fazer mudanças em edições posteriores, no entanto, ele mesmo não respeitou. (N.T.)
[41]. Essa espécie de delírio seria reelaborada por Goethe no périplo de Fausto pelo Universo. Tanto a passagem do *Werther* quanto a do *Fausto* mostram que Machado de Assis, no delírio do hipopótamo, conhecia muito bem a obra do clássico alemão. (N.T.)
[42]. Motivo constante na obra de Goethe e ligado à dialética do amor, onde o “eu” se dá e se perde, e só volta a se recuperar na correspondência do outro. Werther, que não logra se dar e se perder em nada nem ninguém – a arte o abandonou, o trabalho ele detesta e a mulher que ele ama não o quer – se perde para si mesmo. (N.T.)
[43]. Assim em Fedro, Estesícoro, Horácio (*Epistulae* I, 10) e La Fontaine (*Fables* IV, 13). (N.T.)
[44]. As coincidências entre realidade e ficção são tantas que dia 28 de agosto é o dia do aniversário tanto de Goethe quanto de Kestner, o marido verdadeiro de Carlota, pela qual o escritor estava apaixonado. Ver Prefácio e Adendo, ao final. (N.T.)
[45]. Esse laço é referido por várias vezes no decorrer do livro, a começar pelo “Esboço” do início e terá importância capital no episódio que encerra o romance. (N.T.)
[46]. Pequeno formato de bolso, com provas de 12 folhas, ou seja, 24 páginas dobradas. (N.T.)
[47]. Refere-se a uma edição bilíngüe, greco-latina, em dois volumes, de Homero, elaborada pela oficina de J. H. Wetstein, em Amsterdã (que tinha larga tradição no campo da impressão), no ano de 1707. A outra edição a que se refere é a de J. A. Ernesti, em cinco volumes e formato grande, publicada em Leipzig entre os anos de 1759 e 1764. (N.T.)
[48]. Mateus, Cap. 3, Vers. 4. (N.T.)
[49]. Num desvio narrativo, vemos Werther se entregar pela primeira vez à vida ativa, e nela se frustrar, comprovando que a atividade física do trabalho não era adequada a sua natureza e incapaz de dar sentido a sua vida. (N.T.)
[50]. Note-se que a ordem inversa, assim como a exacerbação dos sentimentos, era conscientemente empregada e até recomendada pelos participantes do movimento romântico alemão “Sturm und Drang” (Tempestade e Ímpeto) em oposição à ordem do Racionalismo. (N.T.)
[51]. 46. Fala do embaixador, naturalmente. (N.T.)
[52]. Perceba-se que a palavra “burguesas” d’anteriormente tem muito mais o significado de “societárias”. Não há qualquer fulgor revolucionário no termo, o que é provado logo a seguir na afirmação subjetiva, e carregada de egoísmo, de Werther, ademais coerente com sua personalidade. (N.T.)
[53]. Frase repleta de trocadilhos. Idade de bronze e de ferro são referidas como conceitos de tratamento normal entre Werther e Guilherme, conhecedores da divisão estipulada por Ovídio nas épocas da humanidade. As quatro idades do mundo, das quais a idade do ferro e do bronze fazem parte, são aqui transpostas às idades da vida humana. A idade de bronze da mulher seriam os primeiros quarenta ou cinqüenta anos, a de ferro, a última parte – o último quarto – de sua vida. (N.T.)
[54]. Plenitude do coração. Topos da poesia do “Sturm und Drang” e sentimento característico de Werther. Friedrich Leopold Stolberg, influenciado por Goethe escreveria, em 1777, a coletânea de ditirambos prosados intitulada *Da plenitude do coração* (Von der Fülle des Herzens), obra que pouco mais tarde influenciaria decisivamente a Hölderlin. (N.T.)
[55]. Caixote tradicional em feiras alemãs da época. O visor era dotado de lentes de aumento, enquanto dentro da caixa se movimentavam figuras das mais variadas. (N.T.)
[56]. * Por respeito a este homem corretíssimo, nos furtamos a publicar nessa coletânea, esta e outra carta, que será mencionada mais tarde, por não acreditarmos que semelhante ousadia seja compensada inclusive pelo mais caloroso agradecimento público.
[57]. O uso da segunda pessoa do plural nesse caso, pode ter sentido irônico. Refletiria um distanciamento em relação a Guilherme, uma vez que Werther logo torna – depois de usar a mediação sem dúvida irônica de meu senhor – a dirigir-se ao amigo pelo tratamento convencional, isto é, a segunda pessoa do singular. O “vós” pode ainda ter sentido genérico, atendendo a mesma invocação que dizia, “vós, os pacatos” ou “vós, os sensatos”. Uma terceira possibilidade é a referência direta a Guilherme e à mãe, uma vez que ambos o queriam no emprego. Essa mudança de tratamento repete-se em carta que vem logo a seguir. (N.T.)
[58]. Francisco I foi coroado Imperador na ano de 1745, portanto 30 anos antes do tempo em que se passa a narração. (N.T.)
[59]. Refere-se ao Canto XIV da *Odisséia*. (N.T.)
[60]. Eis, pois, a outra carta, referida na nota anterior do “editor”. (N.T.)
[61]. De maneira extremamente bem elaborada formalmente, o leitor passa a conhecer algo da juventude de

Werther, antes de os acontecimentos se precipitarem de maneira definitiva. (N.T.)
[62]. Ver *Odisséia*, Cantos X e XV. (N.T.)
[63]. Assim no original. Dilacerado – ou eventualmente apenas jogando – entre a realidade e a ficção, Goethe, através do "editor", não cita nomes e deixa de referenciar, no mais mínimo detalhe, a narrativa. Ele não dá os nomes verdadeiros aos lugares e/ou pessoas, mas também não lhes inventa um nome novo. (N.T.)
[64]. Outro testemunho da aversão que o próprio Goethe sentia – presente também em várias de suas poesias escritas à época – pela classificação sumária na arte e pela tentativa de domá-la através de conceitos científicos. (N.T.)
[65]. A vestimenta típica de Werther, a mesma em que Karl Jerusalem foi encontrado morto. O traje (casaca azul, colete amarelo) passou a ser muito imitado por jovens românticos e sentimentais à época em que o livro foi lançado. (N.T.)
[66]. Goethe baseia a descrição, cheia de sátira, furor e vírgulas, na figura da pietista Johanna Dorothea Griesbach (1726-1775), conforme depoimento do autor no livro de memórias *Poesia e verdade*. (N.T.)
[67]. O mesmo faziam os teólogos esclarecidos Bahrdt, Basedow e Eberhardt, entre outros, que tonificavam o conteúdo humano dos anúncios de fé divinos através da crítica histórica. (N.T.)
[68]. Benjamin Kennicot (1718-1783), inglês, teólogo e estudioso do hebraísmo, decisivo na interpretação crítica do Antigo Testamento. Johann David Michaelis (1717-1791), orientalista, e o teólogo Johann Salomo Semler (1725-1791) foram os que conduziram e levaram adiante o modo histórico-crítico de considerar os escritos bíblicos. Note-se que Goethe, à época, mostra preferir, através de Werther, o cristianismo sentimental e aistórico de Lavater. Mais tarde ele se apartaria das opiniões de Lavater tomando parte na corrente crítica e histórica de análise da Bíblia (N.T.)
[69]. O fato é nítido. Se na primeira parte Homero ocupava o coração do personagem, como símbolo da simplicidade, do patriarcalismo, da sobriedade, do classicismo, do sol dos gregos, na segunda parte Ossian é quem passa a dominar, com o caráter sombrio de seu ímpeto, sua subjetividade, seu ardor, sua audácia e sua sede de vida. (N.T.)
[70]. Vários dos motivos das Canções de Ossian aparecem neste trecho e voltarão a ser mencionados – e estendidos – mais tarde. (N.T.)
[71]. Talvez a obra – e personagem – mais conhecida de Ossian-Macpherson. Fíngal era o pai de Ossian. (N.T.)
[72]. Paráfrase da Primeira Epístola aos Coríntios, Cap. 15, Vers. 28 e Cap. 12, Vers. 6, assim como de Efésios, Cap. 1, Vers. 23. (N.T.)
[73]. Comparar com Deuteronômio, Cap. 28, Vers. 23. (N.T.)
[74]. Referência a João, Cap. 6, Vers.37, 44 e 65. O discurso bíblico, que se faz notar vez em vez desde o início da narração, acentua-se fragorosamente nesta carta, restrita toda ela a meditações bíblicas mais uma pitada de Shakespeare. Mesmo que Werther refute a lei cristã, principalmente no que tange ao suicídio, vive de maneira religiosa e conhece a Bíblia pela educação que teve. (N.T.)
[75]. Mateus, Cap. 26, Vers. 39. (N.T.)
[76]. Shakespeare, *Hamlet*, III, 1. (N.T.)
[77]. Mateus, Cap. 27, Vers. 46. (N.T.)
[78]. Salmos, Cap. 104. Vers. 2. (N.T.)
[79]. Refere-se aos Países Baixos Unidos que, à época, eram considerados especialmente ricos. (N.T.)
[80]. Referência à Parábola do Filho Pródigo, Lucas, Cap. 15, Vers. 11-24. A invocação ao pai chega a ser meio dúbia – tanta a proximidade que reflete – e lembrar o pai carnal de Werther, que morreu quando ele ainda era uma criança – e não sofria. (N.T.)
[81]. Melodia já referida anteriormente. Interessante o fato de como a relação entre amor e música (de exemplo, o bordão "a nossa música") acabou se difundindo até alcançar extratos menos nobres da cultura e países totalmente distantes. Vide a música romântica brasileira, de consumo de massas. O mesmo aconteceu, por exemplo, com a noção de cabaninha idílica, referida anteriormente e aproveitada no Brasil pela música sertaneja. (N.T.)
[82]. Era uso na Alemanha da época – e em alguns lugares ainda se mantém viva a tradição – meter, na véspera de Natal, uma árvore cheia de velinhas e guloseimas num armário fechado, que era aberto no momento em que menos se esperava, para dar às crianças o prazer da surpresa. (N.T.)
[83]. Atitude típica na época. Esses mesmos sacos era costurados, inclusive, para alcançar maior proteção às roupas. (N.T.)
[84]. Durante o período em que esteve a estudar em Strassburg, no ano de 1771, Goethe traduziu algumas das canções de Ossian, que veio a retrabalhar quando escrevia o *Werther*, ajustando ritmo e poesia. A parte que vem a seguir é, basicamente, a que corresponde à *Canção de Selma*. Quem fala na primeira pessoa é, sempre, Ossian, que distribui a palavra aos outros heróis. Assim, Minona anuncia a canção de Colma, depois Ullin adentra a história anunciando as canções de Ryno e Alpin. (N.T.)
[85]. A história de Ossian invoca a própria história de Werther e Carlota. Que são os dois senão uma jovem desesperada, lutando em meio a dois homens prestes a se destroçarem? Ou mesmo um homem se afogando no mar de sua própria paixão? As canções de Ossian são, para Werther e Carlota, um espelho de sua própria

tragédia, assim como vários dos acontecimentos paralelos do romance, todos eles simbólicos. (N.T.)
[86]. Aqui, tradução *ipsis literis* do *Berrathon*, de Ossian-Macpherson. Importante por trazer à tona o motivo da morte, ou seja, o poeta canta – e antecipa – sua própria morte. O mundo de Ossian é um mundo em que resta ao homem, inocente em sua culpa, a glória de morrer com honra e depois ser cantado pelos bardos, por ter vivido de maneira grandiosa e intensa. (N.T.)
[87]. Referência ao Evangelho de São João, Cap. 14, Vers. 28. (N.T.)
[88]. Comparar com Lucas, Cap. 10, Vers. 30-36. (N.T.)
[89]. Um exemplar da primorosa tragédia de Lessing, a única obra da literatura alemã a alcançar grandeza trágica à época de Werther. O fato de ela se encontrar aberta quer demonstrar que, em alguns casos (é o que a peça de Lessing exprime), a morte é necessária. Ademais, Werther mostra, ao citar a obra clássica, sóbria e clara de Lessing (em oposição ao calor impetuoso de Ossian), que sua morte é um ato pensado de virtude. A obra também foi encontrada, segundo notícia de Kestner (ver Adendo, a seguir), sobre a escrivaninha de Karl Jerusalem. (N.T.)
[90]. Através deste "Esboço", o único que ficou guardado à posteridade dos dois que Goethe escreveu, o leitor poderá constatar que: Goethe não trabalhou em seu romance sem fazer correções ao manuscrito inicial (veja-se as cores do laço de Carlota, por exemplo, que, de encarnadas tornam-se vermelho-pálidas) e, ao mesmo tempo, não começou seu trabalho sem ter um plano bem definido para o romance que, ademais, está fortemente abalizado em fatos reais. (Ver Prefácio.) (N.T.)
[91]. Estes versos foram encontrados, sem título, nas folhas preliminares à segunda edição do *Werther*, publicada em Leipzig no ano de 1775. Parecem referir-se diretamente a grande quantidade de suicídios cometidos por jovens sentimentais após a leitura do romance. A primeira estrofe servia de epígrafe à primeira parte, a segunda estrofe, à segunda parte. (N.T.)
[92]. Por esses detalhes, e pelo restante da carta, o leitor terá uma idéia nítida do quanto há de Jerusalem na construção de Werther. No mais, resulta irônico o fato de Goethe ter aproveitado tanto daquilo que o esposo de sua amada lhe escreveu e, de um jeito ou de outro e por tabela, versava sobre o seu próprio (quase) destino. (N.T.)

Cronologia biobibliográfica resumida

de J. W. Goethe

1749 – A 28 de agosto nasce Johann Wolfgang Goethe em Frankfurt sobre o Meno, filho do jurista e advogado Johann Caspar Goethe e de Catharina Elisabeth, nascida Textor.

1765 – Goethe muda-se para Leipzig onde passa a estudar Direito, freqüentando seminários na área da filosofia, da filologia e da medicina. Estuda desenho com Adam Friedrich Oeser.

1766 – Conhece Anna Catharina Schönkopf (a Käthchen, dos versos), sua primeira amada.

1768 – Fim do relacionamento com Catharina Schönkopf. Meses depois Goethe entra em crise, tem uma queda de pressão repentina e passa a sofrer de problemas nos pulmões. Em setembro volta a Frankfurt e conhece Susanna von Kletenberg, que torna-se uma espécie de orientadora do jovem poeta. Publica suas primeiras poesias em coletânea e a peça *O humor dos amantes*.

1769 – Recupera-se lentamente de sua doença. Ocupa-se da química e da alquimia.

1770 – Muda-se para Strassburg, onde visita seminários de medicina, cirurgia e história, entre outros. Em setembro conhece Johann Gottfried Herder, que introduz o autor nas leituras de Homero, Píndaro, Shakespeare e Ossian, fazendo com que passe a se interessar também pela poesia da tradição popular alemã. Em outubro conhece Friederike Brion, filha de um pastor de Sesenheim, por quem se apaixona.

1771 – Volta mais uma vez a Frankfurt, deixando Strassburg para trás e se despedindo de Friederike Brion. Passa a advogar em sua cidade natal. Primeira versão de *Götz von Berlichingen*. Planos em relação a *Fausto*.

1772 – Em maio muda-se para Wetzlar. Num baile conhece Charlotte Buff, a inspiradora do *Werther*. Em setembro se despede da cidade depois do desencanto amoroso. Em outubro acontece o suicídio de Karl Wilhelm Jerusalem.

1774 – Em 10 de fevereiro começa a escritura do *Werther*, terminado quatro semanas depois. Em março escreve *Clavigo* em oito dias. Em outubro conhece Klopstock. Publicação de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Em dezembro é apresentado ao príncipe de Weimar, Carl August.

1775 – Conhece Lili Schönemman, filha de um banqueiro de Frankfurt, por quem torna a se apaixonar. Goethe fica noivo da moça em março e separa-de dela em outubro. Viagem a Zurique, onde vive em casa de Lavater. É convidado a ir a Weimar pelo agora príncipe regente Carl August, de apenas 18 anos. Primeira viagem – rápida – à Itália. Em Weimar conhece Charlotte von Stein, com quem manteria longa amizade, tornando-se preceptor de seu filho, Fritz, que passa a morar na casa do autor depois de certo tempo. Publica, entre outras obras, *Stella* e o *Fausto Original* (Urfaust).

1777 – Começa a escrever o *Wilhelm Meister*, modelo de romance de formação na Alemanha.

1779 – Principia e termina a primeira versão de *Ifigênia*. Viaja muito a serviço do condado de Weimar onde também desempenha atividades estratégicas, teatrais e artísticas de todo tipo.

1784 – De há muito ocupado em estudos de ordem científica, Goethe descobre o osso intermaxilar. Continua viajando muito. À região do Harz, na Alemanha – onde fica o Brocken, monte famoso no *Fausto* –, viaja pela terceira vez.

1786 – Viagem secreta à Itália (parte de Karlsbad, passa por Munique, Verona, Vicenza, Pádua, Veneza, para enfim chegar a Roma). Sai anônimo, disfarçado e sem dizer a ninguém. Já na Itália, encontra Tischbein, que começa a trabalhar na pintura de seu famoso retrato. A viagem seria decisiva na obra do autor e assinalaria sua passagem da fase romântica para a fase classicista.

1787 – Termina a *Ifigênia* em versos. Viaja a Nápoles e à Sicília. Volta a Roma.

1788 – Depois de conhecer várias das cidades da Itália, volta a Weimar. Conhece Christine Vulpius, volta a se apaixonar e acaba se casando com a moça. Primeiro encontro com Schiller.

1789 – Nasce August, o único de seus cinco filhos que sobreviveria e lhe daria netos.

1790 – Torna a viajar à Itália. Faz estudos de ótica, botânica e anatomia, já desenvolvidos em desenhos anteriormente.

1794 – Inicia a amizade com Schiller, com trocas longas e recíprocas de hospedagem. Os amigos ficam juntos por vezes durante meses, ora em Jena, cidade de Schiller, ora em Weimar. Quando não estão juntos, trocam correspondências.

1796 – Goethe e Schiller trabalham juntos nos "Xenien", uma coletânea de epigramas e aforismos.

1800 – Goethe traduz a tragédia *Tancredo* de Voltaire, depois de ter traduzido e encenado *Maomé*, outra das peças do autor francês.

1805 – Goethe adoece várias vezes, com problemas de rins e cãibras. Schiller também adoece e morre. Goethe publica as primeiras partes de *Teoria das cores* (Farbenlehre).

1808 – Encontro com Napoleão. Goethe começa a escrever *As afinidades eletivas*.

1811 – Começa a trabalhar em *Poesia e Verdade*, sua obra autobiográfica.

1817 – Publica a primeira e a segunda partes de *Viagens italianas*, obra iniciada em 1813.

1819 – Lança *West-östlichen Divan*, coletânea de poesias escritas sob a influência do poeta persa Hafis, cujas poesias viera a conhecer em 1814.

1821 – Conhece Ulrike von Levetzow em Marienbad. Depois de ter perdido a esposa em 1816, uma nova e jovem paixão anima o coração envelhecido de Goethe.

1823 – Primeiro contato com Eckermann, que viria a escrever, depois da morte do autor, o célebre livro *Conversações com Goethe*. O escritor adoece seriamente, com problemas no coração e nos pulmões.

1826 – Depois de ter lançado uma primeira versão de suas obras completas em 1788, Goethe prepara mais uma edição, desta vez em 40 volumes, recebendo a quantia significativa de 60.000 táleres de seu editor.

1829 – Depois de ter trabalhado durante anos na saga de *Wilhelm Meister* (*Anos de Aprendizagem* e *Anos de Peregrinação*), a obra enfim está completa. Os trabalhos na versão definitiva do *Fausto* – retomado em 1798, cuja primeira parte fora concluída e publicada em 1806 – continuam.

1831 – Termina *Poesia e Verdade*. Em 06 de janeiro deixa pronto seu testamento. Termina também o *Fausto*, sua obra-prima, da qual se ocupou a vida inteira. O manuscrito da parte final é selado e guardado para ser publicado apenas depois de sua morte.

1832 – Goethe morre em 22 de março.

Título do original alemão: *Die Leiden des Jungen Werthers*
Tradução baseada na Jubiläums Ausgabe em quarenta volumes
Editada por J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, Stuttgart und Berlin.
Tradução: Marcelo Backes
Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre detalhe da obra de E. Monchenko
Revisão: Renato Deitos

G546s

Goethe, Johann Wolfgang, *von*, 1749-1832.
Os sofrimentos do jovem Werther [recurso eletrônico] / Johann Wolfgang Goethe; tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. – Porto Alegre: L&PM, 2010.
recurso digital

Formato:ePub
Requisitos do sistema:
Modo de acesso:

ISBN 978.85.254.2297-2 (recurso eletrônico)

1.Romance alemão. 2. Livros eletrônicos I.Backes, Marcelo, 1973-. II.Título.

10-6338.
CDD: 833
CDU: 821.112.2-3
07.12.10 16.12.10
023323

© da tradução, L&PM Editores, 2001
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br